

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO**  
**MESTRADO EM LETRAS — ESTUDOS LITERÁRIOS**

VIVIANNE DA CRUZ VULCÃO

**MEMÓRIA DO MUNICÍPIO DE CAMETÁ: O CONTAR E  
RECONTAR DOS “NOTÁVEIS” ALBERTO MOIA MOCBEL E  
VICTOR TAMER**

BELÉM

2014

VIVIANNE DA CRUZ VULCÃO

**MEMÓRIA DO MUNICÍPIO DE CAMETÁ: O CONTAR E  
RECONTAR DOS “NOTÁVEIS” ALBERTO MOIA MOCBEL E  
VICTOR TAMER**

Dissertação de Mestrado como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará.

Orientador (a): Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões.

BELÉM

2014

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

VIVIANNE DA CRUZ VULCÃO

**MEMÓRIA DO MUNICÍPIO DE CAMETÁ: O CONTAR E  
RECONTAR DOS “NOTÁVEIS” ALBERTO MOIA MOCBEL E  
VICTOR TAMER**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO AVALIADA POR

1. Prof. Dr. Sílvio Augusto de Oliveira Holanda - UFPA
2. Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria de Fátima do Nascimento - UFPA
3. Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Josebel Akel Fares - UEPA
4. Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões - UFPA (orientadora)

Belém-PA, 26 de junho de 2014.

Dedico este trabalho aos meus pais Jean Bordalo Pinheiro Vulcão e Maria Marciana da Cruz Vulcão pela educação, incentivo aos estudos, conselhos, investimento, apoio, entrega, cumplicidade, enfim, pelo amor incondicional dedicado a mim e aos meus irmãos em todos os momentos de nossas vidas.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, pelos dons da vida; inteligência e livre arbítrio;

Aos meus avós paternos e maternos (*in memoriam*), Giordano Pereira Vulcão, Maria Madalena Pinheiro Vulcão, Olinto Padilha da Cruz e Dulcinéia Mindêlo da Cruz, por todo carinho e cuidados de vovô e vovó, Papai Chico e Mãe Dorce;

Aos meus irmãos Jeanne Bordalo da Cruz Vulcão e Kirk Patrick da Cruz Vulcão, pelo respeito e reconhecimento sincero de minhas escolhas;

Aos cunhados Dennis Marcelo de Quadros Costa e Milena dos Santos Alves, pela presença em todos os momentos de minha vida;

Ao sobrinho, afilhado e filho do coração, Daniel Vulcão Costa, pelo abraço de saudade, encontro ou despedida que sempre eternizam —nosso instantell; seja pela benção respeitosa ou por sua obediência infantil;

Ao noivo e amigo Nilrivan Furtado Sanches, pela companhia, sensibilidade em sempre poder me ouvir, dividir, compartilhar, projetar sonhos; superar crises, respeitar meus momentos e por fazer de tudo para estar ao meu lado sempre;

Aos familiares em geral, amigos e a todos os professores que passaram em minha vida e contribuíram para minha formação escolar e acadêmica na cidade de Cametá. Entre os quais destaco: Celso Francês, Ângela Sampaio e Maria Lucilena (Cica), pelas preciosas orientações em minhas produções linguísticas e literárias, por seus conselhos, incentivo e pela amizade sincera que consolida os laços da relação professor-aluno;

A Victor Tamer (*in memoriam*) e aos demais escritores cametaenses citados neste trabalho: Alberto Moia Mocbel, Doriedson Rodrigues, Danúzio Pompeu e Salomão Larêdo. Sou grata pela acolhida carinhosa durante nossos encontros e pela consideração que sempre tiveram diante de meus trabalhos de estudante, pesquisadora e professora. Mais do que escritores, vocês sempre serão —formadores de almas!!;

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL, em especial às atuais coordenadoras, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Germana Sales e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marília Ferreira, pela excelente administração frente às turmas de Mestrado e de Doutorado;

Aos demais Professores, entre os quais destaco minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Socorro Simões, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marlí Furtado, Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> José Guilherme, Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Antônio Máximo e Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Luís Heleno pelos ensinamentos e atenção no decorrer das disciplinas cursadas;

Aos Professores, Dr.º Sílvio Holanda e a Prof.ª Dr.ª Maria de Fátima Nascimento, por gentilmente terem aceitado o convite para compor a minha banca avaliadora;

A todos os colegas da Pós-graduação, em especial aos mais próximos: Breno, Edvaldo, Regina e Suellen, pelo trabalho em equipe, pela atenção na apresentação em seminários, eventos, congressos, viagens e por todas as histórias familiares e pessoais compartilhadas ao longo de 24 meses de Mestrado;

A minha amiga Veridiana Valente, —Veríl (mais do que uma amiga, uma pessoa da família, a irmã do coração que encontrei em Belém!) e seu esposo, Dr. Humberto, e seus filhos, pessoas iluminadas e merecedoras de muitas bênçãos;

Ao amigo Eduardo Brito, o qual pôde esclarecer todas as minhas dúvidas em relação ao exame de proficiência, aos períodos de matrícula, datas limites para pedido, entrega e recebimento de documentações, que, na condição de alunos, às vezes —nos esquecemos. Um secretário dedicado, competente e que, com sua simplicidade e excelência profissional, sempre receberá meu sincero reconhecimento, mesmo não ocupando mais o cargo atualmente;

Aos ex-colegas de trabalho, tanto do Hospital Regional, quanto do 13º Centro Regional de Saúde de Cametá/SESPA;

Aos Professores e alunos da EMEF, Sodrelino Garcia Duarte - Distrito de Janua-Coelly, em Cametá;

Aos Professores e alunos da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Altamira, pela acolhida, recepção, incentivo e compreensão quanto à desistência de minha vaga;

Ao Secretário Municipal de Educação da Cidade de Cametá, Prof.º Dr.º Gilmar da Silva Pereira; à Coordenadora do Departamento de Programas e Projetos, Maria Salete Pantoja Aquime; à Coordenadora do Programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa-PNAIC, Professora Gilma Guimarães Lisboa; ao seu esposo, Professor José Rivaldo Lisboa, e às colegas Lenira Andrade, Maridalva Araújo e Maria do Carmo dos Santos. Enfim, a todos os Professores Orientadores do PNAIC e do departamento em geral que me acolheram nas equipes e sempre entenderam a importância desse momento de produção acadêmica.

A todos, muito obrigada!

*—O sentido de narrativa guarda em si uma grande variedade de significados e, por isso mesmo suscita questionamentos permanentes.‡*

Socorro Simões

## RESUMO

Este trabalho é fruto da pesquisa de Mestrado intitulada *Memória do município de Cametá: o contar e recontar dos “notáveis” Alberto Moia Mochel e Victor Tamer*, que tem como objetivo analisar narrativas que tematizam a memória histórica e temporal do município de Cametá, mediante a fatos —contados‖ e —recontados‖ pelos autores cametaenses Victor Tamer e Alberto Moia Mochel. A análise das narrativas —Visagens e Assombrações da infância‖ e —O homem estrela‖ foram escolhidas por se considerar que estas se encaixam no perfil do tema escolhido. A seleção também se justifica pelo fato das narrativas se relacionarem ao universo cotidiano que matiza os acontecimentos históricos da Cametá de outrora. Nesse sentido, o texto contempla referenciais teóricos voltados para as produções literárias de escritores locais, pesquisadores e estudiosos do cânone literário em geral. Desse modo, apresentaremos no texto alguns levantamentos históricos sob a secular cidade, objetivando contemplar também a memória testemunhal. Para tal fundamentação, se destaca alguns autores locais como Ignácio Moura (1910), Salomão Lâredo (2013), Danúzio Pompeu (2013), Doriedson Rodrigues (2003); relatos da entrevista concedida pelo escritor Alberto Mochel no mês de setembro do ano de 2013 em Cametá e outras pesquisas documentais realizadas no Museu Histórico de Cametá e na Academia Paraense de Letras, onde também coletamos informações referentes ao antigo Sistema de Iluminação Pública. Disponibiliza-se fotografias com o intuito de elucidar e —comprovar‖ a veracidade de fatos apresentados e descritos nas obras de Mochel (2009) e Tamer (2012). Frente aos estudos relacionados à categoria memória, recorreremos às teorias de autores como Pierre Nora (1993), Jacques Le Goff (2003), Ecléa Bosi (1994), Jerusa Pires (2003), Aleida Assmann (2011), Walter Benjamin (1994) e Maurice Halbwachs (2006). Autores como Homi Bhabha (1998) e outros que trabalham com as categorias da identidade cultural, conceito este que também subsidiou o aporte teórico deste trabalho e, portanto, não menos importantes para as discussões que serão suscitadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** História. Cametá. Memória. Narrativa.



## ABSTRACT

This paper is the result of Master research titled *Memory of the municipality of Cametá: the telling and retelling of “notable” Alberto Moia Mocbel and Victor Tamer*, which aims to analyze narratives that thematize the temporal and historical memory of the municipality of Cametá, through —told and —retold facts by the Cametaenses authors Victor Tamer and Alberto Moia Mocbel. The analysis of the narratives of —Visagens e assombrações da infância II and —O homem estrelal, were chosen because we believe they fit into the profile of the chosen topic. The selection is also justified by the fact that the narratives relate to the every universe that merges the historical events of Cametá of yore. Accordingly, the text contemplates theoretical frameworks focused on the literary productions of local writers, researchers and scholars of the literary canon in general. Thus, we present in the text, some historical surveys in the secular city, aiming also to contemplate the testimonial memory and for such reasons, we highlighted some local authors such as Ignácio Moura (1910), Salomão Larêdo (2013), Danúzio Pompeu (2013), Doriedson Rodrigues (2003), reports of an interview granted by the writer Alberto Mocbel in September of the year 2013 in Cametá and other documentary research accomplished in the Historical Museum of Cametá and in the Paraense Academy of Letters, where we also collected information referring to the old public lighting system. We provided photographs in order to elucidate and —prove the veracity of the facts presented and described in the works of Mocbel (2009) and Tamer (2012). Against studies related to the memory category, we used the theories of authors such as Pierre Nora (1993); Jacques Le Goff (2003); Ecléa Bosi (1994); Jerusa Pires (2003); Aleida Assmann (2011); Walter Benjamin (1994) and Maurice Halbwachs (2006). Authors such as Homi Bhabha (1998) and others with cultural identity themes, which, subsidized the theoretical basis and no less important for the discussions that will be raised.

**KEY-WORDS** : History. Cametá. Memory. Narrative.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01:</b> Prédio onde funcionou a primeira usina elétrica de Cametá. ....	15
<b>Figura 02:</b> Resquícios do maquinário do Sistema <i>Fichet</i> , movido a gás benzol.....	24
<b>Figura 03:</b> Poste que dependia de pessoas para acendê-lo (à esquerda) e sistema de iluminação pública rudimentar (à direita).....	25
<b>Figura 04:</b> Poste de ferro referente ao sistema de iluminação pública movida a carbureto.....	26
<b>Figura 05:</b> Escada de pedra. Existiu na frente da cidade e desmoronou há mais de 30 anos.....	27
<b>Figura 06:</b> Praça dos notáveis (à esquerda) e o jardim dos artistas (à direita). ....	66
<b>Figura 07:</b> Catedral de São João Batista (à esquerda), vista de parte do Cais (ao centro) e Praia da Aldeia (à direita). ....	67
<b>Figura 08:</b> Fotos de obras publicadas por Victor Tamer. Exemplares originais. ....	78
<b>Figura 09:</b> Fotos de outras obras publicadas por Victor Tamer. Exemplares originais. ....	78
<b>Figura 10:</b> Fotos de outras obras publicadas por Victor Tamer. Exemplares originais. ....	79
<b>Figura 11:</b> Fotos de obras publicadas por Alberto Moia Mocbel. Exemplares originais.....	81
<b>Figura 12:</b> Fotos de outras obras publicadas por Alberto Moia Mocbel. Exemplares originais. ....	82

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO I: CONTEXTO HISTÓRICO: Cameté e suas Matizes .....</b>	<b>18</b>
1.1 A RELAÇÃO ENTRE HISTÓRIA E MODERNIDADE.....	23
1.2 TRADIÇÃO CULTURAL CAMETAENSE: CARNAVAL, MUSICALIDADE E DIALETO.....	29
<b>CAPÍTULO II: APORTE TEÓRICO: Memória, Tradição e História Oral.....</b>	<b>41</b>
2.1 TEORIAS DA MEMÓRIA, CONCEITOS E PARTICULARIDADES .....	45
2.2 ESTUDOS SOBRE TRADIÇÃO E IDENTIDADE.....	50
2.3 NARRATIVAS E HISTÓRIA ORAL: Vivências e Relatos. Leitura e Interpretação do Livro Abaetetuba Conta (1995).....	55
<b>CAPÍTULO III: ANÁLISE DAS NARRATIVAS: As Marcas de uma Tradição Cultural a ser Conhecida e Preservada .....</b>	<b>63</b>
3.1 OS “NOTÁVEIS” VICTOR TAMER E ALBERTO MOIA MOCBEL .....	75
3.2 VISAGENS E ASSOMBRAÇÕES DA INFÂNCIA I .....	82
3.3 O HOMEM ESTRELA .....	86
3.4 SÍNTESE DO CONTEÚDO, ELEMENTOS ESTRUTURAIS E A RELEVÂNCIA DOS FATOS DESCRITOS PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA.....	88
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>91</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>93</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>97</b>

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação apresenta a análise de duas narrativas cametaenses que circulam num universo literário entrecruzado tematicamente, isto é, ora envolvendo o rio e seus mitos, ora privilegiando o espaço urbano e suas lendas. Desse modo, busca-se analisar —Visagens e Assombrações da Infância II, que constitui o Capítulo I – A Infância comanda a vida, da obra intitulada *Crônicas e Memórias* (2012), do escritor cametaense Victor Tamer<sup>1</sup>, organizado por seu filho, Sérgio Tamer, e por seu neto, Sérgio Martins Tamer. Além dessa narrativa, também se analisará a narrativa —O homem estrela<sup>2</sup>, de Alberto Moia Mochel<sup>2</sup>, presente na obra *Luzes da Inspiração, Contos, Crônicas, Poesias e Pensamentos* (2009).

Ao longo da pesquisa percebeu-se que as narrativas selecionadas elucidam os aspectos citados anteriormente. Antes de apresentarmos tais elementos, que compõem a história da cidade, cumpre destacar que os referidos textos foram organizados, editados, publicados e se originaram por meio da transmissão oral. Logo, essas narrativas fomentam a produção literária do município, com vista a um ensaio que marcaria uma tradição da cidade de Cameté e de autores locais que publicam estes tipos de textos, em formato de memória, para evidenciar aspectos da sociedade cametaense.

Os dois autores citados anteriormente obtiveram, com suas produções, uma maior repercussão quanto ao meio de circulação em que hoje estão inseridas. Com base nessas primeiras constatações, entendemos o quanto a memória, a tradição e a história oral podem e devem ser estudadas de maneira mais detalhada a fins de possíveis verificações dos elementos que fundamentam toda a tradição, presente na memória, mediante a impressão dos registros culturais manifestados *in loco*. Daí a necessidade do estudo das obras desses autores, primeiro pelo fato de ainda não terem sido estudados, segundo porque é o estudo da memória do município que origina estas narrativas.

É importante também chamar a atenção do leitor quanto à importância e à contribuição que tais registros literários têm para a manutenção da memória local e cultural das narrativas orais. Somado a esse fator, nossa hipótese principal é verificar como os elementos de manutenção da memória local ainda interferem na vivência da comunidade cametaense; pois,

---

<sup>1</sup> Victor Tamer desempenhou as funções de odontólogo; professor de francês; escritor; poeta e pintor. O referido escritor também se destacou como membro da Academia Paraense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Pará.

<sup>2</sup> Alberto Moia Mochel, tabelião por profissão, é escritor, poeta, apreciador das artes, pesquisador e membro correspondente da Academia Paraense de Letras.

em síntese, as narrativas problematizam alguns fatos peculiares da vida do homem citadino (antigamente mais crente e atualmente mais descrente diante de tais acontecimentos).

A questão da veracidade torna-se fundamental neste trabalho à medida que aguça a imaginação do ouvinte e do leitor. Este último, quando em contato com essas narrativas, reporta-se às questões reflexivas tanto em relação ao mito, quanto ao princípio de verdade. Condizente com essa questão justifica-se a escolha das citações de Alberto Moia Mocbel, Socorro Simões e Victor Tamer, as quais antecedem o início do texto, uma vez que se discorrerá também sobre memória.

Destaca-se também um estudo acerca das relações entre memória e tradição, mediante às implicações históricas que se fazem presentes nas duas narrativas selecionadas e posteriormente analisadas, de modo a estabelecer um liame entre o que se acabou de problematizar. Portanto, se faz necessário elencar algumas pontuações que norteiam a estrutura das narrativas: em primeiro lugar no que se refere à questão da recordação, no sentido de que há uma lembrança saudosista presente nas duas narrativas, ou seja, os autores recordam de pessoas (conhecidas ou familiares) e lugares – em sua maioria, vias públicas. Em segundo lugar, salienta-se a forte inferência ao tempo, pois há marcas temporais em relação aos fatos ocorridos que se referem às décadas de 1950 a 1970. Esse elemento temporal pode ser entendido aqui com o que Pierre Nora denomina de —vestígios datados de memória, ou seja, aquilo que fica gravado como data precisa de um acontecimento<sup>11</sup> (NOURA, 1993, p. 3). Cumpre ressaltar que os acontecimentos dessa época fazem referência ao período noturno, com ênfase ao fator cronológico, passar das horas por assim se dizer. Em terceiro lugar, percebeu-se o questionamento, uma espécie de contestação quanto à veracidade dos fatos no que se refere à conformidade com o real. Por exemplo: em meio às duas narrativas surge um elemento novo, a escuridão, proveniente do realce que os autores fazem ao abordarem o período da deficiente iluminação pública vivenciada na cidade de Cameté nas décadas mencionadas acima.

Sendo assim, os estudos dos três elementos já pontuados anteriormente e diante da análise de cada narrativa em particular, foi possível nos aproximarmos de temas comuns que podem ser de fácil aceitação tanto por parte do ouvinte, quanto pelo leitor em contato com essas produções, no sentido de que as personagens dizem presenciar os fatos. Porém, há quem questione e não veja como algo habitual ou corriqueiro os fatos contidos nessas histórias.

Desse modo, um estudo mais específico acerca dos elementos centrais que sustentam estas narrativas em meio à tradição histórica e cultural da cidade de Cameté se faz necessário e por isso realizarmos um levantamento relacionado à verdade ficcional e a constatada.

Além da utilização das obras de Mochel e Tamer, consultaram-se outros autores para fundamentar nossos estudos em relação a alguns aspectos peculiares da cidade de Cametá. Buscou-se mapear algumas bases teóricas também de autores cametaenses, elementos que de alguma forma norteiam a memória de Cametá. Para tal intento, foram consideradas as obras *De Belém a S.João do Araguaia* (1910), de Ignácio de Moura; *Marcadores conversacionais* (2003), de Doriedson Rodrigues e *Terra dos Romualdos – País dos Maparás* (2013), de Salomão Larêdo. Tais estudos apresentam ao leitor elementos significativos que contribuíram para alicerçar nossa proposta de análise, entre os quais podemos citar: a contextualização histórica pictórica de Cametá, a linguagem, o dialeto, o efeito de registro memorial, a origem da cidade, a localização, a questão econômica e a diversidade que identificam os povos da zona urbana e rural.

Também realizamos uma pesquisa, de caráter documental, referente ao período em que a cidade de Cametá dispôs de precárias condições em relação ao sistema de abastecimento de energia, no Museu Histórico de Cametá, espaço este devidamente registrado por meio de câmera fotográfica. Acrescentam-se também as inferências textuais anônimas para explicar como esse sistema funcionava de forma problemática. A seguir, um registro fotográfico coletado no Museu Histórico de Cametá, do prédio onde funcionou a primeira usina elétrica de Cametá (Figura 01). Depois o espaço tornou-se sede da Empresa de Assistência Técnica e Rural (EMATER), do Tiro de Guerra e atualmente abriga o Museu Histórico de Cametá<sup>3</sup>. A Fonte é anônima – referência aos anos de 1970, 1980 e 2000, respectivamente.

---

<sup>3</sup> O Museu Histórico de Cametá denomina-se Raimundo Penafort de Sena. O nome é uma homenagem, *in memoriam*, ao cametaense popularmente conhecido como Mestre Penafort, cuja pessoa muito contribuiu para a manutenção dos acervos ali preservados até os dias de hoje.

**Figura 01:** Prédio onde funcionou a primeira usina elétrica de Cametá.



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Cametá.

Para se discutir os conceitos de memória, tradição e história oral neste trabalho, buscou-se alguns dos principais estudos de autores que tratam sobre o referido tema, tais como: *Memória e sociedade* (2006), de Ecléa Bosi, e *Armadilhas da Memória e outros ensaios* (2003), de Jerusa Ferreira. Para referenciar alguns aspectos fundamentais da lembrança de velhos ou de idosos, por assim dizer; *História e memória* (2003), de Jacques Le Goff, entre outros.

Frente às problematizações relacionadas a temas comuns do universo cultural cametaense a exemplo do carnaval, musicalidade e dialeto, destacamos porque todos estão interligados a uma memória de grupo. Tais temas, por sua vez, fundamentaram nossos estudos sobre a tradição no município de Cametá e das produções literárias locais. Nesse sentido, também se recorreu à coleta de dados históricos e geográficos, encontrados em outras fontes de pesquisas (livros de autores locais, artigos, matérias de jornal impresso e fotografias), por estarem relacionados ao universo das narrativas a serem analisadas.

Em nossas pesquisas, verificamos que as narrativas de Tamer e Mocbel, em particular, podem ser inseridas no contexto da tradição e da história, haja vista que suas produções literárias se configuram a partir da rememoração do tempo e do espaço, tendo como base a memória coletiva. Tal relação é reproduzida por meio de um processo de —apropriação! das narrativas orais pelos autores citados, respectivamente, via discurso direto em primeira pessoa, via discurso indireto em terceira pessoa. Assim, o estudo dessas narrativas nos permite lançar

outro olhar para esta cidade e revisitar uma literatura oral própria, impressa nos matizes de Cameté.

Vale ressaltar que, durante a análise das narrativas, foi possível evidenciar elementos peculiares acerca da história, da memória e da tradição cultural da cidade de Cameté. Nesse sentido, a narrativa de Tamer parte das experiências pessoais e, ao valer-se das lembranças de sua infância, este autor dá vazão a tais elementos e hábitos cametaenses. Em contrapartida, a narrativa de Mochel é marcada por relatos nos quais a expressividade narrativa empregada na produção da história também abarca a memória social do povo cametaense. Desse modo, justificamos a importância desses elementos para os estudos das narrativas orais, em particular das narrativas literárias cametaenses, pelo fato de outros elementos como o orgulho, o prazer e a alegria em contar histórias apresentarem-se de modo inerente à personalidade de muitos cidadãos que estabelecem um elo com as gerações passadas que viveram, permitindo desta maneira que a geração presente os revise por meio de leituras e estudos dessa natureza.

Avaliamos que, para abordar, de forma mais precisa e pontual, os conceitos sobre história, memória e tradição culturais acima mencionados, foi necessário um tratamento rigoroso e, para tal, embasamo-nos em estudos de Michel Pollak em *Memória e Identidade Social* (1992); Aleida Assmann em *Espaço da recordação* (2011), entre outros que também nos permitiram encontrar novas possibilidades de leitura e ampliação do tema *Memória de Cameté*.

Outros elementos que estão presentes indiretamente nas narrativas também foram muito significativos para a composição deste trabalho. São estes: a recordação, como espaço, além da memória coletiva. O primeiro, mais do que algo superficialmente ligado à lembrança, deve relacionar-se ao caráter retrospectivo, em outras palavras, antes da edição dessas narrativas, que foram contadas e recontadas inúmeras vezes e toda a fundamentação acerca da memória também deve focalizar esses possíveis —lembrar‖ e —esquecer‖ para saber contar e recontar de novo. O segundo deve se associar à questão do tempo, levando em conta ainda a forma que é dividido para todos, se temos em comum a mesma idade, se compartilhamos as experiências que trazemos, em suma, se temos um tempo coletivo.

Diante de tudo que foi exposto, reforça-se a hipótese central de averiguar até que ponto os registros literários contribuem para a manutenção da memória local e cultural das narrativas orais desses escritores cametaenses. Uma vez que este trabalho por ser uma pesquisa que utiliza como base metodológica um estudo comparativo relacionado ao testemunho, foi importante também ter levado em consideração o contexto de produção das narrativas no que concerne à metodologia aqui aplicada, isto é, realizar uma pesquisa bibliográfica, com vistas a



identificar se haveria outros referenciais a serem considerados e inseridos. A pesquisa bibliográfica, portanto, contou com um levantamento minucioso de estudos no âmbito da história e da teoria da memória.

De modo a primar por uma compreensão mais elaborada acerca do tratamento dos dados e da análise das narrativas, dividiu-se o trabalho da seguinte forma: no primeiro capítulo, intitulado —Contexto histórico: Cameté e suas matizes‖, apresentamos o contexto histórico da cidade de Cameté e chamamos atenção para aspectos fundamentais acerca da historiografia e geografia local com o objetivo de apresentar a cidade aqueles que ainda não conhecem sua história e referenciar o que há de mais recente e atual, organizado por escritores e pesquisadores locais, além de utilizamos também textos de outros estudiosos oriundos desse campo, tais como Walter Benjamin, que muito nos auxiliou no embasamento teórico aqui discutido.

No segundo capítulo, denominado —Aporte teórico: memória, tradição e história oral‖, trabalhou-se com as teorias da memória, da tradição e narrativas orais, mediante uma abordagem de —estudo comparativo‖ relacionado ao testemunho, que, por sua vez, serviu de base para compreensão dos elementos e conceitos levantados.

No terceiro capítulo, denominado —Análise das narrativas: as marcas de uma tradição cultural a ser conhecida e preservada‖, foi possível verificar o quanto as narrativas, diante dos elementos da memória, da tradição e dos demais elementos que compõem as narrativas orais, nos possibilita a olhar as narrativas do município de Cameté de maneira diferenciada. Sendo assim, a análise das narrativas de Tamer e Mochel, contribuem para que se conheçam aspectos inerentes à história oral, cultural e literária do referido município. Ainda que pouco estudados, os consideramos suficientemente justificáveis para fins de elaboração deste trabalho.

## CAPÍTULO I: CONTEXTO HISTÓRICO: Cameté e suas Matizes

—[N]ão podemos ignorar a História, os fatos, os acontecimentos, a nossa história, pois é nossa.¶

(LARÊDO, 2013)

A epígrafe retirada do livro *Terra dos Romualdos – País dos Maparás* (2013), do escritor Salomão Larêdo, fundamenta nosso objetivo inicial: apresentar elementos que referenciam a memória histórica da cidade de Cameté. Dentre os principais enfoques a serem abordados ao longo da discussão proposta nesse trabalho, destacam-se algumas descrições referentes à época do abastecimento de energia elétrica. Considerado pelas gerações de 1950, 1960 e 1970, como um sistema precário e rudimentar, se comparado aos da atualidade, os elementos narrativos refletidos na produção literária de alguns escritores cametaenses tornaram-se de fundamental importância, pois, por meio da —escuridão¶, proveniente do desligamento do sistema elétrico, aqueles foram capazes de criar uma ambientação do espaço urbano da época e propiciar aos moradores e as gerações futuras o —contar¶ e o —recontar¶ de histórias, as quais elucidam principalmente a memória e a história do homem cametaense.

Nesse sentido, pretende-se apresentar alguns fatos históricos que foram considerados de fundamental importância a todos que, em contato direto ou indireto com esse trabalho, cametaenses ou não; paraenses ou não; possam vir a conhecer a cidade de Cameté uma vez que a memória histórica desta cidade, ao longo de 378 anos, deve de alguma maneira ser objeto de estudos e de preservação em todos os sentidos.

Acerca da cidade de Cameté, cumpre informar ao leitor de que é uma das cidades mais antigas do Estado do Pará. Entre todas, talvez seja a que mais possua distritos e vilas. Do ponto de vista histórico, durante os primeiros anos de sua ocupação foi denominada preliminarmente como Vila de Santa Cruz dos Camutás. No entanto, por conta de sua fundação, ocorrida oficialmente no dia 24 de dezembro de 1635, recebeu de seu fundador Feliciano Coêlho de Carvalho outro nome, o de Vila Viçosa de Santa Cruz de Cameté. A data de fundação também contemplou a escolha do padroeiro, São João Batista. Entre os inúmeros fatos associados à fundação da cidade, destacamos dois, aqui descritos e que serão comentados: o desenvolvimento primitivo e a ocupação de uma nova área urbana.

Nos primeiros anos de ocupação, a cidade de Cametá se desenvolveu num vilarejo, chamado Cametá Tapera<sup>4</sup> antes da fundação oficial da cidade. De acordo com relatos informais, repassados de geração a geração, estima-se que por mais de 60 ou 65 anos, Cametá se desenvolveu nesse lugar. Após a fundação oficial, uma nova ocupação ocorreu. A nova área, denominada urbana, é a que até hoje conhecemos como a sede do município por assim dizer. Cametá Tapera fica afastado poucos minutos da sede. Tal vilarejo pertence à zona rural e em relação a estes fatos, Ignácio Baptista de Moura, na obra *De Belém a S. João do Araguaya, Valle do Rio Tocantins* (1910), nos diz no capítulo II que

Grande número de colonos cuidaram de estabelecer-se em outro ponto mais acima do rio, já pra se livrarem da tutela imediata da administração do primitivo núcleo, já por acharem que o lugar escolhido tinha maior salubridade e vista mais aprazível (MOURA, 1910, p. 47)

Os comentários de Moura e a leitura dos demais capítulos que compõem a obra citada retratam fatos históricos sobre a cidade de Cametá. Pode-se declarar, em síntese, que, desse primeiro estágio de —urbanização, o autor nos fala da transposição de Cametá para outro ponto com muita propriedade. Nesse sentido, os estudos do autor nos permite entender que a ocupação de um novo núcleo designou o antigo, como um lugar posto de lado, do qual os habitantes desistiram, porque na língua Tupi a palavra *tapera* designa local abandonado. Ainda sobre esta temática, verificamos que a população nascente necessitava expandir-se e o vilarejo não suportava mais as precárias habitações. Neste momento da fundação, século XVII, havia novas possibilidades de expansão e o crescimento comercial da cidade ficou em evidencia. Tal fato influenciou a vinda de vários imigrantes que chegaram com suas famílias, fixaram residência na —nova cidadel e tornaram-se comerciantes.

Se compararmos o vilarejo Cametá Tapera e a área urbana, hoje sede da cidade de Cametá, ambas diferem em muitos aspectos. Enquanto o vilarejo ainda evoca ares rústicos e apresenta uma vegetação secular bem preservada, a área urbana, por sua vez, ainda que mais desenvolvida e habitada que o vilarejo, apresenta algumas construções históricas, sendo a maioria residências. As primeiras ruas da cidade nos permitiram perceber que as obras de pavimentação são antigas e, nesse sentido, o cenário urbanístico dos primeiros anos ainda sobrevive à ação do tempo. Alguns prédios residenciais no passado dividiam espaços com a —casa de morada das famílias. Em sua maioria, muitas ajudavam na comercialização de gêneros alimentícios e armário. Hoje, esses mesmos espaços servem apenas como pontos

---

<sup>4</sup> Um dos principais balneários e pontos turísticos da cidade.

comerciais e são alugados por seus donos. Poucos são os proprietários que conciliam o trabalho comercial e a moradia nesses espaços.

A presença do Rio Tocantins também é marcante na vida dos cametaenses já que influenciou no passado e ainda determina o futuro de uma cidade que corre o risco de ser —tragada pela força de suas águas, ou melhor, pelas frequentes erosões.

Todos os referenciais elencados fundamentarão os estudos sobre memória e história que esta dissertação pretende apresentar. Consideramos ainda que a maioria dos aspectos, que serão abordados no terceiro capítulo, referentes à análise das narrativas em relação aos autores cametaenses, emana de fatos vivenciados, relatos ouvidos e registrados, os quais transitam tanto na memória individual quanto na memória coletiva de toda a população.

Outro aspecto interessante a ser destacado nesse primeiro momento se refere ao significado da palavra Cametá. O nome da cidade desperta, *a priori*, curiosidade. Aos mais atentos, fica no ressoar da palavra uma possível alusão à herança indígena. De fato, indígena, mas ainda desconhecida, pouco documentada e estudada.

A etimologia da palavra segundo os estudiosos e pesquisadores Alberto Moia Mochel, Carlos Roque, Doriedson Rodrigues, Jorge Hurley, Luiz Tibiriçá, Vitor Tamer, entre outros, apresenta, em comum, uma origem Tupi que culmina no significado de *casas no alto das árvores, degrau do/no mato, choupana suspensa* e afins.

Diante de tais considerações, Danúzio Pompeu, em seu artigo denominado —Conhecendo Cametá: Um panorama do município na virada do milênio (2013), publicado na obra de Salomão Larêdo descrita em parágrafos anteriores, nos diz que —por aqui habitavam os índios Camutás, possivelmente uma tribo pertencente à grande nação dos Tupinambás, pois utilizavam a língua Tupil (POMPEU, 2013, p. 213). Acerca dessas alusões, Pompeu rememorou relatos do historiador Raimundo Penafort de Sena, mais conhecido entre os cametaenses como —Mestre Penafort e a esse respeito, nos diz que é bem provável que tribos como os Carapayós, Pacayás, Cujariós e Parisós tenham originado algumas localidades, que, coincidentemente, recebem estes mesmos nomes, isto é, Carapajó, Pacajá, Cujarió e Parijós. Contudo, Pompeu reitera que, a esse respeito, é preciso realizar estudos mais específicos que comprovem tais informações.

A visão panorâmica apresentada acerca do desenvolvimento primitivo e da ocupação de uma nova área urbana da cidade de Cametá nos levou a constatar que a lembrança indígena matiza, em muitos aspectos, a história de Cametá. Ainda que alguns fatos tenham sido elencados superficialmente, percebemos o quanto as indicações do parágrafo anterior também se aplicam hipoteticamente às localidades existentes no município, as quais se visitaram

durante a pesquisa, tais como Cupijó, Curuçambaba, Pacuí, entre outras, que designam nomeações afins. Em consonância com Danúzio Pompeu, constatamos que realmente há muito que ser coletado, estudado e documentado a esse respeito.

Frente aos dados coletados e categorizados, procurou-se estabelecer pontos em comum entre a historicidade de Cameté e alguns aspectos da memória, em particular, da memória coletiva e até mesmo, de testemunho por assim se dizer, uma vez que sempre há alguém que presenciou, viveu e registrou um fato e nós só chegamos a ele, em grande parte, por meio da memória coletiva ou social, representada em sua maioria por idosos. Consideramos que os idosos são pessoas que além de viverem o tempo presente, sabem estabelecer conexões entre uma memória que se perdura no tempo e no espaço.

Para fundamentar um pouco da memória idosa e estabelecer algumas pontuações em relação à nomenclatura da cidade e a presença marcante do rio, mencionadas anteriormente, destacamos uma das citações de Moura, a esse respeito, porque para este autor —os velhos não chamavam verdadeiramente Cameté, e sim Camutá, nome que tiraram ao que nos referiram de uma tribo de índios chamados Camutás, tribo que habitava no primitivo lugar de Cameté Taperal (MOURA, 1910, p. 47).

A referida tribo, mencionada por Moura, estabelece relação com a memória da cidade por efetivar sua participação em acontecimentos de grande importância histórica. Como por exemplo, a composição da esquadilha de Pedro Teixeira, que, no ano de 1637, realizou uma viagem de dois anos e quarenta e quatro dias. Apesar do cansaço, das doenças e morte dos índios pertencentes à Tribo Camutá, essa esquadilha muito ajudou o país. Outro ponto significativo além do reconhecimento respeitoso ao espírito destemido e aventureiro dos índios foi que, no estágio inicial da colonização, muitos deles foram considerados como —mansos, tanto que isso facilitou, nas terras cametaenses, uma catequização pacífica, realizada pelas ordens religiosas da época.

Percebe-se que a ação do tempo também foi capaz de edificar a história de Cameté. Por isso, entre os aspectos que problematizam e fundamentam este trabalho, não se pode deixar de abordar algumas questões relacionadas à tradição cultural impressa, a exemplo das festas religiosas, do carnaval, do dialeto local, dos hábitos e costumes dessa população.

Em relação à religiosidade, muito se faz presente a grande influência francesa e holandesa. A presença do negro também é vista como algo importante, pois estes foram trazidos para realizar o trabalho dos índios, que, mesmo —domesticados, fugiram por terem sido escravizados.

As configurações históricas até então descritas, diante das ressonâncias indígenas, nos mostram o quanto elas contribuíram para o processo de colonização, fazendo, portanto, parte do universo histórico e cultural da população. Dessa relação é interessante percebermos o quanto a extensão territorial do município abrange vilas, distritos e ilhas que se interligam até os dias de hoje.

Outro aspecto, de natureza pessoal, associa-se às relações familiares e de compadrio, as quais intensificam laços de afetividade, mesmo quando o possível parentesco esteja muito distante, caso seja levado em conta o fator genealógico. Ao levantarmos essa abordagem, é oportuno citar nesse momento algumas afirmações de Ecléa Bosi em *Memória e sociedade lembrança de velhos* (1994). Em seus estudos sobre memória, considera que os idosos transmitem suas experiências e impressões, para explicar fatos de uma lembrança pessoal que pode ser compartilhada, uma vez que já tiveram a oportunidade de —percorrerl toda uma sociedade, com as suas marcas e características definidas. Ainda segundo a ensaísta, a lembrança do passado não é um ato individual e sim, o resultado de laços de solidariedade. Assim, fica subentendido que as rememorações são construídas diariamente e a dinâmica da memória traduzirá nossos pensamentos.

Diante da importância do trabalho de muitos cametaenses na história do Estado do Pará em relação à participação na criação e fundação de espaços como a Academia Paraense de Letras, o Instituto Histórico e Geográfico do Pará, a Universidade Federal do Pará, entre outros, é oportuno dizer que a necessidade de transmissão dessas informações aos mais jovens deve acontecer pelo interesse em saber quem são esses —Filhos Ilustresl, também denominados como —Grandes Vultosl. Em respeito à memória desses homens, em nossas pesquisas, deparamo-nos com um rico referencial teórico em que as informações acima descritas poderão ser verificadas com mais detalhes. Elas estão disponíveis tanto nos arquivos do Museu Histórico de Cametá, quanto no livro *Ecos Cametaenses* (1985), de Alberto Moia Mocbel, mais especificamente nos capítulos intitulados —Vultos que enobrecem a nossa história e —Vultos homenageados no jardim dos artistasl.

A título de informação, há vinte e cinco —fichas biográficasl que referenciam as principais personalidades históricas nascidas em Cametá. O teor dos dados demonstra a importância do trabalho cultural, artístico, religioso e didático que —esses vultosl obtiveram dentro e além dos limites do município, ultrapassando as fronteiras do Estado do Pará e do Brasil. Dentre os quais se destaca, inicialmente, Dom Romualdo de Seixas, responsável por presidir a coroação de D. Pedro II, Imperador do Brasil, ao passo que Padre Prudêncio das Mercês Tavares foi responsável por conciliar a vida eclesiástica com a carreira militar. Tanto,

que, na condição de chefe civil e comandante geral das tropas cametaenses, fez da cidade de Cameté a única cidade do Estado a ser protegida contra a ação dos cabanos, que, por sua vez, não conseguiram adentrar na cidade. Para finalizar essas exemplificações, convém citar o poeta, escritor e jornalista Luiz Demétrio Juvenal Tavares, conhecido na academia por muitos estudantes da área de letras como autor de várias obras que efetivam sua contribuição para com a literatura paraense.

Muitas personalidades obtiveram grande expressividade na história do Estado do Pará e do Brasil por conta de suas ações e produções. Entre todas as cognominações destinadas a Cameté, é provável que a de —Terra dos Notáveis<sup>5</sup> ou —Notáveis<sup>6</sup> seja fruto do reconhecimento do trabalho desses homens, suprimidos dessa exemplificação, apenas pelo direcionamento da pesquisa.

## 1.1 A RELAÇÃO ENTRE HISTÓRIA E MODERNIDADE

A capital Belém está afastada da cidade de Cameté por muitos quilômetros. Atualmente, os trajetos Cameté/Belém e Belém/Cameté ocorrem por rotas fluviais e aéreas. Porém, durante anos, o acesso entre as duas cidades foi demorado, tanto que algumas viagens de barco, demoravam cerca de 12 a 18 horas para chegar a cada uma dessas cidades. Entre os principais fatores, quanto a possível demora das viagens, estavam a influência das marés, as fortes chuvas ou problemas no maquinário das embarcações. Este último ainda é responsável pelas principais causas de atraso.

Até o momento, é possível perceber que Cameté não prosperou tanto por diversos aspectos que só contribuíram para os anos de —estagnação<sup>5</sup>. Entre os quais se destaca o precário abastecimento de iluminação pública. Segundo pesquisas realizadas no Museu Histórico de Cameté, em meados do século XIX, o sistema de energia elétrica da cidade era movido a óleo de andiroba<sup>5</sup>. Porém, já por volta de 1906, este sistema evoluiu com a implantação do —Sistema *Fichet*<sup>6</sup> (Figura 02).

---

<sup>5</sup> Proveniente do tupi, cujo significado é óleo amargo, mas também é conhecido como uma semente da qual se extrai o azeite.

<sup>6</sup> Sistema de iluminação pública, de origem alemã, que tinha como combustível o gás benzol.

**Figura 02:** Resquícios do maquinário do Sistema *Fichet*, movido a gás benzol.



**Fonte:** Acervo do Museu Histórico de Cameté)

A instalação do —Sistema *Fichet* era denominada —Gasômetro e funcionou na última sala do andar térreo da Prefeitura Municipal<sup>7</sup>. Era de lá que a energia saía canalizada para as ruas e praças da cidade. Nas residências, o sistema era próprio, isto é, as famílias com melhores condições financeiras o utilizavam movido a gás carbureto, enquanto que as mais humildes utilizavam lamparinas, candeeiros, lampiões a óleo ou querosene.

As informações acima apresentadas são de fundamental importância, pois, conforme veremos no terceiro capítulo, a eletricidade se constituirá como um dos principais elementos que nos aproximam do universo de narrativas, as quais podiam ser caracterizadas como lendas urbanas, bastante comuns em Cameté nessa época.

Em entrevista realizada com o escritor cametaense Alberto Moia Mocbel, este nos relatou que muitas narrativas da cidade se relacionam à falta de energia elétrica. Ao rememorar a sua infância e adolescência, disse ainda que, por volta das 21 h, todo o sistema elétrico era desativado<sup>8</sup>. A veracidade dessa informação, além do relato dos moradores da época, também pode ser constatada no livro *Cameté, Recordações e Saudades* (1988), de Alberto Mocbel. Em seu trabalho, o autor diz que

As recordações são contidas pela lembrança do grosso e antipático apito da velha Usina de Luz (o pavor dos jovens enamorados). Aquele era o instante decisivo para os últimos beijos e abraços. Era a marca das nove horas da noite, hora em que as coisas estão começando nos dias de hoje. (MOCBEL, 1985, p. 7).

<sup>7</sup> No ano de 1906, este espaço era chamado de —Intendência Municipall.

<sup>8</sup> O terceiro capítulo deste trabalho irá trazer mais detalhes sobre esse fato.



Ainda sobre a entrevista, o autor disse que esse sistema era movido a carbureto<sup>9</sup>. Quando menino ouvia seu pai contar que, antes desse sistema, houve outro mais rudimentar que ainda dependia de pessoas para subirem nos postes e acendê-los. Os responsáveis em —acender os antigos postes, parecidos com grandes lampiões, utilizavam uma espécie de tocha, que embebida a determinada substância, proporcionava claridade por algumas horas nos principais pontos da cidade, conforme registros fotográficos (figura 3). Diante desse relato, citamos Maurice Halbwachs em *A memória coletiva* (2006) para elucidar que —nossa memória não se apoia na história aprendida, mas na história vivida (HALBWACHS, 2006, pp. 78-9). A assertiva de Halbwachs associa-se às questões fundamentais acerca das lembranças e recordações que guardamos em nossa memória. Seus estudos sobre memória permitiu pensar também na memória dos locais, pois, quando associada a determinados elementos, como os espaços públicos, nossa casa, móveis, roupas entre outros objetos que reconstruímos como uma espécie de arranjo porque passam a representar o espaço que podemos ou não estar inseridos. Associado ao relato de Seu Alberto, Halbwachs nos permite ampliar a ideia de que o passado não pode ser visto e comparado somente a um agora. A ação do tempo é importante porque orienta a construção do relato, da história, mas elementos como a noite, em particular, consagrada ao sono, nos permite entender que nesse momento sempre estamos verdadeiramente sós.

**Figura 3:** Poste que dependia de pessoas para acendê-lo (à esquerda) e sistema de iluminação pública rudimentar (à direita)



**Fonte:** Acervo do Museu Histórico de Cameté.

<sup>9</sup> Composto binário de carbono e outro elemento.

Durante a entrevista, seu Alberto teceu comentários a respeito de sua adolescência e disse que morou na primeira rua da cidade de Cametá. Recordou que na época em que tinha 10 anos, brincou com uns oito postes de ferro que ficavam próximos a sua casa e, junto com os colegas, sempre faziam que alguns dos transeuntes parassem para —bater papoll. Ao se encostarem, os transeuntes, tomavam grande susto porque sentiam choques.

**Figura 4:** Poste de ferro referente ao sistema de iluminação pública movida a carbureto



**Fonte:** Acervo do Museu Histórico de Cametá.

O —Sistema *Fichet* utilizava equipamento importado, contudo, em decorrência de defeito sofrido na época, e sem possibilidade de conserto, foi desativado, sendo substituído por outro sistema que utilizava, como combustível, o querosene. A respeito desse sistema, obtivemos poucas informações. Sabe-se que foi construído por João Lopes de Mendonça, durante a gestão do intendente Cantidiano Machado de Mendonça, e era composto por caldeira<sup>10</sup>. O então novo prédio para a instalação da Usina elétrica de Cametá foi inaugurado em 1927 com uma capacidade de 30.000 watts de potência.

A Usina movida à caldeira foi desativada nos anos de 1940, com a chegada de dois geradores alemães, que, por sua vez, também foram substituídos na década de 1960, quando as Centrais Elétricas do Pará (CELPA), chegou à cidade. O prédio da antiga Usina elétrica serviu de sede provisória do —Tiro de Guerra (—quartel sede/posto do exército brasileiro que em Cametá), depois sede da Empresa de Assistência Técnica e Rural (EMATER) e atualmente abriga o Museu Histórico de Cametá —Raimundo Penafort de Senal. Alguns —acessórios considerados ainda resquícios do sistema rudimentar como os movidos a óleo de andiroba ou gás benzol, relacionados ao Sistema *Fichet* de iluminação pública, encontram-se expostos no referido museu.

<sup>10</sup> Era movida à lenha e continha pedaços de ramos, achas ou fragmentos de troncos de árvores reservados para servirem de combustível.

Acordado com alguns pontos abordados por Halbwachs, em relação à lembrança como reconstrução do passado, observamos que, na cidade de Cametá, as melhorias do sistema de energia elétrica apresentam hoje —vestígios do que, primitivamente, foi e dos quais a sociedade conheceu em seu estado inicial. Mas para reconstruir o presente, foi preciso tomar de empréstimo os —vestígios do passado, para conhecer e ter acesso a uma imagem de outrora, hoje alterada pela ação do tempo.

Atualmente, Cametá não depende mais de sistemas rudimentares para o abastecimento de energia. A cidade recebe energia da Usina Hidrelétrica de Tucuruí por meio de um linha de transmissão. As taxas de consumo, referentes ao fornecimento de energia, são pagas pelos domiciliados à Rede Celpa.

Do período antigo, restaram alguns utensílios expostos no museu da cidade, como bem já foi exposto. Nos dias de hoje, são as histórias, as narrativas, as lendas urbanas e os contos fantasmagóricos que configuram os vestígios da memória social local referente às histórias ou lendas urbanas, oriundas do período em que os sistemas rudimentares foram utilizados, a exemplo da história do —Frade sem cabeça, que referencia, em particular, o período do precário sistema de energia e da —velha Usina de luz, como dizem os moradores mais velhos da cidade.

Em relação aos aspectos geográficos de Cametá e de acordo com as informações contidas em *Terra dos Romualdos País dos Maparás* (2013), o recenseamento realizado no ano de 2000 por profissionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), informa que a área do município é de 3.081,38 quilômetros quadrados. Até o ano de 2009, a população estava estimada em 117.099 habitantes e a base econômica estava vinculada à agricultura familiar, comércio, extrativismo vegetal, serviços e pesca. Como principais práticas da agricultura familiar, destacam-se o cultivo, a extração e comercialização do açaí, cacau, mandioca, pimenta-do-reino, fibras, vegetais e pescado. O técnico em Estudos e Pesquisas do IBGE, Danúzio Pompeu, afirma que

Conhecer o espaço geográfico onde vivemos é essencial para uma perfeita adaptação do indivíduo à sociedade e ao ambiente em que se insere, pois somente conhecendo os meandros de sua própria realidade é que ele pode valorizá-la, e quem sabe, até orgulhar-se (POMPEU, 2013, p. 210).

Mesmo distante da capital paraense Belém, os ares de modernidade sempre chegaram a Cametá, ainda que a —passos lentos. Atualmente, a população local faz questão de ter e dispor de serviços e produtos de qualidade. Os comerciantes locais, mesmo trabalhando com o

sistema de aviação<sup>11</sup>, compram e revendem mercadorias que agradam e satisfazem toda a clientela consumidora. A cidade também oferece ampla cobertura móvel, tanto de telefonia, quanto de acesso à internet, auxiliada pelas empresas que oferecem esse tipo de serviço. As torres de transmissão estão fixadas nos principais pontos da cidade, proporcionando uma cobertura suficientemente capaz de interligar ilhas, estradas e outras cidades.

Já o turismo ainda é algo que cabe reflexão. Pois, mesmo atraindo pessoas de diversos lugares do Estado, do Brasil e do mundo, a cidade de Cametá, na verdade, vive do turismo ecológico e festivo de períodos a períodos, a exemplo do carnaval, dos feriados prolongados, férias escolares e festas religiosas que ocorrem na cidade, vilarejos e interiores próximos.

No que se refere à rede hoteleira que a cidade dispõe, esta é bem estruturada. Todos os hotéis oferecem quartos refrigerados. Os hóspedes podem escolher quarto com cama de solteiro ou casal; podem utilizar roupas de cama, banho, serviço de quarto e café da manhã. Em relação à alimentação do turista e dos moradores, a cidade, em si, oferece bons restaurantes, lanchonetes, serviços de transporte, bancos, farmácias, salões de beleza, clínicas médicas, hospitais, táxi aéreo, museu, bibliotecas, entre outros.

Quanto à renda financeira, em geral, dos cametaenses, a população citadina, em sua maioria, é assalariada. Muitos são funcionários públicos, municipais, estaduais e federais. Quanto à população interiorana, muitos membros das famílias, ainda que na condição de funcionários públicos municipais, conciliam ou vivem exclusivamente da agricultura familiar, da caça, pesca e auxílios governamentais. Essas famílias, em sua maioria, garantem na feira livre municipal a circulação e a comercialização da diversidade do pescado, víveres, frutas locais e regionais consumidas pelos habitantes.

O comércio da cidade é muito movimentado, principalmente nos —dias de viagem, geralmente nos dias de segunda-feira, quarta-feira e sexta-feira, quando a maioria da população ribeirinha vem à cidade fazer compras. É comum famílias inteiras chegarem, ainda de madrugada, em viagens de barco. Muitas até vão para a casa dos familiares que vivem na cidade, ou melhor, na linguagem cametaense: —dos parentes.

As reflexões até aqui apresentadas associam-se ao que o autor cametaense Doriedson Rodrigues afirmou na apresentação de seu livro *Marcadores Conversacionais* (2003): —[é preciso] favorecer a valorização de uma identidade linguística local para que o homem tocantino não se sinta marginalizado; mas pelo contrário, que se veja como um indivíduo possuidor de um amplo repertório linguístico (RODRIGUES, 2003, p. 12).

---

<sup>11</sup> Oportunidade de crédito antiga e com garantia de que o cliente irá pagar num prazo de trinta dias (período em que sai o dinheiro).

Algumas expressões do linguajar cametaense até hoje são alvos de chacota. Mesmo que o principal objetivo deste público, não menos esclarecido, não seja o de zombar ou de ridicularizar o falante, muitos cametaenses sentem-se ofendidos, principalmente quando lhe dizem que tal pessoa —fala erradol. Consideramos em nossas pesquisas, levando em conta o que Rodrigues muito também referencia em seu livro, esse —falar erradol tem a ver com a supressão de alguns fonemas utilizados predominantemente pela população ribeirinha, a exemplo de quando se refere a Belém como —capitál, a padroeiro como —padruerull e a expressão —já voull, uma das formas mais conhecidas, por —já me vull. Sendo esta última relacionada ao —falar francêsll dos cametaenses.

Um fato que chama a atenção daqueles que desconhecem as relações de pessoas que vivem em cidades interioranas se refere a alguns hábitos bem peculiares. Por exemplo, em visitas amigáveis, a familiares ou a doentes, nunca se deve chegar sem trazer algo e isso vale também para a devolução de vasilhas, ou seja, caso estas sejam devolvidas vazias, não é visto com bons olhos. São costumes cametaenses bastante antigos. Outro fato interessante a ser comentado é o de que, quando um dos parentes do interior chega de madrugada com uma rasa de açaí, peixe, camarão, frutas ou qualquer —agradoll dessa natureza; o dono da casa logo induz que o visitante quer agasalho, em outras palavras, este irá precisar ficar alguns dias na cidade e, portanto, contará com a hospitalidade do dono da casa.

Consideramos que a cidade de Cametá ainda revive suas lembranças em meio a muitas informações históricas, mas a relação entre memória e história também acontece diante do discurso crítico e da possibilidade de interpretação que cada cidadão cametaense faz de si e da realidade que o circunda. A modernidade chegou e por isso considera-se que o breve estudo acerca da historiografia da cidade valoriza uma interpretação estrutural de caráter abrangente, no sentido de explicar alguns aspectos próprios da cultura local, daí a necessidade de nos reportarmos às bases factuais e cronológicas do tempo vivido, para melhor fundamentar nossos conhecimentos e proporcionar uma maior visibilidade ao leitor deste trabalho acerca da necessidade de valorizar esta cidade com toda as suas histórias e tradições.

## 1.2 TRADIÇÃO CULTURAL CAMETAENSE: CARNAVAL, MUSICALIDADE E DIALETO

Os estudos sobre Tradição associam-se à transmissão de valores, hábitos e costumes, repassados de geração a geração. Esta consolida a permanência de uma história cultural em

que causos, expressões populares, termos linguísticos, narrativas e outros, apresentam-se por meio de memórias, recordações, testemunhos, fotos e textos que se materializam ao longo do tempo. Trazendo a ideia para o contexto social cametaense, compreende-se, que, apesar de possuir muitos significados, no referido contexto, tal nomenclatura pauta-se no resgate de períodos passados, os quais legitimam sua abordagem e contextualização. Nesse sentido, percebe-se que se faz necessário abordar alguns aspectos específicos da tradição cametaense, como por exemplo, carnaval, musicalidade e dialeto, com o intuito de possibilitar ao leitor uma reflexão sobre como ela se efetivou e legitima novas práticas apresentadas no presente.

Durante seus 378 anos, a cidade de Cameté recebeu várias cognominações, entre as principais: *Pérola do Tocantins*, *Terra dos Notáveis*, *Terra dos Romualdos*, *Cidade Invicta*, *Jardim dos artistas*, *Terra do Mapará* e *País do Mapará*. De todas essas cognominações, que mais nos chamou a atenção foi *Terra dos Notáveis*, por dois motivos. Primeiramente, porque essa denominação refere-se ao trabalho desenvolvido por muitos cidadãos cametaenses que, de alguma, forma contribuíram para a edificação da história cultural, no âmbito artístico, musical, literário e político. Em segundo, porque foi essa notoriedade, no sentido da produção de saber, competência e publicidade, que elevou seus nomes a uma categoria diferenciada, digna de apreço por parte da população local.

Ainda que mencionada anteriormente, a exemplo da relação às histórias de Dom Romualdo de Seixas, Padre Prudêncio e Juvenal Tavares, aqueles que desconhecem a história de Cameté poderiam levantar o seguinte questionamento: —Apenas estes homens constituem a notoriedade cametaense?‖ A resposta é não. Cameté sempre contou com o trabalho de religiosos, políticos, músicos, jornalistas e artistas em geral, o que justifica o porquê de muitos desses cametaenses passarem a ser reconhecidos tanto como —cametaenses ilustres‖, quanto como —filhos ilustres‖, ou seja, a notoriedade obtida se consolidou pelos trabalhos realizados por cada uma dessas classes, o que conferiu a estes, portanto, o título de —notáveis‖.

Não há dúvidas de que o município é dono de um passado e tradição cultural inigualável. Muitas são as histórias do passado que repercutem por todo o estado do Pará e do Brasil, como destacaremos adiante. Para melhor elucidar a relação entre o —saber‖ e o —fazer‖ desses homens notáveis, relacionado ao que produziram no âmbito artístico, musical, literário, político; associado ao resultado de seus trabalhos e das melhorias que contribuíram para o desenvolvimento urbano e social da cidade como um todo, citamos a Professora Jerusa Ferreira em *Os ofícios tradicionais* (1996), quando nos diz que:

O mestre de um ofício é sempre um sabedor, é alguém bastante diferenciado que encarna um semideus, um pactuante com o sobrenatural, um detentor de um tipo de liderança, sobretudo por ser aquele que transforma, que inaugura um novo estado cultural (FERREIRA, 1996, p. 103).

Para fundamentar nossas reflexões diante do pensamento da autora acima citada e relacioná-lo a alguns elementos da tradição cametaense frente ao trabalho de seus antepassados, percebeu-se durante as pesquisas o quanto os elementos do passado se ligam às tradições locais. Observou-se ainda que a tradição, em alguns momentos, se consolida como fundamental na vida de muitos cidadãos, caracterizando dessa forma uma identidade própria, exemplificada nas próprias memórias e inferências, as quais se relacionavam à construção de prédios antigos, na composição de canções e na permanência de costumes próprios e bem característicos da comunidade mesclados por cametenses e interioranos. Cumpre reiterar ainda que, mais do que meros ou simples representantes de um passado distante, —os notáveis— constituem-se como produtos memorialísticos e assim serão para as gerações futuras.

Diante da relação entre história e memória, observou-se, a partir da leitura do ensaio *O Narrador* (1994) de Walter Benjamin, a ideia de que os estudos sobre narrativas dependem de uma teoria da modernidade, em que a evidência dos fatos históricos, sobre a cidade de Cameté, culminou na busca do aspecto coletivo e da tradição cultural que se revela mediante as histórias orais. Assim, consideramos que o ensaio de Benjamin nos ajudará a entender as narrativas cametaenses como transmissão e troca de experiências entre gerações.

Diante do exposto, foi fundamental para a constituição desse trabalho os comentários tecidos pelo escritor cametaense Alberto Mocbel, no intuito de demonstrar o quanto a capacidade de contar e compartilhar experiências pessoais, também recria um tempo presente levando em conta a conservação do passado. Descendente de libaneses e hoje com 83 anos de idade, foi possível perceber, por meio dos relatos de Mocbel, que Cameté nas últimas décadas evoluiu muito, principalmente no que se refere ao sistema educacional. Ao perguntá-lo sobre seu grau de escolaridade, seu Alberto nos disse, com muito orgulho, ter apenas o primeiro grau dos estudos primários, mas que fez o Curso de Sargento e de Telegrafia. Em relação à possível obtenção do segundo grau, disse, resumidamente, que, quando era prefeito, trouxe essa possibilidade de estudos aos cametaenses. Iniciativa esta que motivou os professores instrutores a incentivá-lo a acompanhar as aulas. O seu Alberto até iniciou os estudos, mas como sentiu dificuldades na aprendizagem de língua estrangeira, além da matemática, acabou desistindo.

Acordado com o relato do autor, podemos considerar o que Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert, no artigo —Os jogos da Memória [s.d], afirmam também. Segundo as autoras, ao habitarmos o espaço da memória, convivemos com memórias coletivas, individuais e sociais. Diante dos estudos da memória, é bom reativarmos as tradições perdidas, uma vez que —o estudo da memória torna-se, portanto, uma porta de acesso ao entendimento de curvaturas do tempo que configuram o próprio espaço das culturas contemporâneas (ROCHA, [s/d], p. 5).

Ao responder sobre suas predileções de leitura, o entrevistado nos disse não se considerar um leitor assíduo, pois seu interesse parte, muitas vezes, de um título que o chame a atenção ou de indicações em conversas informais. Entre sorrisos disse —não ler tanto para não correr o risco de acabar copiando outros autores. Questionado sobre possíveis leituras de cânones de nossa literatura, declarou ter lido poemas de Gonçalves Dias. Somado a isso, ainda conserva o hábito de ler e escrever crônicas diariamente.

Em relação a suas produções literárias e ao comentar sobre assuntos relacionados à cultura local, identidade e outros temas dessa natureza, expressou em sua fala o quanto a vinda da Universidade Federal do Pará (UFPA), em especial a consolidação do Campus Universitário de Tocantins/Cametá foi positiva diante da valorização e do resgate da cultura cametaense. Nesse instante nos fez refletir que —somos produtos do passado e composição do futuro. A esse respeito, nossa reflexão fundamenta-se na ideia de que da relação entre passado e futuro, o presente é o tempo, o organizador das experiências humanas.

Quando exerceu o cargo de prefeito do município de Cametá, disse ter assumido ainda mais a sua identidade cabocla nesse período, pois percebeu o quanto o compromisso cultural deveria ser incentivado e, diante da ideia do conterrâneo Manoel Mário Martins e da lei nº 322 de 08 de junho de 1971<sup>12</sup>. A referida lei exemplifica a necessidade da criação dos símbolos do Município de Cametá, tais como a Bandeira, o Brasão de armas e o Hino de Cametá, conforme as especificações contidas no livro *Ecos Cametaenses* 1985, de Alberto Mochel. Segundo o autor, foram criados como —providência que veio preencher uma lacuna injustificável numa terra de largas e decantadas tradições culturais como efetivamente o é a nossa (MOCHEL, 1985, p. 127).

Diante dos relatos de Mochel e das considerações associadas aos estudos de Benjamin anteriormente comentados, foi possível perceber que o interesse do homem em contar, ouvir e saber histórias foi deixando de existir e isso é ocasionado pela chegada dos tempos

---

<sup>12</sup> O ano de 1971 faz referência ao primeiro ano do mandato de Alberto Moia Mochel. Sendo que seu primeiro mandato como prefeito de Cametá correspondeu apenas aos anos de 1971 a 1972.



modernos, já que poucos são aqueles que dão ouvidos aos relatos, histórias antigas, ou as valorizam. Dessa forma, foi possível entender que as considerações de Mocbel e Benjamin em relação a essa —falta de interessel do homem contemporâneo, soterra algumas informações que, além de explicar, determinam e influenciam até hoje aspectos de sua vida em sociedade, como é o caso de Cametá, diante da importância da criação dos símbolos municipais.

Hábitos e costumes locais variam em muitos aspectos, mas na sua maioria costuma caracterizar a representação de um seio familiar comum, como o fato da alimentação das famílias cametaenses serem bem parecidas, a exemplo do consumo do peixe mapará, um dos mais procurados no mercado municipal da cidade, por ser típico e apreciado pelos moradores. Como acompanhamento e, às vezes, acaba substituindo uma das principais refeições do dia, tem-se o açaí. O camarão de água doce também se faz presente nesse cardápio. Considerado uma das tantas iguarias locais que —nunca saem de modall, é consumido seja frito, cozido ou assado e sempre acompanhado também pela farinha de mandioca. Tal culinária, bastante particular, tem lugar garantido na mesa de um genuíno cametaense.

Memória e tradição associam-se porque por meio da lembrança, ambas contribuem para a manutenção dos costumes e valorização da cultura popular de uma sociedade, frente às gerações passadas e futuras. Por isso, é tão importante conservar o passado e interliga-lo ao presente, pois, só assim, efetiva-se a constituição social da memória. O carnaval, a musicalidade e o dialeto exemplificam tal relação entre estes dois elementos referidos.

De todas as festividades culturais populares mais importantes, pode-se destacar o carnaval como a principal, uma vez que essa manifestação cultural atinge a maioria das cidades brasileiras. Porém, no interior da capital paraense, a cidade de Cametá expressa algumas características bem típicas do —carnaval de interiorl, seja pela forma de mobilização dos cidadãos, foliões e turistas que desfilam nas escolas de samba locais, quanto nos diversos —fofosl<sup>13</sup> que, por sua vez, possuem em comum e como principal ponto de encontro a Praça da Cultura<sup>14</sup>. Tal celebração foi observada durante os meses que antecederam nossas pesquisas. Foi possível verificar o quanto as —domingueirasl que antecedem o período de carnaval são importantes na vida dos cametaenses. Percebeu-se ainda o quanto a mobilização e o envolvimento de várias pessoas frente à organização desse evento particular são levados a sério por toda a população. Além disso, muito da preservação e manutenção desse costume associa-se a uma tradição local muito forte e com certas particularidades porque, ao mesmo

---

<sup>13</sup> Festa aberta, —passeata dançantel, reunidora de milhares de pessoas que se encontram sujas de maisena ou ainda dançando/desfilando mascaradas pelas principais ruas da cidade.

<sup>14</sup> Principal praça da cidade.

tempo em que —é diferente, também atrai e seduz quem se deixa permitir viver esse momento. Talvez toda a autenticidade, alegria e espontaneidade, manifestadas por esse grupo, revitalizem suas intenções em preservar e despertar em todos os brincantes, principalmente nas gerações futuras, um sentimento de fazer parte desses acontecimentos vivenciados anualmente, como bem se verá adiante.

É válido ressaltar também que, para muitas pessoas, o período de carnaval traz o sentimento do saudosismo. Levando-se em conta esse fator, cabe informar que antigamente em Cameté, a disputa entre as escolas de samba locais eram muito acirradas. Como cada uma delas possuía e algumas ainda possuem sedes próprias, estas promoviam algumas festas e, dependendo da disponibilidade, qualquer habitante poderia participar aos domingos, no horário das 10h às 13h, dos —matinais<sup>15</sup> e dos —vesperais<sup>16</sup>, horário das 13h às 14h, mas que às vezes se estendia até as 17h. Conta-se também que as músicas que abrilhantavam os matinais e os vesperais eram de compositores e intérpretes locais. Essas informações foram obtidas por meio de relatos informais e no livro *Ecos Cametaenses* (1985), de Alberto Mocbel. Para o autor, —poucos são os municípios [...] que fazem o carnaval com suas próprias músicas e Cameté está entre eles. (MOCBEL, 1985, p. 84).

Os —Fofós sempre expressaram a espontaneidade que as pessoas tinham em se prepararem para sair às ruas da cidade. Muitas pintavam o corpo todo de preto, para desfilarem no —Fofó dos Pretinhos ou de vermelho, caso decidissem participar do —Fofó do Vermelhinho. No primeiro, as pessoas iam até a chaminé das padarias e se passavam —tisa (fuligem). No segundo, era necessário misturar tinta xadrez, água e anilina ou urucum.

Depois do desfile, muitas pessoas iam se lavar na —Escada de Pedral, para retirar a —tisa e a tinta do corpo. Para isso, era necessário o uso do —sabão de cacaul<sup>17</sup>.

---

<sup>15</sup> Festa destinada às crianças pelo período da manhã.

<sup>16</sup> Festa destinada ao público jovem e adulto pelo período da tarde.

<sup>17</sup> Produto de fabricação e consumo local.

**Figura 5:** Escada de pedra. Existiu na frente da cidade e desmoronou há mais de 30 anos.



**Fonte:** Acervo do Museu Histórico de Cameté.

Atualmente, a cidade vive uma espécie de descaracterização cultural, haja vista que a midiaticização tem originado nesses últimos anos a criação desenfreada de blocos com a participação de artistas, bandas e trios elétricos que acabam por banalizar o que muitos consideravam ser um carnaval tradicional. Estas questões, por meio de relatos informais, fundamentam o que Homi Bhabha define como —autoconsciência histórica do presentell. Diante desses fatos, foi possível perceber uma remissão ao passado já que se vive o momento presente como um ponto de passagem entre o limite da temporalidade e de todos os lugares ao mesmo tempo.

Outro elemento simbólico e bem característico acerca de tais questões é a utilização dos —abadásll<sup>18</sup> que, aos poucos, substituem as cores que eram expostas no corpo dos brincantes. O —in doorll fechou a porta das sedes que promoviam matinais e vesperais; o —cortezanol<sup>19</sup> virou cerveja e *ice*. Sem contar que os comerciantes considerados —padrinhosll, porque arrumavam as tintas e o vinho, foram substituídos por empresários e hoje são denominados —donos de blocoll.

Entendemos que os mantenedores da tradição local vêm ajudando a classe artística e cultural a proteger as suas produções musicais e folclóricas, pois a substituição daquilo que poderia ser agregado e incorporado aos costumes cametaenses poderia descaracterizar e conseqüentemente banalizar aspectos de uma cultura que é própria.

Uma vez que a musicalidade existe desde os tempos mais remotos e longínquos, nos quais as manifestações literárias e a própria definição do que seria arte, oralidade e gestual, prevaleceram no complexo processo que envolvia a comunicação humana, a voz, a entonação

<sup>18</sup> Vestimentas com logomarcas que representam blocos de carnaval.

<sup>19</sup> É um tipo de vinho, uma das bebidas mais consumidas pelas antigas gerações.

e inúmeras expressões faciais que acabam por tornar visíveis nossas mais variadas emoções e sensações. Logo, consideramos que as nossas relações mais íntimas com a arte partem de uma simples palavra falada ou cantada diante de um momento de tristeza ou de alegria.

Em relação à literatura e outras formas de artes, deve-se procurar entender o olhar aqui lançado, que procura abranger questões de produção relacionadas ao —Samba de Cacete<sup>20</sup>, expressão musical nascida em Cametá. Durante o andamento das pesquisas foi possível perceber que Mestre Cupijó, por meio de suas composições e arranjos mais elaborados, elevou o Samba de Cacete. O ritmo passou a ser conhecido como —Siriá e gerou uma rápida popularização local e posteriormente nacional. Acerca do —Samba de Cacete, Alberto Mocbel, em *Cametá, Recordações e Saudade* (1988), afirma:

Quanto ao —Samba de Cacete, devemos a abertura final e definitiva ao Manduca (Manuel Joaquim Pinheiro dos Santos), um coletor federal que muitos anos viveu entre nós. Ele costumava contratar a turma do —Samba de Cacete para fazer apresentações nas festas de primeira, ao tempo do carnaval (MOCBEL, 1985, p. 11).

Na obra *Luzes da Inspiração* (2009), Mocbel também nos diz que, inspirado no —Samba de Cacete, Mestre Cupijó criou um novo ritmo denominado —Siriá de Cametá. O novo ritmo — viria conquistar fama e difundir em todo o Brasil a nova marca do folclore Cametaense (MOCBEL, 1985, p. 30). Além do carnaval, estão inseridas nesse contexto as festas religiosas que não passam despercebidas; uma vez que as relações manifestadas, entre musicalidade e alegria, evidenciam a irreverência de artistas e da própria população cametaense.

Em nossas pesquisas, constatamos também que até hoje a contratação de bandinhas de fanfarra animam as festas religiosas que ocorrem após a celebração da santa missa. Essas bandinhas também acompanham procissões ao instrumentalizarem os cânticos tradicionais do catolicismo romano. Durante o percurso das procissões, as pessoas caminham entoando canções e participam ativamente desse momento de fé. Tais manifestações acontecem na cidade, nos interiores próximos e criam laços intensos de afetividade, pois o reencontro durante esses períodos evidenciam toda a hospitalidade e o tratamento carinhoso que muitos cametaenses comungam em chamar de —parentes, mesmo que não sejam, como já foi dito anteriormente.

---

<sup>20</sup> É associado ao ritmo cadenciado por dois cacetes (pedaços de pau) que são batidos em um tambor chamado —curimbó. Para dar mais cadência ao ritmo, conta-se com a participação de cantadeiras e um percussionista, que toca os cacetes.

Para Homi Bhabha, em seu texto intitulado —Locais da Cultural (1998), essa relação nos diz que os sujeitos são formados nos entre lugares, em espaços de caracterização de um hibridismo cultural que marca toda uma formação histórica que se constrói de longa data. Por isso, a identidade original ou a tradição recebida também podem ser fatores indissociáveis para se perceber o quanto a diferença cultural, quando associada ao multiculturalismo, recria identidades de diferenças por meio de dualidades, a exemplo do negro/branco; eu/outro; superior/inferior e assim por diante.

Outra questão que deve ser levada em consideração diz respeito ao —dialeto local; uma vez que este reflete, em muito, as questões de identidade, além de estar associado à linguagem e seu funcionamento como um todo. Constituída de uma representação simbólica, se faz presente em conversas, diálogos curtos e nos permite ainda identificar e nos afeiçoar a determinado grupo social. Nesse caso, a reconhecer o falar, característico dos cametaenses, principalmente pelas expressões utilizadas, tais como: —parentel, —teteel, —disque, bem!!<sup>21</sup> entre muitas outras, típicas do linguajar local. Cabe destacar nesse momento o trabalho de Doriedoson Rodrigues em *Marcadores Conversacionais* (2003), quando este nos fala a respeito das concepções de linguagem aplicadas ao ensino e voltadas para a linguagem cametaense: —o não conhecer das variedades linguísticas de um povo, de uma região, pode se dar, geralmente por dois motivos: primeiro por uma forte resistência em aceitar aquilo que seja diferente; segundo, por mera falta de informação (RODRIGUES, 2003, p. 37). Retomando ainda as palavras de Rodrigues, percebe-se que as considerações do autor se voltam para o modo como um fato não exclui o outro, já que as resistências em aceitar as diferenças dialetais muitas vezes implicam, também, em não buscarmos novos esclarecimentos, pois, na maioria das vezes, nos é cômodo estigmatizar aquilo que é diferente. Sobre esse fato, Alberto Mochel afirma: —Hoje as universidades voltam sua atenção ao passado; preocupam-se com nossas raízes e tentam resgatar, para a posteridade, a cultura linguística que se está perdendo no tempo e no espaço (MOCBEL, 2009, p. 28).

Ao retomarmos alguns pontos da entrevista com Seu Alberto, percebemos o quanto o narrador transcende a memória individual e, nesse sentido, entendemos o quanto a memória pessoal está interligada à memória social ou coletiva, por assim dizer.

Frente a outros relatos associados a sua produção literária, encontramos em narrativas cametaenses alguns fatos fundamentados em costumes antigos que, de alguma maneira, garantiram o funcionamento e a ordem da sociedade entre as décadas de 1950, 1960 e 1970

---

<sup>21</sup> Dependendo da entonação do falante, refere-se à admiração.

respectivamente. Essas gerações levavam a sério as notícias e histórias que —corriam|| nessa época, a exemplo do —Frade sem cabeça||, da —Procissão dos Mortos||, do —Navio Fantasma||, da —Matintaperera||, entre outras. Sendo assim, percebemos o quanto o exercício de contar e recontar histórias solidifica a relação entre história/memória e individual/coletivo.

Maurice Halbwachs em *A memória coletiva* (2006) discute sobre a memória histórica, enfatizando o fato de que ela gera uma bagagem de lembranças históricas. Nas palavras do autor, —não [é] uma sucessão cronológica de eventos e datas, [que as marcam] mas tudo o que faz com que um período [as distinga] dos outros|| (HALBWACHS, 2006, p. 79). No que se refere à memória coletiva e às lembranças históricas de Cametá, percebe-se o quanto os fatos selecionados também se constituem como pontos de referência para demarcar um tempo coletivo ou social que abrange e interliga relatos pessoais por meio de experiências coletivas.

A vida em sociedade juntamente com o conjunto de regras as quais estamos submetidos apresenta um tempo dividido em anos, meses, dias e horas. A partir dessa divisão do tempo, somos convidados a organizar e reordenar fatos passados, concepções e emoções que marcam nossa vida tanto a nível individual como coletiva. Talvez, por isso, Halbwachs considere que o tempo é exatamente o que deve ser em tal grupo, entre tais pessoas. O autor chama a atenção para o fato da memória coletiva retroceder no passado até certo limite, em um tempo mais ou menos longínquo, conforme pertença a esse ou aquele grupo.

Entende-se que muitas transformações contemporâneas das cidades, em geral, estabelecem sua representação com a permanência nos valores da memória a elas relacionada. Daí o porquê da identidade e a memória, nesse caso a memória a partir das lembranças de idosos, também resultar da interação constante entre o indivíduo e o coletivo. Em relação à importância destinada à lembrança dos idosos, é necessário levar em conta ambos os tipos de memória para que melhor possa se entender o quanto suas lembranças, significam diante das relações espaciais e temporais que constroem. Sobre o que acabou de se afirmar, convém citar o ensaio de Ecléa Bosi em *Memória e sociedade* (1994), no qual a autora traça reflexões acerca da memória, tendo em vista a ideia da passividade organizada, mediante caminhos que os recordadores vão abrindo em suas evocações, do mapa efetivo e intelectual de suas experiências e das experiências do grupo a que pertencem.

As histórias da cidade de Cametá, quando contadas e recontadas, atravessam o tempo e se tornam um elemento da tradição e diante de todos os direcionamentos que fundamentam esse capítulo, trataremos os estudos da literatura sob a ótica de quem também acompanha o processo histórico constituído de memória, tradição e história oral.

Diante das pesquisas e leituras teóricas relacionadas aos temas memória, tradição e história oral, a presente pesquisa teve em vista, num primeiro momento, demonstrar a importância que identidade social envolve e põe em evidência uma leitura urbana que também precede as narrativas urbanas, por sua vez presentes no imaginário cametaense.

Fica subentendido da leitura de *A memória coletiva* (2006) que cada sociedade compartilha o espaço à sua maneira. Em detrimento desse compartilhamento, associamos essa ideia a um contexto material em que partilhamos espaços públicos; onde nossas lembranças nos ajudam a definir outros conceitos da memória. Como nos falou Halbwachs a respeito das cidadezinhas, nelas a vida é regrada e ritmada, por conta de suas tradições locais e nesse contexto, a cidade de Cametá, pode ser tomada como exemplo.

Outra questão suscitada por Halbwachs, e que cabe discutir, se refere ao fato de cada sociedade recortar o espaço a sua maneira que, por sua vez, resulta na construção de um contexto fixo que se encerra e encontra nossas lembranças. Para o autor, o homem é capaz de evocar seu próprio passado e assim faz, porque também sente a necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Desse modo, entende-se que as sociedades possuem um grau de memória comum e ao mesmo tempo indispensável, já que geralmente a memória dos outros reforça e completa a nossa.

Os elementos mais significativos e relevantes da tradição cametaense de uma forma geral associam-se a muitos acontecimentos que fizeram do passado um marco histórico. Tal período se fundamenta nas lembranças bem gerais e de conhecimento comum a toda população, pois por meio das lembranças dos idosos, também passamos a ter conhecimento de quando e de como tudo aconteceu. A cada um de nós caberá fazer ou não o julgamento desses relatos, a fim de se evidenciar a presença de possíveis diferenças ou similaridades com aquilo que nos é apresentado. Entre estes elementos, pode-se destacar a importância que o paredão do cais exerce, o qual marca a história de gerações, sendo ainda o ponto de chegada daqueles que, trazidos pela navegação do Rio Tocantins, pudessem sentir a brisa das marés, que, ao —tocarem os seus rostos e corpos, compõem o diário de bordo do viajante em navios ou em pequenas embarcações presentes nesse cenário que liga o interior à cidade. A chegada a Cametá por rota fluvial permite a todos contemplar antigos casarões que ainda se encontram edificadas na primeira rua. Alguns estão bem conservados, outros em ruínas, mas a contemplação é evidente.

Escolas de samba, times de futebol locais, festas dançantes, apresentação de grupos folclóricos e culturais, movimentações de fiéis em procissões religiosas, festas de arraial, os comentários acerca da participação da antiga sociedade em clubes tradicionais, o trabalho das

benzedoras, parteiras, rezadeiras e o tratamento espiritual feito por rituais de pajelança mediante a atuação de pais de santo. Todos estes elementos constituem a tradição cultural da cidade.

Os concursos de beleza, natações, canoagem, apresentações teatrais, a circulação de jornais, periódicos e revistas. Todos estes se traduzem como a mais verdadeira expressão do homem interiorano cametaense, que sempre relembra com sentimentalismo exacerbado tudo o que existiu na Cameté de outrora. Este homem sabe que em suas mãos está confiado o legado de —resgatar e tentar —fazer, no sentido de permanecer viva, a tradição da comunidade a qual pertence. Mas para isso é preciso reconhecer-se como cametaense e assumir sua identidade.



## CAPÍTULO II: APORTE TEÓRICO: Memória, Tradição e História Oral

—A memória é a vida, sempre carregada pelos grupos vivos e por essa razão, ela está em evolução permanente, aberta a dialética da lembrança e da amnésia, inconscientemente de suas deformações.

(NORA, 1993, p. 23)

A discussão deste trabalho foi construída levando em conta conceitos fulcrais como *memória, tradição, narrativa e história oral* que, por sua vez, nos auxiliaram no objetivo desta dissertação: averiguar até que ponto os registros literários contribuem para a manutenção da memória local e cultural frente às narrativas contadas, recontadas e produzidas pelos escritores cametaenses Victor Tamer e Alberto Moia Mocbel.

Preliminarmente, achou-se oportuno destacar algumas pontuações acerca de cultura, entendida como um complexo e significativo sistema comunicativo. É complexo porque mesmo dispondo de uma linguagem própria, a cultura tem como uma de suas principais características o ordenamento de informações que a relaciona ainda mais a determinada sociedade. É significativo porque a cultura diz respeito à humanidade como um todo e, independente da realidade cultural de cada sociedade, deve-se procurar conhecer as práticas, os costumes e as transformações pelas quais perpassa.

Nesse sentido, recorreremos à leitura do livro *Armadilhas da Memória* (2003), da autora Jerusa Pires Ferreira, mais especificamente no capítulo intitulado —Cultura é Memórial, O referido texto, em especial, nos ajudou a fundamentar outras constatações ainda mais precisas sobre cultura, levando em conta a leitura e a interpretação proposta pelo semiótico Iuri Lotman.

Já Jerusa Pires Ferreira é autora de vários trabalhos que discutem diversas questões relacionadas à tradição oral e à cultura popular frente a outros seguimentos. Tal afirmação se faz necessária porque para que pudesse desenvolver o seu trabalho, a autora precisou considerar também os estudos de Sigmund Freud; Jacques Lacan; Claude Lévi-Strauss Jean Pierre Vernant e Paul Zunthor. A autora nos diz que cada um desses estudiosos trouxe, a seu modo, importantes contribuições para a área de estudos da cultura, arte, memória, entre outras. Jerusa cita estes teóricos para enfatizar que muito de seus estudos e alguns temas de suas pesquisas relacionados ao tema da memória ajudaram a ampliar suas próprias concepções.

Em linhas gerais, a construção da cultura é vista como um desafio, uma vez que, por meio dela, surgem outros desdobramentos que fundamentam nossos próprios conceitos. Mesmo que os estudos, até então em voga, se realizem por meio da arte e da literatura, não se pode negar que a cultura em si também é geradora de um conjunto de informações que são encaminhadas a um banco de dados, no qual sempre estarão armazenados e condensados os elementos de toda sociedade.

Independente do suporte material que as informações venham a integrar, os atores sociais sempre terão à disposição uma espécie de —visão triunfal da cidade a qual pertencem, pois, a cidade em que nascemos ou vivemos transforma-se em símbolo de poder e de força, permitindo com que cada um recupere os indícios daquilo que a memória evoca. Frente a nossa interpretação, entendemos que para Ferreira, a memória narrativa e seus trâmites revestem-se na força de toda uma memória que de fato é cultura.

Ao relacionarmos os conhecimentos dos escritores cametaenses Tamer e Mocbel, em relação à memória e à lembrança, no intuito de entender como a memória narrativa de ambos traça uma espécie de caminho, destacamos as lembranças e a rememoração de fatos que cada uma evoca para dar mais sentido à realidade local que os circunda e os inspira em suas produções literárias.

Consideramos que os saberes advindos do contexto social local que cada um deles constrói ou reconstrói, em seus textos, são o que nos possibilita, enquanto leitores realizar — uma viagem que vai além das profundezas de — si mesmo. Ou seja, Tamer e Mocbel por meio de suas produções literárias, despertaram o grau de consciência cultural e coletiva da cidade em meio as suas próprias narrativas.

No entanto, precisamos buscar sempre nossos próprios suportes identitários, tais como espaços, lugares e objetos que expliquem porque estes se inserem naquilo que evocamos como próprio ou pessoal. Entendemos que tudo aquilo que diga respeito à memória, à tradição e à história oral nos levará a realizar boas e más avaliações daquilo que também nos circunda. —Será sempre incompleto um discurso sobre a memória, do mesmo jeito que a memória abarca e despreza fatos e coisas e a outras faz renascer vivificadas e perenes (NORA, 1993, p. 67).

Iúri Lotman, nos ajuda a entender que se a cultura pode ser associada à memória, e todos os sujeitos que vivem em sociedade podem exercer uma espécie de —poder de seleção, logo, a cada um caberá a tarefa de selecionar aquilo que será mantido ou descartado. Do mesmo modo, selecionaremos o que precisará ser conservado, resguardado ou retido pela memória. Jerusa Ferreira em seu trabalho afirma que tal estudioso realizou avanços muito

significativos para o entendimento dos processos de cultura e de comunicação, por isso se dedicou também a acompanhar tão intensamente os processos seletivos do lembrar e do esquecer, como veremos adiante.

Traduzir um certo setor da realidade em linguagem, transformá-la em texto, isto é, numa informação, codificá-la e, de um certo modo, introduzi-la na memória coletiva se torna um ponto fundamental, tanto que para Iúri Lotman, cultura é informação, codificação, transmissão e memória.

Já para Jerusa Ferreira, cultura e suas relações com a linguagem ajudam-nos a entender que aquela também se apresenta como um mecanismo complexo. Porque definir uma —essência da cultura como informação‖ consiste em também colocar o problema que envolve a cultura; as categorias fundamentais de sua transmissão e conservação; as noções de língua e texto numa discussão interminável. Lotman ainda nos faz entender que a cultura, em essência, se dirigirá contra o esquecimento, pois seu pensamento parte de um debate que vem preocupando muitos pensadores das áreas de cultura e arte; uma vez que segundo o pensador, a memória também suscita o esquecimento.

Entendemos que a cultura, por si mesma, é capaz de projetar, identificar e criar mecanismos para entrar em contato com a memória, já que aquela está fundamentada em princípios, códigos e padrões que regulam a ação humana de forma individual ou coletiva. Nesse sentido, consideramos que entre seus desdobramentos literários, a linguagem, justifica a elaboração do texto de forma tão organizada que depois do relato, vieram ao nosso encontro a crônica, a história e o romance.

Durante a leitura da obra de Jerusa Ferreira, o que fica ressaltado em várias passagens do texto, é que de alguma forma a cultura também se dirige contra o esquecimento e cria um sentido de produção e condensação por assim se dizer. Nas palavras da autora —cultura é a memória longa de uma comunidade, considerando a capacidade de mudar e levando em conta os estados precedentes. ‖ (FERREIRA, 2003, p. 80)

Outro ponto importante das discussões de Jerusa Ferreira relaciona-se à semiótica da cultura. Segundo a autora, a semiótica da cultura não consiste apenas na observância do fato de considerar se a cultura funciona como um sistema de signos. Acredita-se que da relação signo e signicidade, uma das características fundamentais da cultura, equivale a um mecanismo que cria um conjunto de textos.

A autora também destaca a contribuição de Lotman, no sentido de explicar as diversidades entre o coletivo e o individual. Acerca disso, consideramos o fato de que geralmente trabalhamos um texto tendo em vista o processo de aceitação da consciência de um

receptor ou de um auditório. Contudo, a memória referente a uma organização tradicional do texto acaba por desfazer essas diferenças as quais se constituiria o individual.

O que fica evidente é que após a leitura do capítulo —Cultura é Memória, o texto admite em sua estrutura importantes significações das relações com a memória cultural e da tradição, de modo que esses traços, contribuem para a formação da consciência de quem ouve ou lê. Assim, entendemos que a comunicação com o outro só é possível caso haja algum grau de memória que o texto necessita para ser entendido.

Jerusa Ferreira nos permite refletir que quanto maior for a distância, mais alto será o índice atuante do texto. Nesse sentido, Paul Zumthor também se interessou por esta dimensão, e ao relacionarmos cultura e memória, tendo em vista as discussões desses estudiosos, entendemos que a sociedade, quando imersa em seu espaço cultural, acaba criando em torno de si uma organização própria.

O Professor de antropologia da Universidade de Campinas (UNICAMP), José Luiz dos Santos, no livro *O que é cultura* (2012), discute vários pontos sobre cultura. O autor conceitua cultura enquanto

Palavra de origem latina e em seu significado original está ligada às atividades agrícolas. Vem do verbo latino colere, que quer dizer cultivar. Pensadores romanos antigos ampliaram esse significado e a usaram para se referir ao refinamento pessoal e isso está presente na expressão cultura da alma. Como sinônimo de refinamento, sofisticação pessoal, educação elaborada de uma pessoa, cultura foi usada constantemente desde então e é até hoje (SANTOS, 2012, p. 28).

Retomando as palavras do autor, podemos refletir sobre a preocupação dos pensadores intencionados em interpretar a história humana e até mesmo em compreender as particularidades dos costumes, lendas, jogos, crenças, costumes e tradições que os pensadores romanos antigos sempre consideraram cultura como um produto coletivo da vida humana.

Os estudos sobre cultura e suas particularidades, associados aos costumes e crenças, requer de seus intérpretes certo entendimento em relação aos povos e, até mesmo, das condições em que se desenvolveram ao longo do tempo, haja vista que a cultura em si também diz respeito a tudo aquilo que representa a existência social de um povo, de uma nação ou grupos inseridos no interior de uma sociedade. Sobre isso, Santos, considera que

É a história de cada sociedade que pode explicar as particularidades de cada cultura, as maneiras como seus setores, suas concepções, formas, produtos, técnicas, instituições se relacionam formando uma teia que condiciona seu próprio desenvolvimento. (SANTOS, 2012, p. 75)

Ao relacionarmos algumas características da cultura cametaense frente à teorização apresentada até aqui, consideramos as particularidades de alguns aspectos culturais que apresentam relações com outras culturas, pois, até a cidade de Cameté ser descoberta, toda sua população era indígena e mesmo depois do contato do branco com o índio, as heranças culturais indígenas permaneceram. Da mesma forma com a vinda dos colonizadores portugueses, holandeses, franceses e espanhóis, que desde os primeiros anos incorporaram hábitos e costumes próprios. Outro fator que também pode ter influenciado aspectos da cultura local se deve a vinda de imigrantes libaneses, judeus e árabes que vieram morar em Cameté.

Em suma, com características semelhantes ou bem diferentes, consideramos que a cultura em si diz respeito também a festas, cerimônias, lendas, crenças, costumes, aos hábitos alimentares, dialeto e até mesmo ao modo vestir. A cultura também é popular, é tradição, é a organização da vida em sociedade.

## 2.1 TEORIAS DA MEMÓRIA, CONCEITOS E PARTICULARIDADES

Atualmente os estudos sobre memória propiciam ampla discussão, principalmente porque em torno deste tópico circundam questões que abrangem abordagens multidisciplinares. Por várias vezes, foi necessário recorrer a conceitos presentes em áreas como Sociologia, Psicologia, Ciências biológicas, Semiótica, Filosofia, entre outras, a fim de se desenvolver um estudo mais cuidadoso e criterioso neste trabalho.

Relacionada à intensa vivência coletiva frente à forte identidade cultural, consideramos que, em Cameté, a memória funciona mais do que um simples suporte. Ela também um canal de aquisição de conhecimento porque diante do passado cultural impresso, os sujeitos podem planejar o futuro situando-se no presente, já que evocam e recorrem sempre a uma cultura e tradição que lhes é própria. Henry Rousso em seu texto intitulado —A memória não é mais o que eral (2002), ao discutir a memória, enquanto presença do passado, afirma: —[...] um elemento essencial das identidades, da percepção de si e dos outros (ROUSSO, 2002, p. 95).

Os estudos referentes à teoria da memória são fundamentais para que se possa relacioná-los aos estudos de tradição e da história oral. Sobre isso, Paul Ricoeur, em *Tempo e narrativa* (1983), também nos apresenta uma teoria da memória voltada à experiência humana, com ênfase ao caráter temporal que ela imprime nesse recontar. As discussões do autor nos permitiram entender que as diferenças são fundamentais a esse respeito. Pensando nas relações

entre a memória e rememoração presentes nas produções dos escritores cametaenses Alberto Moia Mocbel e Victor Tamer, o —contarl e —recontarl de histórias também abarcariam os mesmos princípios da teoria da memória voltada à experiência humana, como mencionado.

Em relação às duas narrativas, a saber, —Visagens e Assombrações da Infância II e —O homem estrelal, selecionadas para o *corpus* desse trabalho, Tamer relata uma das histórias que ouvira quando menino. É a história de uma —mulher da meia noite. Essa mulher vaga no horário que o título nos sugere pelas principais ruas da cidade. Sua figura é associada à categoria do sobrenatural ou do fantasmagórico. O autor justifica que a simbologia da aparição, quando relacionada ao de muitas outras visagens e assombrações, as quais também marcaram sua infância, enfatiza o período do precário fornecimento de energia elétrica da cidade.

Por sua vez, Mocbel, nos conta uma história em que relata um fato vivenciado por seus sogros. Ele nos diz que, em determinado cruzamento de ruas em Cameté, por volta das vinte e três horas da noite, seus sogros se depararam com um homem desconhecido e muito bem vestido e que olhava fixamente para o céu. Esta narrativa se distingue da primeira por apresentar a escuridão da noite se mesclando com a claridade das lâmpadas no alto dos postes, o que evidencia já um indício de evolução do fornecimento de energia elétrica. É válido ressaltar que, durante anos, o relato dos sogros de Mocbel, Senhor Jaime e Senhora Margarida, descrita na narrativa como Dona Magui, foi um dos principais assuntos em reuniões familiares antes da publicação em livro, como destacou na entrevista (anexo D) concedida à mestrandia Vivianne da Cruz Vulcão no dia 14 de setembro do ano de 2013. Waldemar Ferreira Neto em *Tradição oral e produção de narrativas* (2008) defende que a memória humana é recuperada a partir de estímulos por ser uma faculdade humana e considera ainda que há dois tipos de memória: a memória explícita e implícita. Sobre elas, o autor assevera que

A memória explícita envolve a lembrança consciente de episódios passados, por meio da recuperação intencional desses episódios, enquanto a memória implícita envolve a influência de episódios passados no comportamento atual sem recuperação intencional e, algumas vezes, sem lembrança consciente daqueles episódios (FERREIRA, 2008, p.16)

O pensamento de Ferreira Neto vai ao encontro das discussões tecidas por Silvia Helena Cardoso em *Memória: o que é e como melhorá-la* (1997). A autora explica que o surgimento da memória, no sentido de que ela se efetiva como um processo de retenção de informações, se efetiva por meio de experiências que são arquivadas e recuperadas quando necessário. Com isso, consideramos que a descrição, ainda que resumida das narrativas,

explica parcialmente a produção dos autores cametaenses, nos permitindo entender que sempre selecionamos, recriamos, reorganizamos e reelaboramos informações. O que justifica o porquê de nossa memória sempre necessitar de uma —manutenção constantell, condição esta fundamental para mantê-la sempre viva.

Estas discussões também podem ser relacionadas às ideias de Paul Ricoeur em *Tempo e narrativa* (1983) que envolvem a narrativa. Para o autor, esta —atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal<sup>49</sup>. Assim, entende-se que as narrativas tematizam, além do espaço, o tempo relatado da memória que compreendem as histórias visando a compreender, ao mesmo tempo, um discurso que reafirma a tradição da cultural local.

Já Ivan Izquierdo em *Memória* (1999) defende que memória é aquisição, formação, conservação e evocação de informações, que o ser humano recolheu por meio de suas experiências de vida. Para o autor, o indivíduo é aquele que recorda por considerar que a sua identidade pessoal e social está relacionada ao que é lembrado, ou esquecido, sobre si e sobre a coletividade que o circunda.

Ecléa Bosi em *Memória e sociedade* (1994) nos diz que a memória imagem-lembrança, conforme cita, resgataria momentos únicos, com data certa e sempre se refere a uma situação específica e individual que, ao ser lembrada, traz consigo também todas emoções de um momento vivido.

Os levantamentos bibliográficos nos possibilitaram a ter contato com uma variedade de memórias existentes, e esse contato nos permitiu a estudar em especial dois tipos de memória: a *memória individual* e a *memória coletiva*. A primeira se relaciona aquilo que cada um carrega —dentro de si, ou seja, ela apresenta nossas vivências e impressões, as quais foram consolidadas ao longo dos anos e que contribuíram para nossas aprendizagens. Ela não guarda tudo, como bem se verá mais adiante, já que esta também tem o caráter de ser seletiva. Sob este prisma, ressalta-se que os critérios daquilo que é ou não significativo resultam do espaço e do tempo vivenciado anteriormente e no agora. Já a memória coletiva é o conjunto de registros eleitos pelo grupo. Por meio dela, estabelecemos nossa identidade, nosso jeito de ser, viver e ver o mundo com base em parâmetros históricos e culturais. Tal tipo de memória desperta nosso senso de pertencimento a tudo o que pode relacionar-se a nós mesmos e permite estabelecer uma relação dinâmica junto a outros indivíduos e ao grupo como um todo. Em síntese, a memória individual se refere a nossas próprias experiências e vivências, ao passo que a memória coletiva determina a identidade de uma comunidade, região ou nação.

Alessandro Portelli no artigo —A história oral como gênero (2001), nos leva à interpretação de que a memória, a fala e as experiências vividas são aspectos sociais, constituídos pelos indivíduos dentro de um determinado espaço e tempo. O autor considera ainda que os sentimentos são compartilhados por meio da memória. Assim, mesmo que a memória individual e coletiva apresentem particularidades próprias, algumas características relacionadas ao medo, à insatisfação, à descrença, entre outras, aproximam as pessoas umas das outras contribuindo para a construção de uma identidade que lhes é pessoal. Por exemplo, alguém pode não acreditar na presença de fantasmas, já uma outra pessoa pode acreditar na presença, influencia e até na manifestação deles. O exemplo nos ajuda a entender os aspectos sociais a partir de fatos ou experiências que podem, ou não, ser vivenciadas individualmente ou coletivamente.

Jean Duvignaud complementa ainda estas discussões sobre a memória ao afirmar no prefácio do livro de Halbwachs que —a memória individual existe, mas está enraizada em diferentes contextos que a simultaneidade ou a contingência aproxima por um instante (HALBWACHS, 2006, p. 12). O autor de *Memória coletiva* (2006) afirma que as nossas lembranças também são coletivas, porque são lembradas por outras pessoas e —[...] ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós (HALBWACHS, 2006, p. 30). Halbwachs ainda estabelece três classificações bem específicas para a memória: a individual, a coletiva e a histórica. Como as duas primeiras são mais comuns, entende-se que a histórica é aquela que nos apresenta o passado de forma resumida e esquemática. Cumpre citar nesse momento Ecléa Bosi novamente em *Memória e sociedade* (1994), já que a ensaísta afirma que a memória coletiva resultaria de um processo de coleta de relatos, ou seja, o mesmo fato, relatado por diferentes integrantes do grupo, configura-se como se fosse uma espécie de —passado a limpo.

Outro teórico que merece destaque frente aos estudos de memória é Jacques Le Goff em *História e memória* (2003). Para o autor, a matéria fundamental da história é o tempo e, nesse sentido, considera que a memória é um elemento essencial. Mesmo tendo a impressão que já tenhamos nos acostumado chamá-la individual ou coletiva, para ele, a memória coletiva não é apenas uma conquista, é também um objeto de poder.

A memória coletiva, levando em conta os estudos de Le Goff, nos possibilita concebê-la como um importante mecanismo social de poder, uma vez que se tornar senhor da memória e do esquecimento são uma das grandes preocupações das classes, grupos e indivíduos que dominam as sociedades históricas. A dualidade do esquecimento e do silêncio também são



reveladores diante das histórias locais porque servem de mecanismos de manipulação da memória coletiva. Assim, considera-se que a memória, na qual cresce a história, nos alimenta e procura sempre salvaguardar o passado para apresentá-lo no presente e no futuro.

Em *Memória, esquecimento e silêncio* (1989), Michael Pollak nos apresenta importantes considerações com ênfase na abordagem durkeimiana e do sociólogo Maurice Halbwachs. Segundo Pollak, —não se trata mais de lidar com fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade (POLLAK, 1989, p. 4). Assim, consideramos que os critérios apontados por Pollak projetam fatos cronológicos que se fazem presentes nas narrativas de Tamer e de Mocbel, diante das produções literárias e das temáticas relacionadas a essas questões.

Michael Pollak também define a memória por meio dos lugares de memória que compreende, principalmente aquelas que se revelam como lembranças pessoais que podem ou não fazer referências ao tempo cronológico. Ou seja, pode ser relacionado aos aspectos narrativos que Tamer em —*Visagens e Assombrações da Infância II* utiliza em seus relatos. Entre os quais se destacam os fatos pessoais e da infância, quando diz, por exemplo, —Na minha infância, vivi também o tempo em que muito se falava de visagem e assombrações (TAMER, 2012, p. 93). Pollak defende que alguns critérios são essenciais para se enfatizar a memória de grupo, fundamentada também na herança familiar e no lugar formador de memória, uma vez que estas estabelecem relações com acontecimentos, personagens e lugares, como é o caso do exemplo acima descrito.

Outros estudos pertinentes ao estudo da memória e que cabe ser mencionado é o de Alaida Assmann em *Espaço da recordação* (2011). Para a autora, a definição de memória ocorre pelo —espaço de recordação que —orienta para o passado e avança passado adentro por entre o véu do esquecimento. A autora suscita a ideia de que para trabalhar a memória é preciso que se faça o resgate das informações que muitas vezes o passado soterrou, ou seja, é preciso mapear os lugares sem perder de vista a condição de sua preservação.

A memória coletiva, em si, elenca fatos e aspectos relevantes. Relacionando-a com a cidade de Cameté, esta se conserva como uma espécie de —memória oficial", à medida que se integra ao que nos habituamos chamar de —lugares da memória. Todos os elementos descritos no final do primeiro capítulo desse trabalho, a exemplo do paredão do cais, as composições musicais, os hábitos e costumes locais, entre outros, consolidam de alguma maneira um passado coletivo. Contudo, vale destacar que o —passado coletivo que se está

referindo não é apenas daquele que recordamos, mas sim de toda a coletividade da qual o recordador fez e ainda faz parte.

Assim como se propuseram os autores locais Alberto Moia Mochel e Victor Tamer, dedicamos neste trabalho, após o levantamento bibliográfico de suas principais obras, todo o —saber fazer‖ presente em ambos, além do nosso respeito também refletido no sentimento de gratidão dos muitos cametaenses que reconhecem seus esforços em materializar, em suas obras, aspectos da tradição e da história local.

Ecléa Bosi (1994) assevera que uma cidade considerada ou não patrimônio histórico resultará a partir da contribuição de todos, elementos suficientemente capazes de fundamentar e construir a memória coletiva, porque acredita que essa contribuição é obtida levando em conta cada ator social. Sabe-se que esse tipo de processo pode ocorrer espontaneamente, a exemplo de como as conversas informais podem se efetivar na prática, pois, por meio destas, cada um expõe as lembranças de determinado fato e, em geral, as lembranças convergem e passam a se relacionar as nossas e de outro alguém. Assim como algumas vezes podem se referir a questões familiares e mesmo havendo divergências, nada se distancia de nossas próprias experiências, uma vez que a memória coletiva vive, sobretudo, da tradição e ainda se configura como o quadro mais amplo no qual os seus conteúdos também se atualizam.

Os estudos sobre memória nos permitem fazer um levantamento detalhado diante dos estudos sobre tradição, haja vista que tanto a memória quanto a tradição estão interligadas. Com base nestas, é possível ir ao encontro de algumas lembranças temporais e históricas, as quais evidenciam os mais diversos elementos culturais, conforme dito anteriormente.

## 2.2 ESTUDOS SOBRE TRADIÇÃO E IDENTIDADE

Os estudos sobre tradição são importantes porque, também, fundamentam as discussões levantadas entorno da memória. No *Dicionário de Conceitos Históricos* (2006) a definição de tradição compreende —um conjunto de práticas e valores —enraizados‖ nos costumes de uma sociedade‖ (VANDERLEI; SILVA, 2006). Nesse sentido, compreendemos que na cidade de Cameté a tradição histórica cria elementos úteis para a construção de uma identidade social que lhe é própria.

As tradições de uma sociedade, de um modo geral, podem evoluir e se transformar de acordo com as necessidades da população. Apesar de a tradição possuir muitos significados, esta costuma estar: relacionados à cultura popular, a costumes, ritos, valores, entre outros.

Tendo em vista a ideia de tradição com bases em elementos representativos, selecionaram-se algumas fotografias a fim de exemplificar, além do texto, a ilustração do passado cametaense. Tal escolha justifica-se à medida que acreditamos serem as fotografias os elementos mais próximos da realidade local, da qual gostaríamos que o leitor pudesse se aproximar, no intuito de melhor perceber os espaços urbanos da cidade descritos, que, por sua vez, também se relacionam às duas narrativas analisadas. Ao inserir algumas fotografias ao longo do texto, tentamos possibilitar ao leitor conhecer elementos que refletem parte do passado, da cultura, da história, da memória e principalmente, da tradição cametaense. Cada uma delas ajudará aqueles que conhecem ou não a cidade de Cameté a entender o tempo determinado por meio da produção literária dos autores locais, épocas ou períodos históricos marcantes. Em suma, as fotografias selecionadas e disponibilizadas nos ajudaram a referendar, com mais precisão, alguns objetos do maquinário de iluminação pública, postes, praças, igreja, praia, cais, capa de obras de literárias dos autores cametaenses, enfim, a utilização. A dimensão social da cidade e suas relações não podem ser enquadradas como um resumo ou um esboço, que, quando vistos apenas de longe, caracterizam a ideia de mera —representatividade. Ou seja, a dimensão social cametaense, precisa ser demonstrada a partir da importância cultural que mantém ao longo dos seus 378 anos de existência para com a história local, do Estado do Pará e do Brasil, como mencionada anteriormente. É necessário entender que nós, enquanto sujeitos sociais diferenciados, atuamos direta e indiretamente no processo de produção e reprodução dos territórios. Constituímos ainda grupos locais e mesmo apresentando memórias diversificadas, não podemos nos eximir das responsabilidades de contribuir para a formação da cidade. Sobre esse aspecto, Arantes Neto, em *Paisagens paulistanas: transformações do espaço público* (2000), considera que —transitamos taticamente em função de negociações e interesses socialmente situados e, assim, fazendo, exploramos, constituímos e recordamos as fronteiras simbólicas que nos unem e nos separam, com toda a sua ambiguidade e ambivalência (NETO, 2000, p. 137).

Acerca das questões sociais e culturais, convém citar os estudos de Homi Bhabha em *Locais da Cultura* (1998), uma vez que nos auxilia a entender, com mais propriedade, alguns aspectos sobre cultura e identidade cultural. Os direcionamentos de leitura do autor se relacionam aos estudos literários sempre com um olhar voltado para questões pré-coloniais. O

autor, frente as suas análises na óptica comparatista, busca estabelecer um liame entre: esfera do além, fronteiras do presente e momento de trânsito.

Bhabha suscita questões fundamentais acerca dos estudos culturais, no sentido de mostrar como a cultura se mostra entre a temporalidade e o limite. O autor também reflete sobre o modo como a literatura e arte são produzidas no presente, levando em conta ainda a simultaneidade e a instantaneidade como resultados desse sistema, ou melhor, dessa condição fronteira.

Outras questões abordadas por Bhabha em sua obra fundem o que ele mesmo define como —autoconsciência histórica do presentell, da forma que se estabelecerá a fronteira do presente que vai além de um pós. Um pós, que não é depois, mas aquele que se efetiva como presente. Neste pós temos uma remissão ao passado porque vivemos o momento presente, isto é, como se vivêssemos sempre no limiar, num ponto de passagem entre o limite da temporalidade e de todos os lugares ao mesmo tempo.

O autor também atribui a algumas palavras como, por exemplo, —alémll; —fronteiral; —presentell; —sujeitol, entre outras, com significados que ultrapassam a carga semântica própria de cada uma delas. Talvez Bhabha as trate dessa forma com o intuito de dar vazão a um pensamento que estabelecemos durante a leitura, como se fosse uma espécie de trânsito, de um ir e vir constantes, levando em conta a premissa de que —o além não é nem um novo horizonte, nem um abandono do passado.

O ir e vir constantes a que se refere Bhabha relaciona-se ao caminhar da humanidade. É o próprio fato do ser, na condição de sujeito, que precisará ter consciência da posição que realmente ocupa em meio aos —pósll exemplificados pelo autor da seguinte forma: —pós-modernismoll, —pós-capitalismoll, —pós-feminismoll e etc.

As questões que envolvem o sujeito diante do discurso e do poder colonial aos quais foi e ainda está submetido são de fundamental importância para compreensão da cultura e da tradição em que o sujeito está inserido. Partindo de um discurso colonial, que tem como base a relação de poder, tal discurso pode reconhecer e ao mesmo tempo ignorar as diferenças culturais, como se na relação entre colonizado e colonizador não houvesse também dominado e dominante. Portanto, fica claro que não se trata do —eul colonialista, nem do —outroll colonizado, mas sim da perturbadora distância entre os dois, que, por sua vez, constituirá a figura da alteridade colonial.

Os sujeitos são formados nos entre lugares, mesmo estando num hibridismo cultural, marcado por toda uma formação histórica em sua construção. Isto implica, provavelmente, na constituição da —identidade originall ou das tradições recebidas, haja vista que também são

fatores indissociáveis para se perceber o quanto a diferença cultural, quando associada ao multiculturalismo, recriam identidades diferenciadas por meio das dualidades, a exemplo do negro e do branco, eu e outro, superior e inferior, etc. São justamente essas considerações que fazem com que as fronteiras culturais não sejam vistas como algo atrelado a elementos políticos.

Sem perder de vista todas essas questões, de base histórica, Bhabha escreveu sobre literatura diante de um discurso contundente e emblemático, o qual contribuiu para se considerar a história da colonização não como mais uma das versões que costumamos conhecer, mas sim uma versão que se edifica por meio de outros pontos de vista.

Sob este prisma, não encontraremos um sujeito específico, ou um sujeito de personalidade fixa. Haverá outras vozes, outros discursos, outros sujeitos que produzem, projetam e lançam seus discursos sob uma nova proposta, pois, o sujeito, quando nesse estágio, passa a assumir uma imagem que deve lhe permitir considerar sua identidade não apenas voltada para objetos, mas para o mundo ao seu redor e que se fundamenta na tradição cultural.

Os estudos de Bhabha foram incorporados a esse capítulo para se tratar de um —além, ou melhor, dos termos que apontam para esse além, no sentido de revelar vozes históricas, vozes que marcam a fronteira, o caminho, a ponte, as passagens que nos permitiram chegar até as narrativas de memórias afetivas, narrativas conectadas ao capitalismo, narrativas indígenas, narrativas orais, entre muitas outras.

As discussões de Bhabha nos possibilitaram também a entender que Tamer e Mocbel evidenciam em suas produções o sentimento de saudade. Em alguns momentos tal sentimento até pode se revelar como nostálgico, mas em alguns casos evoca toda a representatividade de que os autores manifestam pela cidade de Cameté, pois, os temas dos contos, crônicas, narrativas e poemas —amenizam alguns conflitos relacionados a essa fugacidade do tempo. Por outro lado, evidenciam a importância que suas relações pessoais assumem diante dos laços afetivos criados ao longo do tempo descrito.

Nas obras de Tamer e Mocbel sempre há disponível uma fotografia, ou alguma imagem que venha a confirmar as informações descritas por eles. Os poemas e as composições musicais se apresentam como um registro da cultura, costumes, crenças e peculiaridades do cotidiano. Nesse sentido, consideramos que tudo o que por eles nos é apresentado sempre é realizado com o intuito de eternizar a memória e a tradição local.

Cada sociedade, com suas mais significativas diversidades culturais, criam mecanismos contra o esquecimento por meio de fotografias, músicas, encontros, crenças,

rituais, festas e outros. Logo, as imagens são comuns a todos e para que cada uma delas assuma um significado particular, cada sujeito se reportará a uma história, seja ela familiar ou pessoal.

Alguns eventos como o —lembrar e o —esquecer se unem à memória. De fato, estes eventos estão unidos e ao mesmo tempo integrados, como uma forma de perpetuar as tradições locais ainda existentes na cidade de Cametá. Nesse sentido, entende-se que todo espaço ou lugar possui uma significação de existência que os torna únicos. Daí o porquê da tradição ser construída por meio do presente e sempre se realizar levando em conta as práticas e as simbologias eternizadas ao longo do tempo.

Objetivando fundamentar ainda mais as questões relacionadas à identidade cultural e à tradição, leu-se também o capítulo intitulado —Teoria Literária e Literatura do Terceiro Mundo: alguns contextos, de Aijaz Ahmad, presente no livro *Linhagens do Presente* (2002). Tal escolha se justifica à medida que Aijaz Ahmad aborda em seu texto questões relacionadas à cultura, à sociedade e à política.

Cultura, sociedade e política costumam ser encarados como assuntos antigos, quando na verdade sempre serão atuais; uma vez que se constituem sempre como objeto de discussão diante de uma nova perspectiva frente aos possíveis diálogos estabelecidos. Sobre isso, o crítico Ahmad, na abordagem do capítulo anteriormente mencionado, afirma que as pressões e os paradoxos, por ele examinados, assumem formas institucionais e muitas vezes até mesmo pedagógicas.

Outras questões que se destacam, dizem respeito ao que muitos outros críticos já consideram como a nova área da literatura, relacionada ao terceiro mundo. As pressões literárias, culturais e políticas são consideradas também fundamentais na teoria dos três mundos, haja vista que há uma maneira bem direcionada, uma ênfase ao nacionalismo e às produções culturais que serão observadas no terceiro mundo.

A Universidade Indiana que o autor Aijaz Ahmad cita como exemplo, capta um olhar voltado para a literatura do terceiro mundo e da análise do discurso colonial, pautada na ideia de se pensar em —nós mesmos. Ahmad fundamenta algumas de suas ideias diante de uma cultura radical e oposicionista marcada pelo marxismo. Um dos aspectos principais inferidos dessa linguagem —proximal estabelecida com o leitor associa-se à enunciação que o autor faz ao afirmar que o imperialismo apresenta, diante do mundo, um papel contraditório. Também discute o fato de que, nos estudos ingleses, se estabeleceu uma relação entre literatura, cultura, sociedade e história. É nesse contexto que o ativismo político é citado, assim como o campo de

produção, a teoria literária, as posições teóricas e muitos outros elementos que dialogarão diante das proposições do autor sobre literatura e suas questões de gênero.

Aijaz Ahmad deixa claro que o leitor deve analisar as questões da —*Literatura do Terceiro Mundo*], considerando aquilo que se costuma interpretar acerca do tema, já que é preciso estabelecer os antecedentes e os contextos da própria teoria literária contemporânea.

Outros estudiosos como Edward Said, Fredric Jameson, Foucault, Bhabha e outros também são retomados por Ahmad em seu trabalho. Pode-se asseverar que, de uma forma bem simplificada, o autor considerou em suas abordagens alguns ramos da teoria literária para fazer com que o seu leitor refletisse acerca das questões relacionadas à colônia. Desse modo, as exposições e os comentários, em geral, de Ahmad, nos ajudaram a perceber o quanto o discurso de categorias políticas se tornou influente em certos momentos históricos e de uma certa maneira continua sendo até hoje.

As discussões de Ahmad referentes à memória e à tradição se fazem importantes, porque a capacidade que o autor tem de refletir sobre o presente contribui para pensarmos ainda mais a respeito da afirmação da identidade cametaense. Ao longo desta pesquisa foi possível perceber, em vários momentos, a revitalização das manifestações culturais locais que não somente ajudam a suprir as necessidades de memória, mas também contribuem para o fortalecimento da identidade, como mencionado anteriormente. Cabe destacar nesse momento o trabalho de Verena Alberti em *História oral: a experiência do CPDOC* (1989): —A memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Ela é o resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de experiência, isto é, de identidade. ‖ (ALBERTI, 1989, p. 167).

Em síntese, ao nos aproximarmos da comunidade citadina cametaense e ao conhecer elementos de sua história com base nas manifestações populares, tais como festas religiosas ou profanas e comemorações diversas, também observamos o fazer artístico de muitos guardiões de uma memória e tradição que, ao longo de 378 anos, também traduzem a linguagem, a expressão do pensar, do fazer e do sentir que é peculiar de seu povo.

### 2.3 NARRATIVAS E HISTÓRIA ORAL: Vivências e Relatos. Leitura e Interpretação do Livro *Abaetetuba Conta* (1995)

As narrativas e as histórias orais funcionam como instrumentos que estão muito além da transmissão de saberes acumulados estritamente. Estão presentes nestas também a cultura,

nossas experiências, lembranças, ampliando dessa forma a nossa visão de mundo. O interesse pelos estudos sobre oralidade parte do nosso cotidiano e muitos autores a entendem de forma bem peculiar, a exemplo de Luiz Antônio Marscusi em *Da fala para a escrita: atividade de retextualização* (2011). A respeito da oralidade, ele diz que —como prática social é inerente ao ser humano e não será substituída por nenhuma outra tecnologia. Ela será sempre a porta de iniciação à racionalidade e fator de identidade social, regional, grupal dos indivíduos! (MARCUSCHI, 2001).

Oralidade e narrativa, portanto, envolvem estruturas linguísticas organizadas e elementos fundamentais, tais como: personagens, espaço, tempo e o próprio narrador, como veremos mais adiante.

Apoiado também nas concepções de Walter Benjamin, mediante a leitura de *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* (1994), percebemos que o autor se preocupou com as questões de formato, tipologia dos discursos e linguagens que as narrativas, quando registradas, poderiam exprimir frente à construção de imagens. Já ao examinar as narrativas de Nikolai Leskov, Benjamin organiza importantes reflexões sobre o ato de narrar. O autor também expõe possíveis causas da —falência! da arte de contar e indica alguns elementos próprios dos relatos orais presentes em certas narrativas escritas que se aproximam daquelas que ele considera ser a verdadeira narrativa.

Quando se fala de uma —verdadeira narraçãol, segundo as concepções de Benjamin, é necessário ter em vista que esta se origina da tradição, porque apresenta conselhos sugestivos e geralmente é transmitida por narradores anônimos. Ela evita explicações prontas e acabadas, não deixa o ouvinte observando o sentido, uma vez que constitui como seus representantes o viajante e o camponês.

Tanto o viajante, quanto o camponês, são personagens humanizados que transformam a realidade e não descrevem o destino por acaso. Ambos relacionam-se ao tempo passado, presente e ainda projetam o futuro. Todo esse processo por meio da experiência. Entende-se que essa foi a forma que Benjamin vinculou a narrativa a uma espécie de —modelo de sociedade!. A esse respeito, considera que a —sua organização coletiva reforça a vinculação consciente a um passado comum, permanentemente vivo nos relatos dos narradores! (BENJAMIN, 1994, P. 68). Walter Benjamin também define a categoria *narrador* levando em conta aquilo que denomina de —vestígios! que, por sua vez, estão presentes de muitas maneiras, seja nos textos narrados ou na qualidade de quem as viveu ou relatou. As narrativas de Tamer e Mocbel, portanto, retomariam exatamente o imaginário popular da história do município de Cameté que o —tempo reconta! para manter viva a memória local.



As teorias de Benjamin sobre a história contemplada no tempo nos orientam a entender como a construção do relato da história influencia as práticas sociais. Para o autor, a memória funda a cadeia da tradição, já que transmite acontecimentos de geração a geração. Nas palavras do autor —inclui todas as variedades da forma épica. Entre elas, encontra-se em primeiro lugar a encarnada pelo narrador. Ela tece a rede que em última instância todas as outras constituem entre si (BENJAMIN, 1994, p. 221).

A partir das reflexões obtidas sobre as teorias de Benjamin, em relação à narrativa, entendemos que o narrador sempre se associa indiretamente aos fatos vivenciados. Da relação narrador e narrativa, a transmissão ou a troca de experiências acontece entre as gerações e reafirmam suas relações com o grupo social que integram.

Outra obra selecionada, no intuito de subsidiar nossas reflexões sobre os estudos das narrativas, é *Armadilha da memória* (2003), de Jerusa Ferreira, porque consideramos que o conjunto de ensaios apresentados pela autora diz muito dos sentimentos humanos e de que forma a oralidade é inserida na vida das pessoas a cada história contada e ouvida. Assim, associado à diversidade e a riqueza de temas, o estudo da oralidade está entre os temas mais discutidos pela autora.

Percebemos que os autores cametaenses Tamer e Mochel imprimiram em suas narrativas parte de suas experiências pessoais. Estes autores revelaram traços da vida e do ambiente no qual viveram quando jovens. Também foi possível resgatar fragmentos de suas memórias individuais refletidas na memória coletiva local, da qual obtivemos informações em vários momentos da pesquisa, na cidade de Cametá. Sobre isso vale mencionar Fernando Tarallo em *A pesquisa sociolinguística* (2002). Tal autor, ao tratar das narrativas, assevera que —ao narrar suas experiências pessoais mais envolventes, ao coloca-las no gênero narrativa, o informante desvencilha-se praticamente de qualquer preocupação com a forma (TARALLO, 2002, p. 23). Tarallo nos faz refletir sobre a espontaneidade que muitos informantes possuem no ato de relatar histórias. Desprovidos de formalidade, o narrador desempenha o papel de transmitir em suas histórias a cultura, os costumes, os aspectos da sociedade e da literatura local.

Ainda, no que se refere aos estudos das narrativas, a professora Socorro Simões apresenta-nos a ideia de relato e o exemplifica por meio de inúmeras histórias coletadas que têm sido objeto de suas pesquisas. As narrativas orais que constituem o método de pesquisa da pesquisadora, da Universidade Federal do Pará (UFPA), foram coletadas por meio de gravações e editadas em inúmeros livros publicados que fazem parte do acervo do Programa —O Imaginário nas formas narrativas orais populares da Amazônia paraense (IFNOPAP). Os

comentários aqui tecidos acerca das narrativas orais se fundamentaram também, tendo como base a leitura do livro *Abaetetuba Conta* (1995), coordenado pela docente e pelo também Professor, Christophe Golder. Tal escolha se efetivou em detrimento da cidade de Abaetetuba ser geograficamente mais próxima a Cametá e, também, pelo fato de muitas narrativas se assemelharem aquelas que são —contadas‖ e —recontadas‖ por lá.

Para fundamentar ainda mais as teorias, referentes aos estudos das narrativas orais, selecionamos também as contribuições de Roland Barthes em *Análise estrutural da narrativa* (2011). O autor afirma que a narrativa está presente em todos os tempos e em todos os lugares. Sendo assim, antes de se analisar especificamente os comentários do livro *Abaetetuba Conta* (1995), citamos as palavras de Roland Barthes sobre narrativa. Para este, —a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há em parte alguma povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm suas narrativas [...]‖ (BARTHES, 2011, p. 19).

Os temas das narrativas orais que constituem o livro *Abaetetuba Conta* (1995) são muito diversificados. As histórias em si traduzem uma realidade local que se aproxima a de outras cidades do interior da capital paraense, como Cametá. Pode-se citar como exemplos a ambientação, a descrição de personagens, as relações familiares e as de compadrio.

Compreende-se que o homem ribeirinho cria relações significativas entre três elementos fundamentais: o rio, a mata e a cidade. Este transita por esses ambientes, domina técnicas que garantem a coleta de caças e frutos para a sobrevivência de toda família. Geralmente sua fonte de renda ocorre por meio da venda das caças e frutos que coletou na mata, ou dos pescados que conseguiu obter ainda de madrugada no rio.

As histórias do lugar, publicadas no *Abaetetuba Conta* (1995) são, em sua maioria, relatos pessoais. Contados e recontados, tais relatos foram narrados por homens e mulheres que, em algum momento de suas vidas, também ouviram histórias dos avós, tios, ou conhecidos. A maioria delas tem a sua origem no seio familiar e, aos poucos, se propagam pela comunidade.

O contato com as narrativas referenciadas no livro, tais como —essas coisas que aparecem‖, —um sonho‖, —mistério‖, entre outras nos possibilitou chegar a várias constatações, entre as quais se destaca a segurança que o narrador possui em dizer que determinada história —foi um caso real‖, —pois aconteceu isso‖, —segundo a palavra do homem que me contou‖, —é o que lhe digol‖ e assim por diante. Uma vez identificadas estas características, justifica-se a necessidade que o narrador sente em tentar comprovar seu testemunho, se valendo muitas vezes do grau de proximidade ou de parentesco frente aqueles que lhe relataram o fato. —Deus‖, —diabo‖, —homem‖, —mulher‖, —criança‖, —padre‖,

—pajél, —rezadeiral, —compadrel, —tiol, —conhecido, —padrinhol, —irmão, —amigo, —velhinhal, —lobisomem, —matintapereral, —botol, —cobral, —matutol, —curupiral, —porcol, —perul, —pássarol, —tucanol, —veadol, —compadrel, —naviol, —redes, —paneiros e —malhadeiras são alguns dos exemplos dos elementos que, quando isolados ou reunidos, caracterizam parte do universo narrativo local da cidade de Abaetetuba. Tais elementos fundamentam as histórias de mistérios, causando nos ouvintes e leitores sensações de medo, assim como também podem gerar dúvidas e despertar a comicidade frente ao esquecimento do narrador em relação a algum fato, nome, ou dados que podem gerar dúvidas quanto ao desfecho da narrativa.

Os narradores relatam que diante dos casos em que as almas voltam do além para pedir *cera*<sup>22</sup>, o pedido só ocorre porque as almas pedintes ainda não conseguiram descansar em paz, como se a mesma, de alguma maneira, ainda estivesse presa ao mundo físico. Outra característica interessante em relação a esse fato descrito é a de que antigamente as pessoas obtinham riquezas por meio da conquista do ouro e que, em casos de perseguições, enterravam toda a fortuna em locais que somente quem as enterrou saberia encontrar.

Os contadores de histórias também costumavam narrar que durante os sonhos conseguiam visualizar, às vezes, o local em que a fortuna estava enterrada e que esta normalmente estava vigiada por uma alma que, volta e meia, sempre aparecia e pedia ajuda aqueles que —tem merecimento<sup>23</sup>. Na verdade, a libertação dessa alma só aconteceria de fato, quando uma espécie de ritual fosse realizado, no qual a pessoa escolhida, para —quebrar o encantol, deveria ir, à meia-noite, no local indicado, cortar o dedo com uma faca virgem, pingar gotas do próprio sangue e dizer algumas palavras de ordem em determinado momento, por exemplo, —compre uma faca noval, —faça um fermentol, —jogue água bentol, entre outras intervenções que encaminhavam esta alma para o caminho da luz, céu, ou para o lugar em que, na linguagem popular, se acredita descansar em paz. Em muitas histórias, sorte e providência divina são intermediadas pela invocação de Deus e de santos populares, entre os quais se destacam a Nossa Senhora (mãe de Jesus), diante de toda a bravura e atos de coragem, por parte daqueles que dizem querer —ver essas almas, ou ainda de querer reafirmar a masculinidade em frases como —sou homem, não corrol, cumprem-se profecias que, em sua maioria, geram como consequência, para aqueles duvidam, males como fortes dores de cabeça, enlouquecimentos repentinos e mortes inesperadas. Tais sinais serviriam como um —sinal de

<sup>22</sup> Libra de vela que deve ser acesa para encaminhar o espírito ao caminho da luz.

<sup>23</sup> A expressão relaciona-se apenas ao fator sorte, ou seja, é preciso ter sorte para que o contato com a assombração aconteça e como recompensa, a fortuna lhe seja entregue.

alertal e de ensinamento para as demais pessoas. Algumas histórias também aludem a profecias que de fato se cumpriram, a exemplo de desmoronamentos e mortes que dizimaram parte da população devido a doenças epidemiológicas como a malária e a cólera.

Encantamentos de botos e assombros são solucionados, de forma geral, por rituais de pajelança, isto é, a comunidade conta com o auxílio de pais de santos e benzedeiros para afastar esses —espíritos ruins|. A maioria dos encantamentos se realiza pela metamorfose de seres em animais e vice-versa. Outros, por vezes, choros, aparições, espancamentos inexplicáveis e loucuras repentinas, como já mencionadas anteriormente.

Navios, árvores, pedras, poços, cavalos e sereias compõem os cenários bucólicos retratados pelo narrador, que por sua vez, inspiram ouvintes e leitores na criação de imagens mentais que nos reportam a esses —mundos mágicos|. Daí o porquê de Le Goff afirmar que uma história é uma narração, verdadeira ou falsa, e que pode ser imaginária, histórica ou fabulosa.

As histórias circulam, tal como os contos e as tradições orais, sem fronteiras temporais ou espaciais. Sobre isso, Jerusa Ferreira (2003) afirma que a —transformação da vida em texto não é interpretação, mas a introdução de eventos na memória coletiva| (FERREIRA, 2003, p.78). Retomando Nora (1993), também compreendemos o quanto é necessário, nesse processo de —recontar|, fazer uma distinção entre o relato histórico; o discurso da memória e das recordações, pois, na história busca-se acontecimentos vividos no passado e a memória procura no passado as emoções de vivências reelaboradas na experiência do presente. É levando em conta este aspecto que pretendemos dar ênfase na análise das narrativas que constituem o terceiro capítulo deste trabalho.

A professora Socorro Simões, em seu artigo intitulado —Narrativa: um percurso teórico em discussão|, afirma que as narrativas orais apresentam a ideia de mito e de como esta tem buscado, ao longo de suas pesquisas, trabalhar a manutenção dos estudos sobre memória em narrativas orais. Sendo assim, considera que o programa IFINOPAP —continuará perseguindo os seus objetivos na tentativa, também, de manter não apenas vívidas as lembranças da região, mas de propiciar discussões pertinentes sobre oralidade, cultura e situações narrativas no âmbito da acadêmica| (SIMÕES, 1999, p. 5).

Retomando as palavras da pesquisadora da UFPA, compreende-se que o mito também se caracteriza como uma espécie de linguagem fantasmagórica que é utilizada como forma de esclarecimento dos fatos de nossa vida, da natureza e da história, à medida que estabelece as relações do homem com seu espaço de origem. Daí o porquê de alguns traços fundamentais, acerca da memória humana, poder traduzir em muito a história da sociedade. Logo,

consideramos que os narradores das histórias, muitas vezes, trazem à tona elementos bem característicos dos mitos, no intuito de alegorizar suas histórias.

Percebemos que ao narrador desses relatos cabe ainda contar e recontar, criar e recriar, pois cada narrador também é movido pela arte de contar. Desse modo, falar de memória, tradição e história oral, requer a escolha de temas específicos, já que no âmbito das narrativas orais muitas barreiras se edificam, no sentido dessas histórias não serem vistas com bons olhos na academia e por alguns cidadãos se sentirem envergonhados de histórias como essas referendarem a região ou a cidade onde moram. Por exemplo, no Estado do Pará, as lendas sobre boto, caracterizam nossa região.

Michael Pollak, em *Memória e identidade social* (1992), defende que é preciso tratar o problema da ligação entre a memória e a identidade social, mais especificamente no âmbito das histórias de vida ou daquilo que, hoje, como nova área de pesquisa, denomina-se —história oral

Ao se considerar que os mitos evidenciam a verdadeira expressão da multiplicidade do viver do amazônida, entende-se que tais homens também constroem certo preconceito em decorrência do que muitas pessoas consideram acerca dessas histórias, tratando-as como —inventadas

. Apesar das barreiras, essas narrativas, em particular, são, em alguns momentos, o tônus de verdades ou inverdades que sugerem e constituem o elo entre a cultura e a tradição, seja na cidade de Abaetetuba, quanto na cidade de Cametá.

Suscitar discussões sobre os trabalhos de Tamer e Mocbel certamente é enveredar-se por um universo de mitos, lendas e histórias orais. É também conhecer um universo rico de uma intelectualidade moderna.

Conforme observado anteriormente, as narrativas de Tamer e Mocbel abrigam nuances da imagem urbana da cidade de Cametá que não se limita em apenas retratar o momento histórico vivido das experiências contadas, mas sim em recontá-las, atualizando-as no espaço e no tempo descrito também por outros narradores que passaram por suas vidas.

O fato é que há um elevado número de versões míticas, populares, não populares, que recontam histórias em diferentes possibilidades expressivas, por meio dos mais diferentes suportes, tais como as narrativas, prosas e os versos (orais ou escritos) disponíveis nas obras dos escritores cametaenses Victor Tamer e Alberto Mocbel. A autora Jerusa Ferreira (2003), a esse respeito, recorre aos estudos de Zumthor para dizer que o texto é de tal modo rico e bem realizado, que conjuga do modo mais perfeito, a tradição e situação, uma vez que esses dois eixos, sobre os quais ele assenta a ideia de performance, configura-se como um momento crucial numa série de operações logicamente distintas.

Entende-se que durante o ato de —contar| e —recontar| histórias orais, o narrador, na maioria das vezes, se esquece de determinado nome, lugar ou data provável do fato que relata. Muitos estudiosos do tema memória, inclusive Jerusa Ferreira, considera que o esquecimento pode ser um álibi, no sentido de justificar outros elementos a serem percebidos, quando o narrador, vier a retomar essa ideia. Geralmente, esse lapso ou falha de memória se dá em um tempo curto, como uma espécie de pausa a que ele recorre para retomar ou corrigir equívocos, em relação àquilo que já foi dito.

As narrativas orais, em si, abordam os mais variados temas. Dessas histórias, extraímos ensinamentos que também podem se associar a valores éticos, morais e religiosos. Como por exemplo, não matar ou humilhar alguém, perceber a importância da amizade, da família, e não se submeter a pactos, principalmente com o demônio, almas, ou seres sobrenaturais, que, às vezes, metamorfoseados por encantos ou por maldições, recorrem aos homens para solucionar seus problemas. Na maioria das vezes esses relatos, que compõem o desfecho das narrativas, nos surpreendem com as soluções nada previsíveis e mesmo antes de serem publicadas, muitas dessas histórias, como as que foram descritas, ainda se encontram na oralidade.

### **CAPÍTULO III: ANÁLISE DAS NARRATIVAS: As Marcas de uma Tradição Cultural a ser Conhecida e Preservada**

—A recordação da infância parece tão nítida na memória da gente, que a própria idade não consegue distanciar-lá.

(TAMER, 2012, p. 82)

—Considerando que a ciência tem limites em relação aos mistérios da vida, quem sou eu para negar a existência do sobrenatural.

(MOCBEL, 2009, p. 91).

Cada indivíduo possui características peculiares que os diferencia um dos outros e entre todas as particularidades possíveis, pode-se destacar: a memória. Por meio dela, cada um de nós evoca aquilo que mais emociona, assusta ou surpreende. Assim, cada pessoa, a sua maneira, descreve os espaços em que vive ou transita, conta e reconta histórias que leu e ouviu quando criança, jovem ou adulto. Enfim, nossa memória nos permite sempre elaborar, em forma de relatos, tudo o que é fruto de nossas experiências. Nesse sentido, cumpre explicar o quanto as memórias narradas e editadas por Alberto Moia Mocbel e Victor Tamer puderam nos auxiliar a perceber, com mais clareza, algumas normas, valores, experiências e aspectos da tradição cultural da cidade de Cametá, assim como também nos possibilitou traçar um caminho diferenciado em relação aos levantamentos bastante significativos da história local.

Durante os meses na cidade, na qual houve a coleta de dados para a pesquisa, em relação à realidade, hábitos e costumes locais, comentados nas obras de Tamer e Mocbel, em relação aos espaços, das referências aos lugares, tais como o museu histórico, praças, praia, entre os quais aguçaram o interesse pela pesquisa, com relação às narrativas cametaenses; consideramos que visitar Cametá foi fundamental e a partir de nossas visitas, procuramos encontrar meios e formas que pudessem nos indicar aspectos que norteassem a seleção de pontos fundamentais acerca de nossas pesquisas em relação à memória histórica e a narrativa local. Foi por meio da leitura dos textos de Tamer e Mocbel que o interesse pela pesquisa histórica e literária consolidou-se. Inúmeras datas que aludem à fundação da cidade, da história da Cabanagem e das epidemias, por exemplo, foram evocadas nas produções desses autores, assim como menções a fatos habituais e corriqueiros que marcaram alguns acontecimentos bem intrigantes e humorados em relação às lendas urbanas.

Sob este prisma, a seleção e análise das narrativas —Visagem e assombrações da infância II e —O homem estrela foram fundamentais para se entender o quanto a população, da geração de Tamer e Mocbel, —padeceu com a precariedade do sistema de energia elétrica. Tal afirmação justifica-se à medida que marcou a vida dos autores e da população em vários aspectos, pois, tanto diante das pesquisas, quanto da leitura e análise das narrativas, ficaram evidentes questões relacionadas à fantasia e à realidade que permeavam os cenários e ambientações de épocas passadas. Tais histórias normalmente abordam questões relacionadas aos mitos e costumes da população cametaense.

Em relação aos elementos que integram parte da ordem da fantasia, a exemplo dos —fantasmas, das —visagens e das —assombrações, foi possível perceber que, além de fruto da criação ou imaginação inventiva dos contadores de histórias, podem ser vistos ainda de forma diferenciada por meio da publicação de histórias relatadas ou recontadas por Tamer e Mocbel às questões referentes à realidade, pois essas mesmas histórias diferenciam-se no modo como estes autores puderam impor características próprias a seus personagens; ou seja, sempre haverá personagens corajosos, medrosos, desconfiados, humorados, donas de casa, fofoqueiras, entre outros.

Em algumas cidades tidas como —interioranas, a representatividade comunitária, exercida por determinada pessoa, é mais evidente. Nesses lugares, é comum eleger alguém para explicar as histórias do lugar e geralmente cabe aos idosos essa função. Neste sentido, a história oficial dessas cidades pode ser tomada como exemplo, haja vista que aborda, inicialmente, temas de fundação relacionados à fase inicial do processo de colonização de cidades interioranas como Cametá.

Mesmo que se tenha um profissional da área, como um historiador, tais narrativas não estão monopolizadas, pois, com o passar dos anos, tornaram-se conhecimento de todos e, independente da idade daqueles que seguem recontando, estas podem ser consideradas como histórias de domínio público. Cidades, como Cametá, ricas em lugares e acontecimentos, devem ser mais bem conhecidas pelos visitantes e lembradas por seus habitantes, uma vez que as histórias de lugares como Cametá, em especial, devem ser registradas e guardadas para as gerações presentes e futuras. Daí o porquê de nossas discussões ressaltarem a necessidade de se refletir sobre o papel que a memória desempenha principalmente pelo fato de esta ser detentora de um passado que pode subsidiar as práticas do presente.

Carlos Lemos, em *O que é patrimônio histórico* (2010), afirma que —vive-se do passado, das glórias dos outros tempos. A Preservação de bens culturais para ela [a classe dominante] constitui a obrigação de manter viva a memória dos avós (LEMOS, 2010, p. 31).



Se tomarmos como base as palavras do autor, Tamer e Mocbel certamente seriam considerados como autores que compõem uma —elitel ou —classe dominante.

A —classel, mencionada por Lemos, nos permite entender que, da relação *classe e autores*, ainda que caracterizados como —elitel, sempre foram vistos na cidade de Cameté como detentores de informação. Observados e reconhecidos de maneira positiva, os autores locais sempre obtiveram significativo reconhecimento populacional. Como exemplo disso, pode-se citar o fato da população cametaense manifestar, como forma de agradecimento à —administração e os —cuidados que os autores Tamer e Mocbel tiveram em registrar fatos importantes da história de Cameté, assim, como os demais escritores e pesquisadores que a referenciam, tais como, Salomão Larêdo, Doriedson Rodrigues, Danúzio Pompeu, entre outros.

É necessário que o leitor deste trabalho entenda o quanto o cidadão cametaense, hoje, sente orgulho em saber que sua cidade está sendo pesquisada, no quanto a cultura regional da cidade pode vir a ser enriquecida com pesquisas dessa natureza, pois, nos últimos anos, aspectos relacionados aos estudos da cultura local, estão sendo retomados. Percebemos essa ênfase, frente aos diversos documentários televisivos que abordam aspectos da cultura e tradição das cidades, em especial as cidades do Estado do Pará. Em relação ao município de Cameté, citamos como exemplo o fato de que no carnaval de 2012, a TV Liberal apresentou aspectos culturais da cidade no Programa —É do Pará, com transmissão ao vivo. Diante desse enfoque na época, a cultura local, o dialeto e as lendas urbanas, se tornaram alvo de pesquisas que orgulham toda a população.

Nesse momento do trabalho, achou-se oportuno disponibilizar, entre os parágrafos que se seguem, algumas ilustrações em relação à capa das obras dos escritores Victor Tamer e Alberto Moia Mocbel, bem como de alguns lugares históricos. Tal item se relacionará ao tema título deste capítulo, já que precisamos de fato entender as marcas de uma tradição cultural que, além de conhecida, precisa ser preservada.

As ilustrações são frutos do trabalho de pesquisas documentais, biográficas e bibliográficas. Mesmo que estejam cheias de impressões pessoais, entendemos que as produções de Tamer e Mocbel não resultaram apenas da vontade pessoal, mas principalmente do compromisso de ambos em registrar fatos da tradição histórica, cultural e patrimonial cametaense.

Diante desses fatos apresentados e retomando a citação de Lemos (2010) no que diz respeito à preservação dos bens culturais, achou-se necessário entender como alguns cidadãos cametaenses interpretam a produção de Tamer e Mocbel. A partir de conversas informais,

muitos cidadãos, entre jovens e adultos, consideraram Tamer e Mocbel como —pessoas inteligentes, —de pé no chão, —humildes, —simples, que —sempre tiveram boa vontade em registrar nossa história, —sempre ajudaram todos que os procuraram, em algum momento da vida escolar, para explicar determinado assunto ou para sanar dúvidas. Esses comentários informais, a nosso ver, são a opinião crítica de pessoas que não os veem como pertencentes a uma elite.

Torna-se oportuno também comentar como alguns lugares da cidade de Cameté influenciam as histórias de vida dos cidadãos, entre os quais se destacam nesse trabalho duas praças públicas localizadas no centro da cidade, a saber, Praça dos notáveis e O jardim dos artistas, bem como o Cais, a Catedral de São João Batista e a Praia da Aldeia. Todos estes se associam aos fatores referentes aos espaços públicos aqui mencionados, e os quais, contemplam parte da memória individual e coletiva cametaense. Ao se visualizar estes espaços, seja por fotos ou ainda poder estar presente fisicamente neles, passamos a compreender que realmente o passado se reconstrói a partir do presente, a tal ponto que as referências de alguns lugares são fundamentais para a constituição de espaços sociais, como podem ser observados abaixo:

**Figura 06:** Praça dos notáveis (à esquerda) e o jardim dos artistas (à direita).



**Fonte:** Disponíveis no endereço <[www.skyscrapercity.com](http://www.skyscrapercity.com)>

**Figura 07:** Catedral de São João Batista (à esquerda), vista de parte do Cais (ao centro) e Praia da Aldeia (à direita).



**Fonte:** Extraída do endereço <[www.skyscrapercity.com](http://www.skyscrapercity.com)> e do Acervo do Museu Histórico de Cameté.

As fotografias são muito atrativas e as paisagens do amanhecer e entardecer são bastante convidativas, despertando o interesse pela visita daqueles que ainda não tenham conhecido a cidade de Cameté. Mais do que simples elementos ilustrativos ou representativos somente, deve-se reiterar que foi por meio delas e de outras, não utilizadas no trabalho, mas que foram coletadas no Museu Histórico, que nos permitiu entender que há muitos aspectos históricos e culturais a serem estudados. Em síntese, esses espaços públicos atenderam as nossas expectativas em relação à precisão de fatos históricos e literários que fundamentaram a memória de Cameté ao longo dos 378 anos de sua existência. Esses lugares pesquisados e descritos são comuns diante dos relatos populares e das produções escritas por diversos escritores cametaenses citados no primeiro capítulo deste trabalho. Todos esses locais representaram e ainda representam pontos de encontro contidos num passado histórico que pode e deve ser frequentemente revisitado.

Sem sombra de dúvida Tamer e Mocbel podem ser considerados exímios contadores de histórias porque o orgulho que sentem em comum, de falar de Cameté e das coisas de Cameté, inspiraram a capacidade criativa de outros escritores, que, assim como eles, não deixam de falar sobre a cidade. As narrativas de Tamer e Mocbel, mesmo publicadas, são capazes de apresentar um tônus performático que evidencia, nas entrelinhas, a atuação de um pesquisador, crítico, artista, pintor, músico, que fala e age por conta própria. Essas características apontadas podem ser relacionadas aos estudos de Paul Zumthor, no livro *Introdução à poesia oral*

(1997), a quem recorreremos para tratar algumas questões relacionadas ao tema da performance.

Zunthor menciona cinco operações que constituem a performance: produção, transmissão, recepção, conservação e a repetição. Em relação à *produção*, o autor nos diz que é por meio dela que delimitamos uma espécie de objeto específico, temporal ou espacial.

Quanto à *transmissão*, esta se realiza pela voz ou escrita, sendo a escrita muito relacionada ao estilo individual ou de um texto também escrito por imagens. Já a *recepção* estabelece relações diretas entre o ouvinte e leitor, fazendo o —recorte‖ daquilo que lhes é interessante, ou daquilo que pode ser, ou não, descartado. Quanto à *conservação*, esta é seletiva e retém o que é mais significativo para nós. Por último, a *repetição* relaciona-se aos mitos, festas e tradições que se perpetuam no tempo.

Algumas características performáticas dos contadores de histórias, a que Paul Zunthor se refere, chamaram a nossa atenção para o fato do que eles, enquanto contadores, têm a dizer. Ou seja, no intuito de sempre enfatizar determinado ponto da narrativa, os contadores, em geral, assumem uma postura própria, criando expressões sonoras, faciais, utilizando a entonação da voz de maneira diferenciada e articulando seus gestos e olhares. Todo esse conjunto de particularidades que os envolve pode ser considerado como elementos fundamentais já que contribuem para a composição de imagens mentais, sugeridas por nossa imaginação frente aos relatos das histórias que nos apresentam.

Entre a diversidade de temas levantados nas narrativas de Tamer e Mocbel, foi possível perceber que os autores criaram estruturas narrativas nas quais o leitor pode reconhecer toda essa caracterização performática acima descrita. O leitor consegue ainda apreender, do texto escrito, elementos da oralidade. Em nossas análises, percebemos essa característica bem pontuada nas lembranças da infância, das histórias que ambos ouviram antes de dormir, ou que sempre eram relatadas por pessoas agregadas ao lar ou de sua confiança.

Os autores cametaenses também apresentam em suas produções aspectos históricos, frutos do caminhar e de suas observações atentas pelas ruas da cidade. Em meio às compras ou passeios na feira livre municipal ou em conversas informais com amigos. Por onde quer que passassem, sempre ouviam histórias. Levando em consideração tudo o que ouviram e viveram, também foram capazes de produzir suas próprias histórias, que se perpetuaram como relatos fundamentais para o registro documental.

Ecléa Bosi (1994), ao discutir sobre a memória, enfatiza os idosos quanto ao tempo que estes dispõem para refletir. A autora vê nessa relação que ao idoso cabe a função social de lembrar, de ser a memória da família e da sociedade.

As discussões tecidas pela escritora nos fazem refletir quanto à importância da lembrança dos idosos, que, por sua vez, manifestariam sua própria identidade, uma vez que para eles, a memória, como relato, também pode dispor de funções que vão além do individual, constituem ainda um elo entre o passado e o presente, entre o indivíduo e sua coletividade.

Do trabalho com as narrativas, por meio da lembrança de idosos, devemos compreender o contexto das produções apresentadas por Victor Tamer e Alberto Moia Mochel já que estes autores testemunharam oralmente o seu passado e, literariamente, reformularam as suas próprias narrativas como um processo de confrontação e adaptação de vários elementos exemplificados em suas obras por meio dos casos pessoais, opiniões próprias, alheias, por relatos informais de hábitos e costumes, frente aos diferentes modos de vida de seus conterrâneos, uma vez que tudo o que se relaciona à cidade em que nasceram, embasaram suas produções literárias.

Costumes de diferentes épocas perpassam os eixos do presente e passado, também narrados pelos autores cametaenses. Tal narrador teve e sempre terá o papel social de transmitir às gerações futuras aspectos da tradição histórica, seja por meio de relatos, contos ou poemas, quanto por todas as histórias criadas e demais conhecimentos relacionados ao tema que, sob hipótese alguma, não podem ser esquecidos, pois o seu —dever— é justamente manter viva, na memória coletiva, todas as narrativas do lugar.

É preciso que a população seja cada vez mais esclarecida quanto à coleta e estudo das narrativas. Pois às vezes entendemos que o papel social dos narradores e a sua importância, determinam a manutenção das tradições históricas e dos saberes do grupo ao qual pertencemos.

Por todas essas questões apontadas referentes à memória, consideramos que esta sempre desempenhará um importante papel social e até mesmo pessoal, pois, por meio dela, toda a manutenção, reprodução e produção de conhecimentos traduzem-se como experiências pessoais ou coletivas, que carregam em si os mais variados registros de uma comunidade.

Consideramos que os sujeitos que trabalham com narrativas devem ter o cuidado de estimular os seus leitores a fazerem um trabalho de reflexão, de localização das memórias e de tudo o que esteja relacionado aos sujeitos que narram já que cada um deles possui um tempo e um espaço específico. Nesse sentido, durante todo o processo de elaboração deste trabalho, houve um cuidado especial ao se analisar atentamente as narrativas, objetivando perceber como as memórias individuais se ligariam à memória coletiva e social da cidade e, em particular, na cidade de Cameté.

Percebemos também ao longo das pesquisas que tentar provar o real ou dar veracidade a algum fato ocorrido requer atenção e cuidados redobrados, uma vez que os fatos em si contêm inúmeras significações que podem ser interpretadas de modo particular. E diante de narrativas, somos sempre capazes de criar novas histórias, por meio de múltiplos olhares, que, na maioria das vezes são distintos entre si, e acabam contribuindo para a interpretação e suposição de determinado fato da história que nos é apresentada.

As narrativas possuem um novo ritmo de vida acerca da percepção do homem, que, em muitas outras épocas, apenas se preocupou em conservar o passado e fixar o seu tempo a um dado período. Mesmo que acervos de textos sejam disponibilizados, assim como imagens e fotografias do passado, cabe a nós também contribuir com os registros do presente.

As memórias são compartilhadas por meio de narrativas, que, por sua vez, possibilitam a aqueles que narram realizar também um trabalho sobre si mesmo. Em relação às narrativas de Tamer e Mocbel, estes escritores nos permitem resgatar o passado narrado pela comunidade local e a entender de que forma ambos contribuíram para a incorporação de práticas do —antigamente‖ refletidas em novas experiências do presente.

Walter Benjamin afirma justamente sobre essa necessidade de que para se entender a verdadeira imagem do passado, devemos deixar fixar como imagem todo o momento em que é reconhecido, porque —articular historicamente o passado não significa conhecê-lo —como ele de fato foi‖ (BENJAMIN, 1994, P. 224). Em outras palavras, deve-se olhar para o passado com o intuito de transmitir às gerações futuras tudo o que fundamenta os aspectos de sua tradição, mesmo que exista o risco de não ser fiel a tudo o que a imagem do passado abarcou das gerações anteriores.

Ao longo da análise das narrativas, notou-se o quanto a atualização das vivências do passado se efetiva por meio de uma reorganização das memórias em espaços e ações que fazem parte do cotidiano de Tamer e Mocbel. O que nos permitiu ainda perceber nos seus textos como os sujeitos recordam e selecionam aspectos que julgam serem os mais significativos de suas trajetórias no momento da narração. Positivo ou negativo, fica claro que o que permite aos autores acima citados a atribuir sentidos ao que vivenciaram é certamente a possibilidade que temos, ao pensarmos, no quanto as histórias de vida se constituem como experiências, já que sempre haverá uma relação direta entre o vivido, no pretérito, e o narrado, no presente.

As narrativas —Visagem e assombrações da infância II e —O homem estrela‖ foram selecionadas por apresentarem elementos comuns acerca dos acontecimentos passados que

foram vivenciados na cidade de Cameté e que caracterizam aspectos fundamentais da memória coletiva local.

Antes de nos concentrarmos na análise das narrativas escolhidas, cumpre apresentar rapidamente o enredo que as circunscreve, a fim de se evidenciar ao leitor aspectos relacionados ao tempo cronológico e histórico, bem como os espaços físicos comuns na cidade de Cameté.

A primeira narrativa selecionada conta a história de uma mulher que vagava pelas ruas desertas de Cameté em noites de luar. Esta mulher recebeu o nome de —Mulher da meia noite| porque muitas pessoas garantiam que a mesma só aparecia à meia noite e sempre entrava no cemitério. O fato é que numa dessas noites, de sua aparição, um homem muito corajoso resolveu segui-la e assim há o desencadeamento de uma espécie de perseguição a suposta assombração.

Já a segunda narrativa conta o relato de um casal, que, ao regressar para casa, foi surpreendido pela figura de um homem desconhecido. Mas o que mais lhes chamou a atenção foi o fato deste não parar de olhar fixamente para o céu. Mesmo cumprimentando-o com um —boa noite|, o homem continuava a não responder, fazendo com que o casal ficasse apavorado cada vez mais. Ao passar por ele, o casal sentiu uma espécie de calafrio e ao virar as costas, em instantes, o tal homem misterioso se desintegrou.

Entre os principais aspectos que determinaram a seleção dessas narrativas, em particular, foi o modo como os autores em questão reconstituíram elementos da cultura e da memória local. Tais contadores de histórias enfatizaram em suas produções muitos aspectos dos costumes e das tradições levando em conta fatos que circularam no universo cametaense de sua geração, mas que ainda se relacionam às gerações do presente, despertando o interesse e certa curiosidade. Nesse sentido, é válido ressaltar que, além das produções literárias, muitos trabalhos desses escritores tematizaram aspectos relacionados aos elementos históricos e geográficos do município. Muitos trechos citados frente aos registros documentais desses autores chamaram nossa atenção porque tematizaram a história social e cultural da cidade.

Já que essa dissertação trabalha com alguns textos de Victor Tamer e Alberto Moia Mocbel, não poderíamos deixar também de destacar alguns pontos referentes as suas experiências de vida, a fim de se evidenciar o modo como cada um deles estabeleceu, na forma —testemunhal|, possibilidades de veracidade em relação a alguns fatos descritos em suas produções literárias, como pode ser observado a seguir nas duas citações que se seguem: —e como garantia de veracidade de suas vidências [das empregadas], vinha logo o juramento: juro pela alma de minha mãe, não estou mentindo, eu vi, era meia-noite| (TAMER, 2012, p. 93).

Ainda nesse mesmo contexto: —não posso assegurar a veracidade desses registros, posso, sim, afirmar que as pessoas que narraram, na maioria, mereciam fé [...] (MOCBEL, 2009, P. 91).

Nas palavras de Tamer pode-se inferir um relato testemunhal de pessoas próximas e aparentemente de sua confiança. As empregadas da casa foram citadas como contadoras de histórias e provavelmente, quando questionadas por seus ouvintes, prestavam juramento. Em relação a Mocbel, também percebemos um relato testemunhal que também evoca pessoas de sua confiança.

As citações em si nos permitem identificar de que forma essas características, constituem o universo de narrativas urbanas, as quais se entrecruzam entre os principais aspectos do universo literário das narrativas orais, tanto em relação ao escritor, quanto à sociedade.

Uma vez que se faz necessário fundamentarmos alguns aspectos relacionados ao estudo das narrativas e dos elementos estruturais que a constituem, vale ressaltar que, antes de serem editadas, publicadas e analisadas, muitas delas fizeram parte de um universo oral que até hoje representa objetos, lugares, pessoas e que transmitem, de geração a geração, costumes e tradições. Antes de se discutir a relação existente entre a memória local e o tempo, é importante informar ao leitor que, durante as pesquisas realizadas em Cametá, constatamos que o acervo de memórias é elevado, porém, muitas ainda não foram coletadas, editadas e analisadas.

Por tudo o que acima foi mencionado, concordamos que a relação existente entre memória local e o tempo, diante de algumas das principais teorizações de Aleida Assmann em *Espaço da recordação* (2011), nos leva a pensar sobre a questão da representação territorial que o espaço cidade estabelece frente às narrativas analisadas e também da natureza dos fatos que as constituem (e que podem ser vistos por meio dos relatos da Cametá de antigamente feitos por Tamer e Mocbel). Para dar densidade acerca da —memória dos locais, Aleida Assmann nos fala que enquanto: —expressão [...] sugestiva [...], os locais [podem] tornar-se sujeitos, portadores da recordação e possivelmente dotados de uma memória que ultrapassa amplamente a memória dos seres humanos (ASMANN, 2011, p. 317).

Para elucidarmos alguns dos relatos acima mencionados, recorreremos novamente à teoria de Benjamin, objetivando demonstrar que as narrativas produzidas pelos escritores em questão estão vinculadas a um modelo de sociedade —em que sua organização coletiva reforça a vinculação consciente a um passado comum, permanentemente vivo nos relatos dos narradores (BENJAMIN, 1994, p. 68).



Por uma questão metodológica, nos detivemos na análise das narrativas descritas anteriormente tendo em vista alguns aspectos com base na literatura comprada. Tal metodologia centra-se na relação comparativa das narrativas que têm como base o *testemunho*, *a memória*, *a cultura* e *a tradição*.

Partindo dos estudos de Le Goff e da relação que este elege entre memória e tempo, relacionamos essa mesma temática aos estudos da professora Socorro Simões, quando afirma que —a discussão sobre narrativa é marcada por uma série de ambiguidades... || (SIMÕES, 1999, p. 38). Tais ambiguidades também podem ser observadas nas narrativas dos escritores Tamer e Mocbel.

Em relação ao primeiro autor, o trecho —o caçador, de espingarda em punho, *não se aterrorizou* e seguiu atrás|| (TAMER, 2012, p. 91) denota o sentido de —firmeza|| por ver e ir atrás da mulher da meia-noite. Já em relação ao segundo autor, o fragmento —O mais engraçado é que *agora não sentíamos medo*|| (MOCBEL, 2009, p. 95), indicia que o casal sentia medo, diferente do —perseguidor de assombração||, da primeira narrativa.

Consideramos que os escritores exercem a função de narradores, já que refletem em suas narrativas a ação ou a relação com um tempo que sempre impõe uma recordação saudosista relacionada ao seio familiar, a uma recordação aos espaços físicos da cidade e até mesmo da natureza, como mencionados anteriormente. Neste sentido, encontramos uma marcação temporal que muito nos diz de seus antepassados e talvez seja por isso que, diante da ação temporal, involuntariamente nos perdemos, nos encontramos e reencontramos. —Na minha infância, vivi [...]|| (TAMER, 2012, p. 91) e —o velho Jaime Moraes, meu sogro e amigo [...]|| (TAMER, 2012, p.. 94-5).

Antes de se suscitar algumas discussões relacionadas à categoria *tempo*, é preciso ter em mente, preliminarmente, que é por meio deste que muitos relatos se eternizaram no sentido de possibilitarem um registro dos fatos ocorridos na cidade de Cameté em detrimento ao precário sistema de iluminação pública. Tal afirmação é mencionada pelos dois autores nas duas narrativas que constituem o *corpus* do presente trabalho.

Em linhas gerais, pode-se asseverar que a ação do tempo não pode ser vista de maneira aleatória, uma vez que é esta quem influencia nossas práticas sociais e que, por meio de uma linguagem própria, também é capaz de dar ênfase a elementos factuais de extrema relevância, como exemplo ao que acreditamos, achamos interessante preservar ou não. Mas é preciso ter consciência de que pela ação do tempo, podemos ou não perceber uma realidade que se cria e entendemos que ao falar da história, sem mencionar a ideia de tempo em relação à vida em sociedade, seria algo impossível. Desse modo, compreende-se que cada pessoa estabelece

associações próprias frente à ação do tempo. Com isso, reconhece-se que o tempo da narrativa dura ou perdura algo até o momento que estabelece algum sentido, dependendo das intenções de seu narrador, como observado no fragmento da narrativa de Tamer: —Corria nesse tempo em Cametá [...] (TAMER, 2012, p. 93).

O exemplo acima mencionado contempla a ideia de que muitas vezes, sem nos darmos conta, criamos relações de troca com o *tempo presente* em relação ao *tempo passado* e vice-versa. Daí o porquê de se associar a lembrança dos escritores cametaenses a algumas particularidades frente ao contar e recontar de determinadas histórias, no qual o fator temporal se apresenta como elemento norteador.

Ainda sob o viés da memória, retomamos parte da teoria de Maurice Halbwachs (2006), principalmente em relação ao ponto em que problematiza o caráter social da memória ao explicar a noção de Memória Coletiva. Segundo o autor, nossas lembranças partem de uma unidade que se transformam em multiplicidade.

As narrativas selecionadas também podem ser constituídas de referências desse aspecto fundamentado na multiplicidade, haja vista que se efetivam pelo ato de contar/recontar histórias e, ainda que possam estar fundamentadas na alegoria do mito, cada narrador expõe em suas narrativas elementos próprio de seu estilo de escrita, fundamentados em aspectos da comunidade, a exemplo de Tamer e Mocbel em relação à cultura cametaense. Sendo assim, acreditamos que os acontecimentos e as datas constitutivas da vida de um grupo são fundamentais, uma vez que a ausência de datas ou fatos históricos propiciaria a falta de memória coletiva ou se tornaria apenas uma fonte de informação secundária retidas nas lembranças de uma população.

Os estudos sobre a memória coletiva também serviram de base para a análise das narrativas supracitadas. Além disso, quando necessário, comentaremos em suas estruturas as marcas temporais alusivas a um dia, a um período específico referenciado ou descrito. Entre nossas principais hipóteses, partimos dos relatos de Tamer e Mocbel, e, em especial, dos testemunhos que efetivaram a memória individual e coletiva. Entre os objetivos, destaca-se a verificação de elementos que se associam à manutenção da memória local e ainda interferem na vivência da comunidade cametaense, já que as narrativas problematizam a veracidade de alguns fatos peculiares da vida do homem cidadão no passado mais crente e atualmente mais descrente em relação a determinados acontecimentos de ordem sobrenatural, descrito nas narrativas.

### 3.1 OS “NOTÁVEIS” VICTOR TAMER E ALBERTO MOIA MOCBEL

Os escritores Victor Tamer e Alberto Mocbel sempre manifestaram em suas pesquisas e produções literárias grande interesse por tudo aquilo que está relacionado ao passado, à cultura e à história da cidade de Cameté. A eles, os méritos de sugestão, planejamento, criação e permanência de lugares simbólicos dentro de muitos espaços urbanos.

Victor Tamer foi quem solicitou aos governantes locais que uma nova samaumeira<sup>24</sup> ocupasse o mesmo lugar da primeira, que, após mais de cem anos, veio ao chão no ano de 1961. O autor quis preservar a história da primeira árvore pelo fato desta ser fruto de uma das estacadas, erguidas na trincheira construída por Padre Prudêncio, em 1835. A solicitação, contudo, não foi atendida de imediato pelos governantes da época e somente no mês de dezembro do ano de 1985 houve o plantio de uma segunda sumaumeira. É válido ressaltar que o autor Victor Tamer, em companhia de autoridades e muitos cidadãos, esteve presente, conforme atesta a foto ilustrativa disponível na segunda edição do livro *Chão Cametaense* (1998).

Já Alberto Mocbel, por sua vez, em seus dois mandatos como prefeito<sup>25</sup>, idealizou a construção e revitalização de vários espaços públicos da cidade, a exemplo das praças, bibliotecas, prédios históricos, placas alusivas, e confecção de bustos. Tanto as construções, quanto a revitalização dos espaços descritos, despertam nos cametaenses, além da vontade de visita-los, o interesse em preservar tais lugares. Como exemplo, destaca-se a praça —Jardim dos Artistas, fruto da concepção de Alberto Mocbel e idealizado para homenagear artistas cametaenses, mas com o passar dos anos e em decorrência do falecimento de Victor Tamer, por meio de um projeto do qual não conseguimos coletar informações, mas que foi apresentado à Câmara Municipal, no mandato do Prefeito Waldoly Valente, a referida Praça, passou a chamar-se Praça —Jardim dos Artistas Dr. Victor Tamer.

Por várias vezes, ao longo desta pesquisa, deparou-se com informações referentes ao Jardim dos Artistas, que novos bustos foram inseridos e passam a compor o —novo visual da pracinha. Questionado sobre essa ideia, Mocbel afirmou achar uma justa homenagem ao cametaense Victor Tamer e a tantos outros artistas cametaenses. Hoje, os visitantes ou frequentadores podem, por meio da visualização dos bustos e da leitura das placas

<sup>24</sup> Uma das árvores mais altas da região amazônica, que pode atingir até 70 m de altura, 3 m de diâmetro e suas raízes até 5 m de profundidade. Também é conhecida pelos nomes de —Samaumal e —Barrigudal, por causa do acúmulo de água em suas raízes e troncos.

<sup>25</sup> Primeiro mandato: 1971-1972 / segundo mandato: 1977-1982.

informativas, ter acesso às informações da biografia desses homens considerados —notáveis cametaenses

Da biografia de Victor Tamer coletaram-se as principais informações presentes em suas obras e em pesquisas de campo realizadas nos arquivos da Academia Paraense de Letras. Ahamos de fundamental importância fazer esse levantamento pelo fato de termos selecionado a narrativa desse autor para compor o *corpus* de análise desse trabalho. A necessidade de realizar pesquisas de campo em alguns lugares, onde estão registradas outras informações; de Tamer em relação às telas que produziu, nos fizeram ir ao encontro de obras originais, as quais foram fotografadas e manuseadas para averiguarmos a data de assinatura e publicação.

Em nossas averiguações, encontramos algumas telas disponíveis no acervo do Museu Histórico de Cametá, no Instituto Nossa Senhora Auxiliadora e na Academia Paraense de Letras<sup>26</sup>. Neste último local mencionado desde o ano de 1967, Victor Tamer ocupou a cadeira nº 15 e dedicou-se as atividades solenes e administrativas do local.

Os pais de Victor Tamer chamavam-se Armindo Tamer e Rosa Nemer, ambos libaneses. O casal chegou ao Estado do Pará no ano de 1910 e nesse mesmo período foi para a Cidade de Cametá, lugar onde outros libaneses já se encontravam residindo. Já na cidade, o casal abriu um estabelecimento comercial diversificado e bem diferenciado para a época. Funcionava como uma espécie de armazém, no qual a comercialização de produtos regionais o diferenciava dos outros lugares destinados ao comércio popular. Ao longo da união, o casal teve seis filhos. A saber: Izabel, Victor, Alberto, Dinorah, Jorge e Eduardo. Todos nascidos em Cametá.

Victor Tamer nasceu em 31 de agosto de 1912. Estudou nos principais colégios da cidade, ajudou o pai trabalhando como empacotador no armazém da família e viveu toda a sua infância e parte da adolescência em Cametá até se mudar para Belém.

Na capital, pode aprofundar seus estudos primários e secundários, formar-se em odontologia, trabalhar e constituir família. Com o passar dos anos, o escritor sempre relatou que em nada diminuía a saudade e o amor que sentia por sua terra natal, mesmo após muitos anos residindo em Belém. Muitos de seus colegas da Academia Paraense de Letras nos relataram, em seus discursos, que o —Dr. Victor, como costumavam se dirigir a ele, sempre rememorava fatos sobre Cametá.

O autor em questão foi casado com Maria Adelaide Tamer e com ela teve três filhos. A saber: Victor Tamer Filho, Maria das Graças Tamer Vasques e Sergio Victor Tamer. Conviveu

---

<sup>26</sup> Desde o ano de 1967 ocupa a cadeira nº.15. Em vida, dedicou-se em grande às atividades solenes e administrativas do local.

com netos e bisnetos até a data de seu falecimento, ocorrido em Belém no dia 2 de abril de 2003. Em seus 91 anos de vida, Tamer pôde transitar por Cametá e Belém, participando ativamente de tudo o que as duas cidades lhes oferecia. Suas produções escritoliterárias sempre estiveram atreladas à Cametá. Chegou a colaborar com a criação de dois jornais e uma revista literária. A saber: —Jornal de Cametá, —O Tocantins e *O Royal*, todos de circulação em âmbito local.

Já morando em Belém, prestou serviços de assistência odontológica em consultório particular. Foi professor de Língua Francesa e membro da Aliança Francesa. Colaborou com outros jornais que circulavam na capital paraense, tais como —Folha do Nortel, —A Província do Pará e —O Liberal.

Entre as matérias do jornal —A Província do Pará, dedicadas a Victor Tamer e que constam na pasta pessoal do autor, disponíveis, por sua vez, no acervo da biblioteca da Academia Paraense de Letras, destacam-se —Sofrimento e anseios de uma cidade invicta, publicada em 05/05/1979 e —A grande festa de São João, publicada em 28/06/1984. Em relação às matérias, a primeira, faz uma referência aos fatos da época de 79, relacionados às dificuldades e ao descaso dos governantes. É uma crítica em relação à falta de importância manifestada a cidade de Cametá, que teve destaque importante no período da Cabanagem e que lhe garantiu o título de cidade invicta, como mencionado em capítulos anteriores. Já a segunda, é o relato pessoal do escritor que esteve no dia da festa de São João batista em Cametá, no dia 24/06. O texto faz uma espécie de comparação às festas passadas, além de relatar com detalhes o que o escritor pôde observar no arraial.

Nessa pasta pessoal do escritor há muitos recortes de jornais referentes às suas produções. A título de exemplo, encontramos páginas de jornais com várias matérias e crônicas publicadas inclusive no Diário Oficial do Estado do Pará. Lá, estão reunidos alguns rascunhos e uma foto pessoal referente a sua infância.

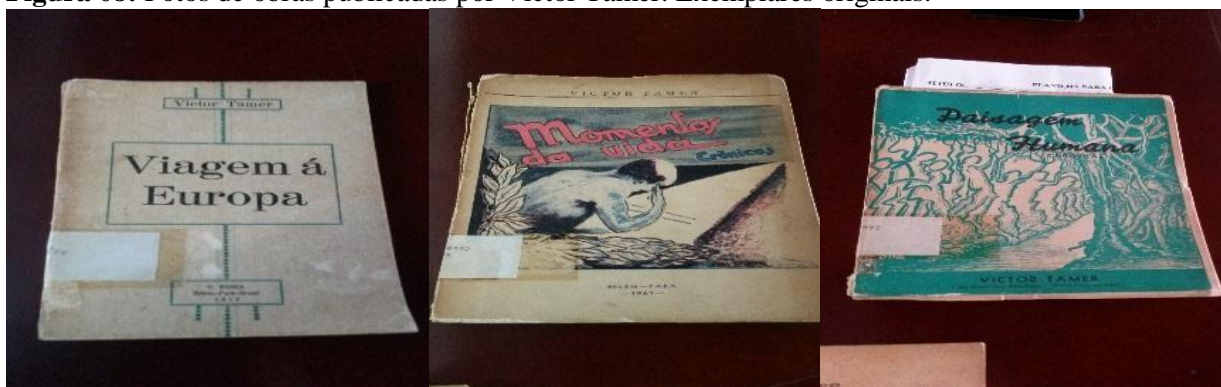
Na foto pessoal, o escritor tinha aproximadamente seis anos de idade e estava montado no carneiro de estimação, chamado —Tomé e pertencente à família Tamer. A justificativa para se mencionar tal fotografia se deve ao fato desta, juntamente com o animal, se referirem a uma das crônicas saudosistas escritas pelo próprio autor, intitulada: —...Que os anos não trazem mais!, disponível no livro *Crônicas e Memórias* (2012).

Recortes e —notinhas também foram organizados e noticiavam sua participação em eventos, solenidades de homenagens recebidas em Cametá e Belém. Tais recortes estão colados em folhas, sempre com anotações em letra cursiva ao lado, as quais não podem garantir com propriedade que sejam do próprio autor. Também foram encontradas folhas

avulsas, datilografadas, documentações recebidas, expedidas, cartas pessoais, convites e rascunhos.

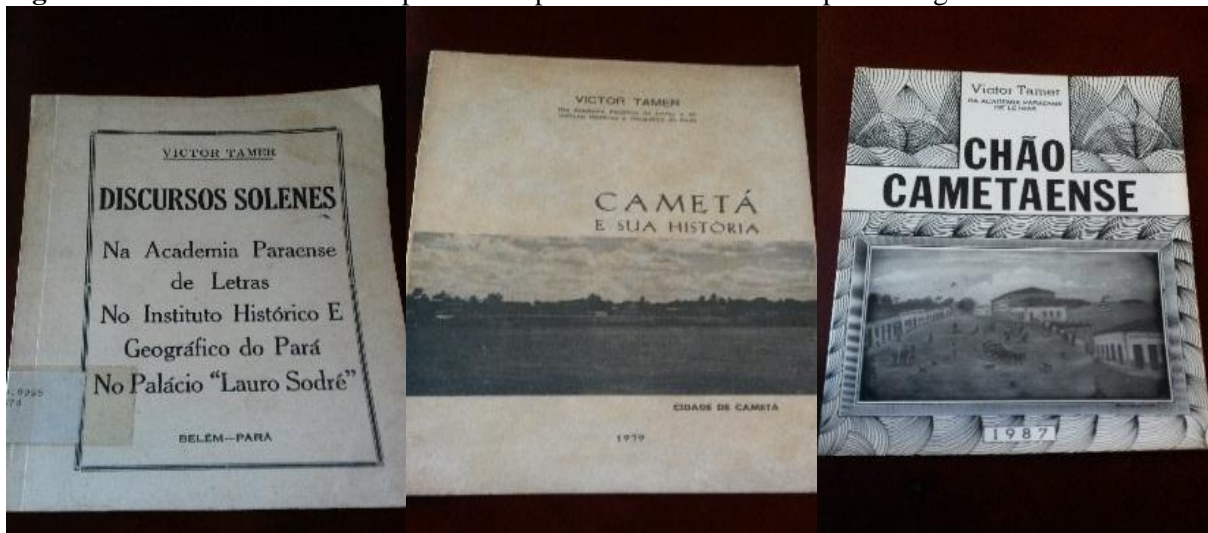
Entre as obras que fazem parte da sua notória produção bibliográfica estão: *Viagem à Europa* (1958), *Momentos da Vida - Crônicas* (1961), *Paisagem Humana - Crônicas* (1965), *Discursos Solenes* (1968), *Cametá e sua História* (1979) e *Chão Cametaense* (1987), com segunda edição datada no ano de 1998, conforme pode ser atestada abaixo:

**Figura 08:** Fotos de obras publicadas por Victor Tamer. Exemplares originais.



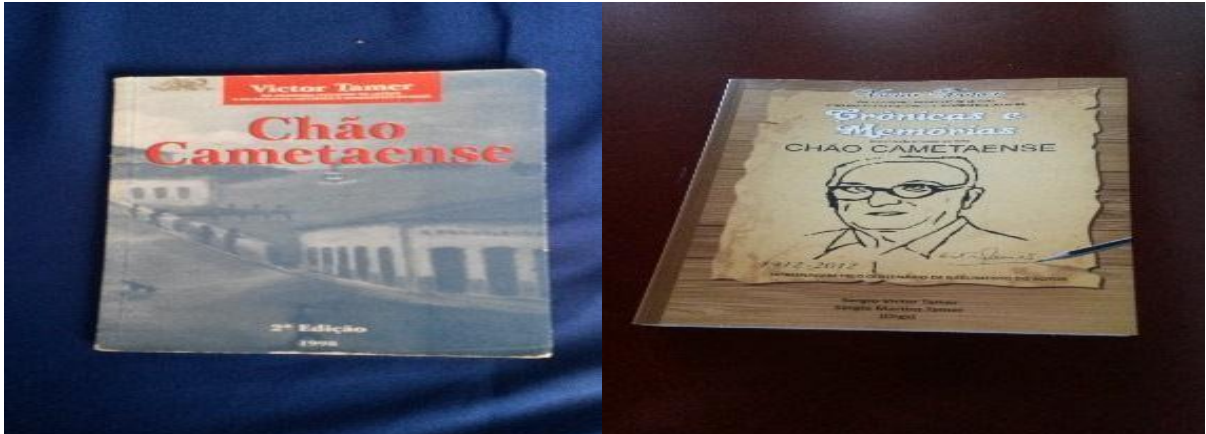
**Fonte:** Foto de Vivianne da Cruz Vulcão (07/04/2014 durante visita à Academia Paraense de Letras).

**Figura 09:** Fotos de outras obras publicadas por Victor Tamer. Exemplares originais.



**Fonte:** Foto de Vivianne da Cruz Vulcão (07/04/2014 durante visita à Academia Paraense de Letras).

**Figura 10:** Fotos de outras obras publicadas por Victor Tamer. Exemplares originais.



**Fonte:** Foto de Vivianne da Cruz Vulcão (07/04/2014 durante visita à Academia Paraense de Letras).

Crônicas, poemas e contos também engrandeceram suas produções. Poucas pessoas sabem, mas Victor Tamer também foi —um bom pintor, segundo Alcyr Meira<sup>27</sup>. Como mencionado anteriormente, suas principais telas ainda se encontram expostas no Museu Histórico de Cametá, no Instituto Nossa Senhora Auxiliadora, na Academia Paraense de Letras e outras telas ainda estão sob os cuidados da família.

Durante nossas pesquisas, percebeu-se também que algumas telas foram nomeadas, outras, se relacionaram a temas do cotidiano e pontos turísticos da cidade de Cametá e Belém. Em *Chão Cametaense* (1998), no capítulo denominado —Cametá de Outrora na Pintura Reviver do Autor, estão nomeadas —Luar de Cametá (1953), a qual retrata um dos —pontos de encontro da cidade de Cametá em meados dos anos de 1920 e —Estrada da Aldeial, com data de assinatura indefinida, mas que referencia os anos de 1930 e ilustra um possível passeio familiar de charrete<sup>28</sup>.

A tela —Trapiche Municipall (1991) ilustra o porto de embarque e desembarque da época, além de retratar a Praça da Matriz, atualmente Praça São João Batista, e referenciar os anos de 1920 em sua terra natal. —Cidade de Cametá, sem data de produção, nos mostra a vista litorânea e panorâmica da Cametá dos anos de 1940. —Procissão de São João Batistal, sem data de produção, retrata a caminhada dos devotos em direção a Igreja Matriz<sup>29</sup>, no período da festividade do padroeiro em questão, além de referenciar os anos de 1930. Por fim,

<sup>27</sup> Presidente da Academia Paraense de Letras, no ano de 2012, e autor do texto de apresentação do livro *Crônicas e Memórias* (2012).

<sup>28</sup> É possível assegurar que a charrete de fato pertenceu à família Tamer, tendo circulado em Cametá por vários anos, conforme relatos de Alberto Mocbel em *Luzes da Inspiração* (2009, p. 16).

<sup>29</sup> Catedral de São João Batista (padroeiro de Cametá).

—Noite de São João‖, sem data de produção, retrata a festa de arraial do padroeiro da cidade de Cameté em meados dos anos de 1920.

Todas as telas acima mencionadas e descritas, entre outras, podem ser vistas no livro *Crônicas e Memórias* (2012), organizado por Sérgio Victor Tamer e Sérgio Martins Tamer. No capítulo —Memórias Retratadas‖, podemos visualizar numa das telas a antiga praça da cidade de Cameté, popularmente conhecida como —Praça das Mercês‖. Atualmente, tal lugar abriga o Largo das Mercês, o qual não foi possível indicar com precisão a década ou época que retrata.

Há uma tela em que Tamer nos apresenta Belém dos anos de 1920, com destaque para os bondinhos, o Hotel América e o Ver-o-Peso. A referida tela tem como data de assinatura o ano de 1992. Outra tela se refere ao antigo passadiço existente em Cameté no ano de 1871. A data de assinatura da tela é indefinida. Outra tela retrata um dos antigos trapiches municipais de Cameté. É bem provável que esse trapiche tenha existido até 1912. Por fim, os dois últimos quadros retratam canoas movida a vela no Ver-o-Peso e a sede da Academia Paraense de Letras, sendo a última assinada no ano de 1990.

Em suma, entende-se que as produções de Victor Tamer sempre foram dedicadas a Cameté, Belém e à família. Tais produções, de uma forma geral, sempre homenageiam familiares, conterrâneos e amigos próximos, como bem podem ser vistos nas obras e telas do autor paraense.

Na obra —*Viagem à Europa*‖, por exemplo, o autor descreve alguns fatos da viagem realizada com a esposa na Europa. Já uma das telas, que retrata canoas a vela no Ver-o-Peso, foi idealizada e confeccionada por ocasião do nascimento de seu primeiro neto. Tudo o que Victor Tamer produziu foi inspirado levando em conta os sentimentos e os momentos vivenciados em família, na cidade de Cameté e Belém.

Muitas informações que sustentam a biografia e a produção literária de Alberto Moia Mocbel, aqui apresentadas, foram obtidas graças às entrevistas concedidas pelo próprio autor, além dos materiais nos concedidos por estes como folhas avulsas que seriam digitalizadas e também por informações coletadas à medida que se lia as suas obras.

Alberto Moia Mocbel, artisticamente conhecido por Alberto Mocbel e popularmente por —Seu Alberto‖, é poeta, contista, escritor, teatrólogo, ator, compositor, orador, cartorário, funcionário público, artista e autodidata. Seus pais chamavam-se Elias Mocbel, libanês por descendência, e Josefa Rodrigues Moia, brasileira. Em Cameté, ambos eram conhecidos como Elias Turquinho e Pretinha. Seus irmãos chamam-se Domingos e José.



Nascido em Cametá no dia 31 de agosto de 1930, Alberto Mocbel é casado com Maria Amélia Bittencourt Mocbel, tendo resultado dessa união quatro filhos. A saber: Elias, Jorge, Lúcia e Vera que posteriormente lhe deram netos. Atualmente, Seu Alberto é aposentado pelo Cartório de Registro Civil do 3º Ofício em Cametá.

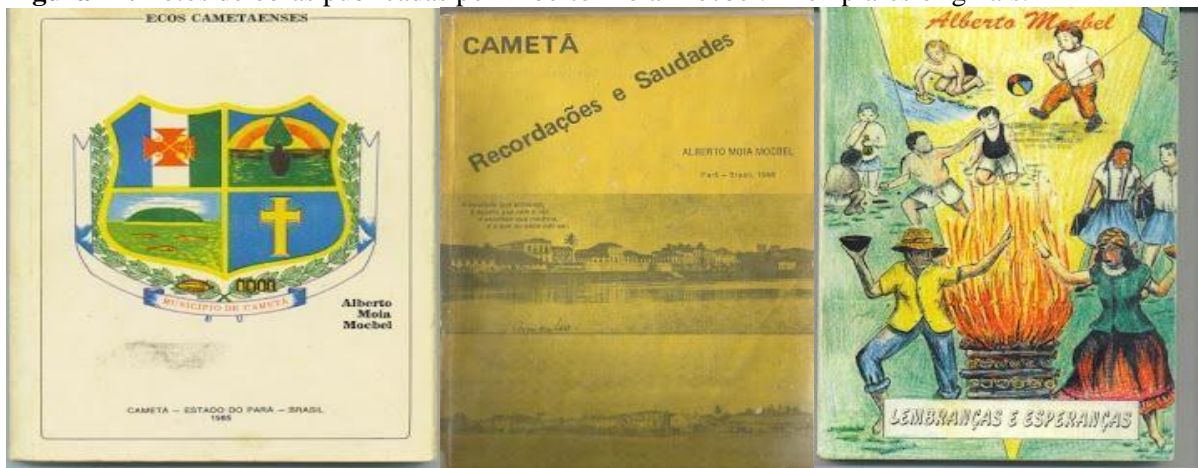
Durante as pesquisas, percebemos que Alberto Moia Mocbel e Victor Tamer nasceram no mesmo dia e mês. Assim como a data de nascimento, outros fatos em comuns da vivência em Cametá também se relacionam. Pode-se citar como exemplo o fato dos pais de ambos serem imigrantes libaneses e comerciantes. De um modo geral, as duas famílias sempre foram próximas. Por mais que houvesse significativa diferença de idade entre os autores, os dezoito anos de diferença não o distanciaram de um objetivo comum: falar de Cametá.

Semelhanças e diferenças a parte, Alberto Mocbel sempre viveu com a família em Cametá desde menino. Em seu último livro publicado, *Luzes da Inspiração* (2009), relata que sempre —acordava cedo para ajudar o pai na taberna da família. Lá, vendiam gêneros como tabaco, querosene, açúcar, café, entre outros mantimentos. A maior parte da clientela era formada por moradores de interiores próximos, como Cacoal, Pacuí e Joroca.

Tendo também atuado na política, Alberto Moia Mocbel consagrou-se como uma das figuras mais conhecidas pela população cametaense por ter conduzido uma satisfatória administração quando era prefeito da cidade nos anos de 1971 a 1972 e de 1977 a 1982.

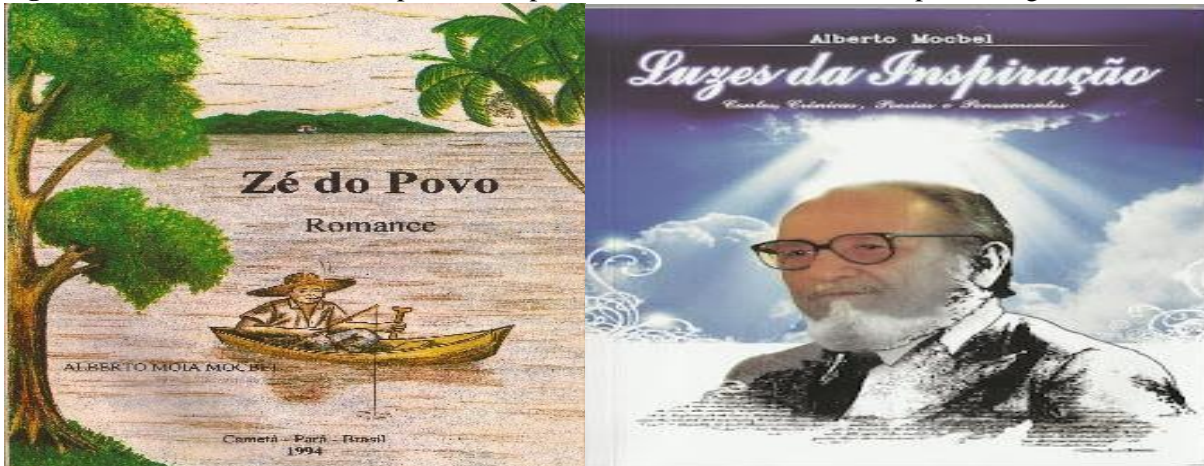
Entre as suas produções bibliográficas constam *Ecos Cametaenses* (1985), *Cametá Recordações e Saudades* (1988), *Lembranças e Esperanças* (1996), *Zé o Povo* (1994) e *Luzes da Inspiração: contos, crônicas, poesias e pensamentos* (2009). Segue abaixo registros dos livros:

**Figura 11:** Fotos de obras publicadas por Alberto Moia Mocbel. Exemplares originais.



**Fonte:** Foto de Vivianne da Cruz Vulcão (14/05/2014 durante visita à Academia Paraense de Letras).

**Figura 12:** Fotos de outras obras publicadas por Alberto Moia Mocbel. Exemplares originais.



**Fonte:** Foto de Carina Souza (16/05/2014 durante visita à Academia Paraense de Letras).

Alberto Mocbel nos informou ainda, durante as entrevistas realizadas, que pretende, em breve, editar e lançar outro livro, cujo título, provisoriamente, é *Crônicas Caboclas*. Em relação aos seus hábitos que mais aprecia, o autor disse conservar até hoje as conversas com um grupo de amigos. Mesmo que muitos do grupo não se encontrem com a mesma frequência de antes, sendo que alguns já faleceram, aqueles também eram conhecidos como —Frente Liberall ou —Senadinho e reuniam médicos, músicos, radialistas, funcionários públicos, comerciantes e donas de casa.

O grupo de amigos em questão tinha sempre como ponto de encontro o —Bar do Gaial, localizado no centro da cidade. Lá, costumava se reunir, quase diariamente, por volta das 18h. Muitas pessoas que por ali passavam paravam para ouvir as conversas, sendo que alguns —penstras logo se cansavam dos assuntos comuns levantados e, meio que desiludidos com os temas abordados, acabavam indo embora. Mais informações a respeito desse grupo de amigos podem ser obtidas em *Cametá, Recordações e Saudades* (1988) e em *Luzes da Inspiração* (2009).

Sempre dedicado à família e ao amor incondicional as artes, Alberto Moia Mocbel é notável por sua simplicidade, produções literárias e musicais. Por meio de suas obras, somos convidados a conhecer Cametá e revisitar histórias que imprimem em suas matizes um passado histórico que se entrecruza nas lembranças do presente.

### 3.2 VISAGENS E ASSOMBRAÇÕES DA INFÂNCIA I

Conforme já se disse, o título da narrativa —Visagens e assombrações da infância II, de Victor Tamer, está disponível no capítulo denominado —A infância comanda a vida, da obra

*Crônicas e Memórias* (2012), organizado por Sergio Victor Tamer e Sergio Martins Tamer. Este livro, além de ser uma homenagem ao centenário de nascimento do autor, também inclui o texto integral do livro *Chão Cametaense* (1987).

A narrativa recria, a princípio, elementos um tanto curiosos e assustadores no que se refere ao significado das palavras *visagens* e *assombrações*. Tais palavras são carregadas por um significado amedrontador, já que remetem a fantasma, susto, pavor e medo, que relacionadas ao universo infantil, foram frequentemente mencionadas nas histórias de dormir, provavelmente com o intuito de amedrontar as crianças.

Pode-se dizer que Tamer reporta-se a um universo infantil comum nessa narrativa, uma vez que toda a geração de que fez parte compartilhou, em geral, relatos de histórias com temáticas de visagens e assombrações. Entendemos que diante das possíveis experiências, compartilhadas em grupo, foi que motivou a escolha do autor em nomear o capítulo —A infância comanda a vida.

Ao longo de todo o capítulo, Tamer descreve, por meio de um extremo lirismo, acontecimentos que jamais esqueceu, a exemplo das recordações da infância, sob registros da memória individual e coletiva, disponibilizando ao leitor, dessa forma, muitas informações a respeito da Cametá de outrora. O autor, na função de narrador, compartilha suas memórias da infância e relata:

Na minha infância, vivi, também, o tempo em que muito se falava de visagem e assombrações [...] E a imaginação infantil, sempre temerosa do escuro da noite, logo pensava que era de visagem qualquer ruído no quarto de dormir (TAMER, 2012, p. 91).

Na citação acima, o autor apresenta um fato relacionado à possível presença de visagens e assombrações. Essas visagens e assombrações aparecem num espaço determinado: o quarto de dormir. No plano imaginativo e representativo, fato e espaço consolidam toda a sensação de temor apresentada em meio à circunstância do escuro da noite.

O escuro da noite, inicialmente associado ao fator temporal, ganhará um novo enfoque, pois novos fragmentos da narrativa sustentarão nossas interpretações, a exemplo do limitado fornecimento de energia elétrica, o qual, por muitos anos, imprimiu ordem e temor aos moradores da cidade de Cametá. Quando a sirene da antiga usina elétrica apitava, todos os moradores da cidade deveriam recolher-se. Sobre isso, destaca-se o fragmento —A deficiente iluminação pública a querosene e dos candeeiros, que se apagavam com o vento em nossa casa, forneciam a penumbra necessária para o esconderijo das almas penadas do outro mundo

(TAMER, 2012, p. 91). Com base nessas descrições, verificamos novamente que a narrativa apresenta constatações bastantes pertinentes referentes à canalização da energia, provavelmente a gás, que, na época, chegava somente às residências de famílias abastadas, de acordo com informações levantadas nas pesquisas realizadas no Museu Histórico de Cameté.

Diante de rumores e boatos alusivos às histórias de visagens e assombrações que constituem o imaginário local, nessa época, outras histórias, tidas como *lendas urbanas* surgiram. Tamer, ao tecer esta narrativa, considerou desde o princípio um boato, que, por sua vez, fundamentava-se numa: —versão, contada com firmeza por quem já tinha visto, [tanto que] aumentava a credulidade das pessoas temerosas e muito mais ainda do nosso medo infantill (TAMER, 2012, p. 91). Estas informações descritas nos permitem perceber o traço de *evocação* em relação a alguém. Com base nestas palavras, nos questionaríamos: caberia a uma possível testemunha relatar os fatos decorrentes ao boato mencionado, ainda mais quando observamos mais adiante que uma nova menção será feita? Por exemplo: Corria nesse tempo em Cameté o boato de que uma mulher de cabelo comprido vagava alta hora da noite pelas ruas desertas e desaparecia, tomando o rumo do cemitério [...](TAMER, 2012, p. 91). Levando em conta tal contexto apresentado, consideramos o fator *tempo*, no sentido de referendar a época aos anos do passado e de todo o aspecto *cronológico* referente ao contar das horas.

Destacamos também a referência a *espaços urbanos*, como ruas, e o cemitério, no sentido de delimitar um *lugar* específico. Nesse caso, o cemitério público, local —escolhidoll pela assombração, após vagar pelas ruas, no horário da meia-noite, em noite de luar, apresentava-se como abrigo, refúgio ou morada das almas, pois como veremos adiante. É para lá que essa assombração se dirige.

Compreende-se que alguns elementos valorativos impregnados nesse gênero narrativo, em geral, tendem a originar *heróis* ou personagens nada comuns, que, quando tomados pelo espírito da bravura em face do perigo, agem ousadamente objetivando solucionar os problemas. O trecho a seguir evidencia a bravura descrita pelo narrador:

Um corajoso de nome Agapito [...] [o qual] tomou a si a decisão de desvendar o intrigante mistério da assombração. Armou-se (...) e numa bela noite de luar, a preferida da aparição, pôs-se de tocaia junto a um poste de luz apagada, a espera da mulher da meia-noite que lá costumava passar. (TAMER, 2012, p. 93)

Tais descrições remetem o leitor a um *herói*, Seu Agapito. Esse senhor é dotado de virtudes, entre as quais destacamos sua coragem. Seu Agapito era um caçador de pombas

muito conhecido por todos os moradores da cidade e, no contexto da narrativa, tem por objetivo esperar —a mulher da meia-noite, a qual se constitui como principal exemplo de visagem e assombração.

Ainda acordado com esse contexto, destaca-se mais uma referência de um *lugar*. O narrador faz inferências da rua, em detrimento a um objeto, o poste, sob determinada *circunstância*: a luz apagada desse poste.

Assim, antecipamos a *constatação* em relação à aparição da visagem, que culmina no clímax da narrativa. —[...] viu ele [Seu Agapito] um vulto que se aproximava, tomando a forma de gente. Não teve dúvida, é elal (TAMER, 2012, p. 91).

O grau máximo que compreende a narrativa nesse momento, já suscita no leitor a dúvida quanto à *veracidade*, pois não se pode provar a existência da mulher da meia noite, ainda mais quando o narrador continua com o seu relato: —Sentindo que o perseguidor não desistia e encontrando o portão do cemitério fechado, virou-se a visagem rápido e, frente à frente com o matador de pombas exclamou: Seu Agapito, você já é corajoso!! (TAMER, 2012, p. 93).

O desfecho da narrativa, em si, vai ao encontro das discussões que se fez acerca dos estudos sobre memória coletiva, mas especificamente acordado com as premissas de Aleida Assmann, quando assevera: —mesmo quando os locais não têm em si uma memória imanente, ainda assim fazem parte da construção de espaços culturais da recordação muito significativos! (ASMANN, 2011, p. 318).

Algumas pessoas não passam despercebidas em nossas vidas. E assim como as empregadas, que contavam histórias ao narrador quando este era criança, imaginamos, quantas outras crianças seu Agapito e outras pessoas devem ter lhes relatado episódios dessa natureza, isto é, envolvendo outros lugares e ambientações da cidade, conforme Aleida Assmann afirma em seus estudos.

Na segunda narrativa, que será explicitada no próximo item deste trabalho, Informamos ao leitor de antemão que tal narrativa apresenta alguns elementos que fazem parte da primeira, principalmente no que se refere à memória e ao tempo. O narrador deste texto também descreverá o espaço e suas respectivas representações, conforme se verá.

### 3.3 O HOMEM ESTRELA

A narrativa —O homem estrela‖ faz parte do capítulo —Contos fantasmagóricos‖, do livro *Luzes da Inspiração* (2009), de Alberto Moia Mocbel. Este texto apresenta, como conteúdo, elementos similares ao da primeira narrativa no que diz respeito a fato, lugar representado em espaços urbanos, constatações, evocações, nuances temporais; as quais, por sua vez, categorizam o fator temporal propriamente dito e o relacionam ao fator cronológico, isto é, referente ao contar das horas.

Quanto ao enredo, aborda algumas representações em relação a possível veracidade dos fatos narrados pelo Senhor Jaime Moraes, que, juntamente com a esposa, vivenciaram o fato relatado por Mocbel. Assim como o primeiro texto, é possível perceber que o narrador leva o leitor a questionar a presença de figuras associadas ao inexplicável ou ao sobrenatural.

O narrador dá voz à história que ouviu a partir do relato de seu sogro, a quem se reporta respeitosamente como velho Jaime. Em forma de ‘causo’, a narrativa se constrói por meio do recontar de uma memória individual que agora também passa a ser conhecida por todos os cidadãos cametaenses e demais leitores, que podem ter contato com a obra *Luzes da Inspiração* 2009.

Pode-se afirmar que Mocbel, em seu texto, organiza os relatos dessa memória para também remeter-se a um passado urbano que tipifica a memória e a tradição cultural da cidade de Cametá. Nas palavras do próprio autor em lume: —Se o relato partisse de qualquer desconhecido, certamente eu levaria à conta da mentirinha e do desejo de criar‖ (MOCBEL, 2009, p. 94).

O leitor seria levado a perceber uma *constatação* associada a possível veracidade de fatos, que, por sua vez, justificam a possibilidade de inventar e criar novos *fatos* partindo de uma imaginação inventiva que temos ao narrar. Visando externalizar essa possibilidade de veracidade, o narrador destaca como recorrente o hábito de seu sogro em rememorar ao mencionar que —o velho Jaime gostava de rememorar fatos ocorridos a quando de sua juventude, principalmente casos sobrenaturais‖ (MOCBEL, 2009, p. 94).

Levando em conta a prática da rememoração exercida por Jaime e diante do *fator temporal*, é possível se estabelecer conexões com outros fatos passados que nos permitem relacioná-los a um fator considerado como extraterreno, ou seja, sobrenatural. Daí o porquê do narrador recorrer ao recurso da descrição.

O cenário, como não poderia deixar de ser, foi uma das desertas artérias de nossa cidade. Seria mais ou menos de 11: 00h da noite. A rua deserta; a escuridão completa, mesclada apenas pela tênue claridade das lâmpadas no alto dos postes de ferro (MOCBEL, 2009, p. 94).

A delimitação do *espaço urbano*, exemplificado pela via pública, faz referências também ao *fator temporal* associado à marcação das horas, em detrimento da *circunstância* escuridão, cuja elucidação, e em consonância com a primeira narrativa, evidencia o precário Sistema de energia elétrica da cidade, conforme a descrição dos fatos: —Vinha ele [o velho Jaime] em companhia da esposa, Dona Magui. Caminhavam lentamente rumo à sua casa, localizada na, hoje, Jeremias Rodrigues, vindos da 13 de Maio, pela travessa do mestre Vicente Sicudeiral (MOCBEL, 2009, p. 95).

Os relatos caracterizam o traço de *evocação* a duas pessoas. A primeira é Dona Magui, que, na condição de esposa, acompanha o marido pelas ruas da cidade. A segunda é mestre Vicente Sicudeira, o qual pode ser identificado como uma pessoa que é/ou foi publicamente conhecida pelos cidadãos cametaenses. Outro elemento em voga contempla a delimitação do *espaço urbano*, representado pelas ruas da cidade acima mencionadas. O referido casal caminhava, contudo:

Avistaram na esquina Cipriano Santos uma pessoa [...] —Era um homem alto, enfatiotado... O personagem olhava para o céu, ereto, como se procurasse alguma coisa... Disse o Velho Jaime, —senti um frio percorrer meu corpo...! Seu olhar causava medo... Deu-nos as costas e de repente, um clarão e o homem desintegrou-se, transformando-se em estrelinhas; milhares de estrelinhas... O homem desapareceu (MOCBEL, 2009, p. 95).

Consideramos que o desfecho da narrativa confirma a presença de elementos sobrenaturais e inexplicáveis, os quais se integram e solidificam-se por meio do tempo, ou melhor, pelo espaço urbano cametaense, assim como também deixam perplexo o casal, que após o acontecimento, continua caminhar para casa e diz não sentir medo.

Apresentando elementos um tanto quanto comuns aos da narrativa de Tamer, consideramos que o testemunho do fato, mencionado por Mocbel diante do que foi vivido por pessoas próximas e de sua confiança, associa-se à problematização de Assmann (2011) em referência aos locais que —não apenas solidificam e validam a recordação [...] mas também por corporificarem uma continuidade da duração que supera a recordação relativamente breve de indivíduos, épocas e também culturas (ASSMANN, 2011, p. 318).

Compreende-se que a recordação associa-se a fatos comuns. Apesar de fazer alusões a épocas passadas, momentos vividos isoladamente, ou por meio de experiências

compartilhadas. A recordação, além de estar associada a algo que nos marca profundamente, também cria um elo com o passado. Um passado que pode ser apresentado por meio de memórias individuais e coletivas, já que dá relevo à histórias que deixam marcas e evidenciam a lembrança das pessoas idosas, como foi o caso de Seu Jaime Moraes e sua esposa, Dona Magui, a quem Mocbel resolveu homenagear.

### 3.4 SÍNTESE DO CONTEÚDO, ELEMENTOS ESTRUTURAIS E A RELEVÂNCIA DOS FATOS DESCRITOS PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA

O conteúdo das narrativas de Victor Tamer e Alberto Moia Mocbel relaciona-se a histórias fantásticas que tematizam questões sobrenaturais. Estas apresentam em comum espaços urbanos da cidade de Cameté, a exemplo do cemitério público, ruas, esquinas e travessas, tais como Jeremias Rodrigues, 13 de Maio e Cipriano Santos.

No que diz respeito a essas ruas, os autores as caracterizaram como —ruas desertas—. Outro ponto convergente é o fator escuridão, associado tanto ao período da noite propriamente dito, quanto à precariedade do sistema de abastecimento de energia elétrica da época.

A presença do caráter testemunhal e a questão da valorização da veracidade dos autores ao dar vazão aos relatos de pessoas próximas ou de sua confiança reforçam a ideia de credulidade tanto em relação ao ouvinte, quanto ao leitor dessas histórias.

Entende-se que ao rememorar essas histórias, ambos os autores não conseguem nos explicar como e quando surgiram. Tal fato nos permite lembrar histórias que costumamos ouvir quando crianças, criando em nossa mente um diversificado universo de histórias do qual também não sabemos explicar como e quando surgiu.

O intrigante mistério da assombração citada por Tamer e da figura enigmática citada por Mocbel, também se relacionam ao mito, haja vista que estas histórias também carregam consigo uma mensagem cifrada, isto é, assim como o mito.

Acordado com o contexto social em que foram relatadas e produzidas, compreendemos que nossas análises e interpretações tecidas ao longo do trabalho podem ajudar o leitor, no momento em que tiver contato com essas narrativas, a perceber também de que forma o mito pode influenciar na estrutura social de uma cidade, a exemplo da cidade de Cameté.



Por meio de relatos informais, foi possível perceber que o mito, na visão do cidadão cametaense, está atrelado à sabedoria popular que emana dos mais velhos. O respeito por seus ensinamentos e orientações ainda são aceitos por muitos jovens, que, temerosos, preferem aceitar a correr o risco de serem surpreendidos por almas, visagens e assombrações.

O surgimento de várias narrativas como essas se deve a fins de entretenimento, como bem sugere Tamer em relação às histórias de dormir que as empregadas de sua casa em Cameté costumavam narrar. Levando em conta este contexto, consideramos que o mito está efetivamente ligado à possibilidade de ser interpretado como um elemento fundamental na estrutura social da cidade, uma vez que, para manter as pessoas em casa, quando o fornecimento de energia elétrica era desativado, outras histórias também surgiram, a exemplo de —O frade sem cabeça||; —A procissão das almas||, também conhecida como —A procissão dos mortos||; —A carruagem vazia||, entre outras.

Diante dessas histórias da escuridão da noite e das ruas desertas, nas quais as brisas do Tocantins —assobiavam||, quem, portanto, duvidaria ou correria o risco de encontrar com os personagens que permeavam o imaginário da comunidade?

Everardo Rocha, no livro *O que é mito* (2008), afirma que —os mitos estão todos numa região da mente humana, a que chamam inconsciente coletivo, uma espécie de repositório que todos possuímos da experiência coletiva|| (ROCHA, 2008, p. 12). A citação do autor, análoga ao conteúdo das narrativas analisadas, apresenta uma estrutura próxima ao conto, já que nos estudos relacionados às narrativas, entendemos que esse gênero foi muito utilizado ao longo da história da humanidade porque aborda em sua ação temas do cotidiano e para nós os pontos de ação que centra, compreende os do cotidiano cametaense com a mesma intensidade, porque se configura como falado ou escrito.

O texto —Visagens e assombrações da infância II, conta com a presença de um narrador em 3ª pessoa ou narrador observador, já que sabe tudo sobre a história. A narrativa de Tamer tem como *personagens* principais a mulher de cabelo comprido e o caçador de pombas (Agapito). O *assunto* abordado na trama relaciona-se ao aparecimento da alma, ou o espírito de uma mulher que vaga nas ruas de Cameté e que tem, como destino final de seu trajeto, o cemitério público da cidade. A mensagem transmitida ao leitor ao final do texto é a de que é preciso ter coragem para encarar as coisas de frente.

Assim como o texto mencionado no parágrafo anterior, a narrativa —O homem estrela|| também conta com um narrador em 3ª pessoa. As *personagens* da narrativa de Mocbel são Jaime Moraes, Dona Magui e um homem alto. O *assunto* abordado no texto diz respeito à inércia de um homem, que, ao contemplar o céu com atitude estranha, chama a atenção de um

casal. Conforme já se disse, ao final este homem se desintegra e transforma-se em inúmeras estrelinhas. A mensagem transmitida ao leitor ao final do texto é a de que a desconfiança também nos serve de alerta, ou seja, todos são suspeitos, até que se prove o contrário.

Compreende-se que nas histórias sobre visagens e assombrações, outros elementos ligados ao campo do sobrenatural, como fantasmas ou figuras enigmáticas, geram medo e a desconfiança de populares, que dizem não desacreditar dos fatos descritos em narrativas desse gênero. Muitas figuras associadas às histórias sobre visagens e assombrações não são aceitas por parte dos leitores e ouvintes, porque alguns as consideram como sem fundamento e irreais. Contudo, o que mais nos chamou a atenção ao longo desta pesquisa foi o fato da maioria dos cametaenses terem um interesse especial pelos textos de Tamer e Mochel por conta do suspense que perdura ao longo das narrativas em geral.

Por mais que para alguns leitores realidade e fantasia não estabeleçam relações alguma, em Cametá, estas são aceitas e interpretadas. Algumas histórias de visagens e assombrações fizeram parte de um documentário local, transmitido aos fins de semana por uma emissora local chamada TV Tocantina. Nesse quadro, o apresentador era um senhor popularmente conhecido como Vavá Ranieri, que relatava histórias de fundo sobrenatural ou ia ao encontro de outras pessoas que as relatavam. Algumas vezes, mostrava lugares em que essas supostas visagens e assombrações apareciam. Atualmente, esse quadro não faz mais parte da grade da procuração da referida emissora.

Os exemplos acima descritos, relacionados aos casos sobrenaturais, podem ser interpretados em sua maioria como irreais, mas nessa pesquisa, após seleção, leitura e análise das narrativas de Tamer e Mochel, passamos a refletir que a existência e a permanência de histórias em seus mais variados gêneros, efetiva e consolidada o surgimento dos estudos sobre narrativas orais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas apresentadas são fundamentais para a manutenção da memória, da história e da tradição do município de Cameté. Além de permitirem o contar e o recontar de histórias que marcam culturalmente o povo do referido município, também nos permitem estabelecer uma relação com o tempo, no sentido de perceber os avanços e melhorias em relação à configuração do espaço urbano no qual esses narradores e moradores estão inseridos.

A cidade de Cameté certamente é rica em inúmeras narrativas orais que ainda precisam ser contadas, recontadas e publicadas. Tal afirmação justifica-se à medida que se percebeu nas conversas informais que muito da memória local ainda precisa ser registrada e discutida, seja do ponto de vista histórico, literário ou acadêmico.

Um dos principais objetivos perseguidos ao longo deste trabalho foi fundamentar os elementos da memória que explicam as narrativas orais e a tradição histórica. Aspectos estes, por sua vez, determinantes para que muitas histórias como as narrativas analisadas aqui se eternizem ainda mais na memória literária dos cametaenses.

Consideramos que nosso estudo contribui na ampliação de novas pesquisas rumo a outros olhares referentes às produções locais não apenas voltadas para o estudo das obras de Victor Tamer e Alberto Moia Mocbel, mas também de outros autores de forma geral, que, assim como os dois autores mencionados e estudados aqui, trabalham em prol da preservação da memória cultural, histórica e geográfica de seu povo.

É comum não lembrarmos com riqueza de detalhes tudo o que aconteceu, foi ensinado, ou o que já aprendemos ao longo da vida. Portanto, seria difícil em apenas alguns meses de pesquisa *in loco* selecionar apenas uma ou a mais eficaz teoria sobre a categoria memória. Neste sentido, todas as teorias referentes ao estudo da memória são importantes e precisam ser analisadas com rigor. Por uma questão didático-metodológica, as discussões aqui tecidas acerca da memória e narrativa visaram a apresentar ao leitor algumas relações pontuais no modo como os narradores de histórias recorrem as suas memórias para organizar ideias e lembranças.

Diante de tudo o que foi exposto, os estudos que mais nos chamaram a atenção dizem respeito à capacidade seletiva que todos nós temos em —escolher— determinado acontecimentos. Tal afirmação se deve ao fato da memória humana expressar toda essa capacidade que o indivíduo tem em selecionar lembranças importantes ou fatos que podem ser descartados por inúmeras razões, tais como as lembranças de nossa infância, do período

escolar, festas familiares, relacionamentos amorosos, conversas com amigos, entre outras. Esta capacidade de selecionar lembranças ou fatos importantes nos ajuda a reter somente às experiências que venham a ter um significado.

Sob este prisma, foi possível analisar a memória e a história da cidade de Cameté com base em estudos realizados acerca de memória, tradição e história oral. Ao longo dos meses de pesquisa, que antecederam a escrita desta dissertação, os estudos literários relacionados aos temas de cultura e história, com ênfase nas manifestações escritas e literárias, foram fundamentais para o amadurecimento de concepções que nos permitiram a compreender as memórias individuais dos autores Victor Tamer e Alberto Moia Mocbel.

As narrativas cametaenses são partes constituintes da memória coletiva ou social, sejam elas por meio de textos, relatos ou testemunhos que, por sua vez, culminam em práticas reflexivas já que é levando em conta o convívio social que podemos falar agir e garantir a nossa própria identidade cultural.

Tamer e Mocbel são escritores que sempre tiveram participação no processo de manutenção da memória cametaense. Analisando a temática de suas obras nesses últimos meses, percebemos que elas transmitem tanto a sua geração, quanto às novas, relatos de fatos e vivências que ainda são fundamentais para informar a comunidade local em relação aos aspectos simbólicos da história, cultura e tradições locais. Consideramos que mesmo na condição de idosos, o papel desses dois escritores é extremamente importante, porque ambos contribuíram para o fortalecimento da identidade histórica e cultural da população cametaense.

Por fim, pode-se asseverar que a responsabilidade depositada sobre os idosos também cabe aos jovens, no sentido de preservar aspectos do passado cametaense. É interessante que os jovens iniciem o mapeamento e a coleta de narrativas ali presentes e, após o cumprimento desta etapa, possam elaborar projetos que, de alguma forma, venham a subsidiar uma possível construção de um centro de memórias. Logo, é papel de cada cidadão compreender a importância que estes espaços ou lugares de memória possuem, à medida que as relações que estabelecemos com o passado determinam as do presente e do futuro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AHMAD, Aijaz. Teoria literária e literatura do terceiro mundo: alguns contextos. In: *Linhagens do presente*: São Paulo: Boitempo, 2002.

ALBERTI, Verena. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: CPDOC/FEV, 1989.

AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002.

ARANTES NETO, Antônio Augusto. *Paisagens paulistanas: transformações do espaço público*. Campinas: UNICAMP, 2000.

ASSMANN, Alaida. *Espaço da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Trad. Paulo Soethe. Campinas: ed. da Unicamp, 2011.

BARTHES, Roland. *Análise estrutural da narrativa*. Trad. Maria Zélia Barbosa Pinto. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BHABHA, Homi. Locais da Cultura. In: *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARDOSO, Sílvia Helena. 1997. Memória: o que é e como melhorá-la. *Revista Mente e Cérebro*, n.1, 1997.

FENELON, Déa Ribeiro. Políticas culturais e patrimônio histórico. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.). *O direito à memória: Patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: DPH, 1992.

FERREIRA, Waldemar Neto. *Tradição oral e produção de narrativas*. São Paulo: Centauro, 2008.

FERREIRA, Jerusa Pires. *Armadilhas da Memória e outros ensaios*. Cotia: Ateliê editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. Os Ofícios Tradicionais. Cultura é memória. *Revista USP*, São Paulo, n. 29, 1996.

HALBWACHS, Maurice. *Memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

IZQUIERDO, Ivan. *Memória*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LARÊDO, Salomão. *Terra dos Romualdos – País dos Maparás: Memória da Amazônia Tocantina: etnoliteratura, teologia cultural, mitopoética, fotomemória – autoficção – mitomemória (?)*. Belém: Salomão Larêdo editora, 2013.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão 5. ed. Campinas: editora da Unicamp, 2003.

LEMOS, Carlos A. C. *O que é patrimônio histórico*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividade de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

MOCBEL, Moia Alberto. *Ecos Cametaenses*. Cametá: Grão-Pará, 1985.

\_\_\_\_\_. Homem estrelal. In: *Luzes da Inspiração: Contos, Crônicas, Poesias e Pensamentos*. 5. ed. Cametá: Gráfica da Prelazia, 2009.

\_\_\_\_\_. *Recordações e Saudades*. Cametá: Belgráfica, 1988.

MOURA, Ignácio Batista de. *De Belém a S. João do Araguaia*. Valle do Rio Tocantins: H. Garnier livreiro, 1910.

NETO, Arantes. *Paisagens paulistanas: transformações do espaço público*. Campinas: UNICAMP, 2000.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Trad. Yara Khoury. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de Histórias da PUC/SP*. São Paulo, n. 10, 1993.

POLLAK, Michel. *Memória e Identidade Social: Estudos históricos*. Rio de Janeiro, n. 10, v. 5, 1992.

\_\_\_\_\_. *Memória, esquecimento, silêncio: Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Vértice, 1989.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tomo S. Paulo: Papyrus, 1983.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da e ECKERT, Cornelia. —Os jogos da Memória [s.d]. Artigo disponível em <ser.ufrgs.br/iluminuras/article/viewfile/9108/5223>.

ROCHA, Everardo. *O que é mito*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

RODRIGUES, Doriedson do Socorro. *Marcadores Conversacionais: um estudo sobre os marcadores —Parente e —Que tá? – Tá bom no município de Cametá/Pa*. Cametá: Coleção Novo Tempo Cabano, v. 2, 2003.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

SIMÕES, Maria do Socorro. Narrativa: um percurso teórico em discussão. In: *Narrativa oral e imaginário amazônico*. Belém: GEO, 1999.

TAMER, Sérgio Victor. —Visagens e assombrações da infância II. In: *Crônicas e Memórias*. Sérgio Victor Tamer; Sérgio Martins Tamer (Orgs). São Luís: Gênese, 2012.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2002.

VANDERLEI, Kaline e SILVA, Maciel. *Dicionário de Conceitos Históricos*. São Paulo: Contexto, 2006.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. São Paulo: Huiatec, 1997.



# **ANEXOS**

**ANEXO A****CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS E AUTORIZAÇÃO  
PARA PUBLICAÇÃO EM MEIO ELETRÔNICO**

Eu, \_\_\_\_\_ (nome completo), \_\_\_\_\_ (nacionalidade), \_\_\_\_\_ (estado civil), \_\_\_\_\_ (cargo), portador da célula de identidade nº \_\_\_\_\_, expedida por \_\_\_\_\_ (órgão expedidor e UF), pelo presente termo, autorizo **Vivianne da Cruz Vulcão** a utilizar em sua dissertação de mestrado, de forma gratuita, isto é, livre de qualquer ônus, as informações a ela concedidas, em forma de entrevista, bem como as fotografias avulsas nas quais apareço sozinho e acompanhado, desde que citada a fonte. Declaro também que, referente a presente autorização e cessão de direitos, para fins acadêmicos, nada tenho a reclamar no presente e nem no futuro.

Por ser verdade, firmo o presente e dou fé.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

---

ALBERTO MOIA MOCBEL

## ANEXO B

### ENTREVISTA CONCEDIDA PELO ESCRITOR ALBERTO MOIA MOCBEL A MESTRANDA VIVIANNE DA CRUZ VULCÃO

Cametá, 14 de setembro de 2013.

O Senhor Alberto Moia Mocbel concedeu entrevista, para fins acadêmicos, à mestranda Vivianne da Cruz Vulcão. O entrevistado marcou o horário das 8 h, no dia 14 de setembro do ano de 2013, em sua residência na cidade de Cametá. O tempo total de duração da entrevista foi de aproximadamente 1h e 45 min.

Ao encontrá-lo no pátio de sua residência se embalando numa confortável cadeira de vime, percebi que Seu Alberto escutava ao longe uma música e cantarolava uma de suas composições. A curiosidade aguçada pela sonorização me fez perceber logo depois que se tratava de uma valsa.

Seu Alberto me aguardava com muita elegância e logo me deixou a vontade em sua confortável sala de visitas. Para não quebrar o protocolo referente ao costume cametaense de não ir visitar alguém em sua casa de —mãos vazias<sup>30</sup>, entreguei-o um pequeno pote de doce de buruti<sup>30</sup> (popularmente conhecido como miriti) que continha também coco ralado, feito por minha mãe, Maria Marciana da Cruz Vulcão. Seu Alberto sorriu e prontamente agradeceu a pequena lembrança. Pediu licença levantou e, para a minha grata surpresa, me presenteou com dois CD'S musicais contendo composições de sua autoria.

No início da entrevista, quando questionado sobre o seu nome completo e data de nascimento, disse se chamar Alberto Moia Mocbel, mas que prefere assinar seus trabalhos como Alberto Mocbel. Tendo nascido no dia 31/08/1930, revelou ser descendente de libaneses. Quanto a sua escolarização, afirmou, com bastante orgulho, ter apenas o Primeiro Grau dos estudos primários e o Curso de Sargento e de Telegrafia. Em relação a possibilidade de depois ter obtido o Segundo Grau, contou, muito resumidamente, que, quando prefeito da Cidade de Cametá, tentou ampliar a oferta de estudos aos cametaenses, ao ponto de ter recebido grandes incentivos por parte dos professores que os instruíam a acompanhar as aulas. O escritor até iniciou a empreitada, mas sentiu dificuldades nos estudos de língua estrangeira e matemática, mas preferiu desistir.

---

<sup>30</sup> Fruto nutritivo de uma das maiores palmeiras da Amazônia. O burutizeiro é característico de áreas alagadas.

Ao responder sobre suas predileções de leituras, afirmou não se considerar um leitor assíduo, pois seu interesse parte muitas vezes de um título que lhe chame a atenção ou de indicações por meio conversas informais tidas com amigos e conhecidos. Entre sorrisos, disse —não ler tanto para não correr o risco de copiar outros autores, mas confessou já ter lido alguns dos principais cânones da literatura brasileira como as poesias de Gonçalves Dias. Disse ainda manter o hábito de ler crônicas e que pretende lançar, até o final do ano de 2014, uma reedição do livro *Zé do Povo* (1994) – devido à primeira tiragem ter sido muito reduzida, juntamente com o seu mais novo trabalho: *Crônicas Caboclas*, a ser editado futuramente.

Ainda sobre as suas futuras produções, também comentou a possibilidade de lançar um CD com seis hinos inéditos. Entre as composições está uma valsa dedicada a sua esposa devido às bodas de ouro que comemorarão ao final do ano.

Mesmo sendo autor de vários livros, compositor de hinos comemorativos de inúmeras marchinhas de carnaval, peças teatrais e outros, revela ainda já ter tido muitas dificuldades ao escrever e pesquisar. Foi graças ao incentivo recebido de Jarbas Passarinho, Victor Tamer e muitos outros amigos próximos, que conseguiu lançar o seu primeiro livro: *Ecos Cametaenses* (1985). Acerca dos temas recorrentes em suas produções, afirma ter interesse pela cultura local, identidade, etc.

Mencionou o quanto a implementação da Universidade Federal do Pará (UFPA), em especial a consolidação do Campus Universitário do Tocantins em Cametá, foi positiva diante da valorização e do resgate da cultura cametaense. Sobre isso, lembrou o quanto se sentiu honrado ao saber que um dos auditórios do Campus levaria o seu nome. Aproveitou a oportunidade para agradecer aos professores Gilmar Pereira, Doriedson Rodrigues e Orlando Cacique por toda a consideração que sentem por ele, toda vez que é convidado para palestrar no auditório do Campus Universitário do Tocantins, em inaugurações escolares, noite de autógrafos por ocasião de lançamentos de livros de outros escritores locais, câmaras municipais e solenidades em geral. Também pela oportunidade das viagens realizadas por ele na companhia dos docentes mencionados.

Ao relatar suas memórias sobre o período em que exerceu o cargo de prefeito do Município de Cametá, disse ter preservado ainda mais sua identidade cabocla durante o seu período de mandato, à medida que percebia o quanto o compromisso cultural deveria ser incentivado, tendo participado da criação dos símbolos do município tais como a bandeira, o brasão de armas e o Hino de Cametá, conforme as especificações contidas no livro *Ecos Cametaenses*. Disse ter sido convidado recentemente para a abertura oficial das solenidades pátrias, porém ficou desapontado ao saber que a placa informativa da Praça da Bandeira havia

sido retirada. Contudo, atualmente está mais tranquilo ao perceber o engajamento do atual vice-prefeito, professor Osvaldo Barros, em recolocar essas placas.

Um dos grandes destaques da entrevista ocorreu quando seu Alberto relatou que muitas de suas narrativas relacionavam-se ao fato de as luzes da cidade apagarem cedo. Por volta das 21h, todo o sistema elétrico era desativado. Disse que esse sistema era movido a carbureto e que, quando criança, ouvia seu pai contar que antes desse sistema havia outro no qual as pessoas precisavam subir nos postes e acendê-las.

Como morou na primeira rua da cidade, recorda-se que na época em que tinha 10 anos de idade, uns oito postes de ferro ficavam próximos a sua casa. Junto de outros colegas, costumava brincar próximos aos postes, objetivando fazer que alguns dos transeuntes, ao parar para bater papo, acabavam encostando-se aos postes de ferro, tomando um grande susto ao sentirem choque. Numa expressão de largo sorriso, contou-me esses detalhes.

Complementou ainda recordando que tais postes faziam parte das principais vias públicas da cidade, já que na antiga Rua São Bernardo, atual Rua São João Batista, havia vários. Da mesma forma, se lembrou e contou-nos que existiam postes iguais aos descritos, no caminho da —Estrada da Aldeial<sup>31</sup>. Para fundamentar esse exemplo, comentou que lembrou um dia em que voltou à noitinha das bandas de lá, em meio a um passeio familiar, e recordou-se que na vinda viu esses mesmos postes do lado das igrejas e nas principais praças da cidade.

Nesse momento da entrevista, seu Alberto faz alusão a uma das narrativas presente no livro *Luzes da Inspiração* (2009), no qual relata uma das histórias de seu pai. Este o contou certa vez que, ao vir de determinado ponto da cidade, em altas horas e já bem escuro, viu, ao longe, a projeção de um grande vulto. Ao se aproximar do vulto, percebeu que nada mais era do que uma folha de bananeira inclinada, motivada pelas brisas do —Rio Tocantins<sup>32</sup>.

No que se refere à contextualização de suas produções literárias frente a outras existentes, ou seja, de outros escritores locais, afirmou que as produções cametaenses, em linhas gerais, são produções apaixonantes e que sempre procurou imprimir em seus textos o sentimento do coração cametaense. Tudo o que viveu, vive e observa o inspira e se transforma, involuntariamente, como fonte de produção.

Em meio a suas recordações e ao atender à solicitação de relatar algo sobre o escritor cametaense Victor Tamer – referenciado no trabalho – disse ter tido ligação estreita com a família Tamer. A esse respeito, comentou que sempre acompanhava seu pai Elias, as vistas na

<sup>31</sup> —Estrada da Aldeial é como as pessoas se referem ao percurso que leva até a Praia, que se Chama —Aldeia dos Parijós. Atualmente é um dos bairros mais frequentados pelas pessoas que apreciam correr, caminhar e praticar atividades físicas no local.

<sup>32</sup> Margem esquerda do Rio no qual a cidade está situada.

casa do velho Tamer aos fins de semana, apenas por curiosidade, pois seu pai e Armindo Tamer, ambos descendentes de libaneses, conversavam em linguagem libanesa e era gostoso ouvi-los falar daquele jeito diferente.

Pelo fato de Victor Tamer ser mais velho do que Alberto Mocbel, nessa época de visitas, Victor já morava e estudava em Belém. Da relação entre os dois escritores, consideramos que seus laços estreitaram-se em meio à produção e publicação do primeiro livro de Alberto Mocbel, *Ecos Cametaenses* (1985). Diante desses fatos, mais tarde, quando Victor se tornou membro da Academia Paraense de Letras, convidou Alberto Mocbel para ser correspondente em Cametá, convite que Mocbel aceitou e se empenha até hoje para honrar.

Alberto Mocbel em comum acordo com o amigo e compadre conterrâneo, Gerson dos Santos Peres, disse sonhar em caminhar no cais da cidade e ver contido ou pelo menos minimizado, o problema da erosão que, infelizmente, ainda não foi solucionado. Diante do comentário de seus esforços, quando gestor, e da lembrança de suas produções literárias, terminou a entrevista considerando que —Tocantins<sup>33</sup> é a poesia que mais gosta, já que fala dos problemas da erosão do solo cametaense, do desmoronamento do cais e porque conseguiu expressar no papel, alguns dos sentimentos que direciona ao —querido chão cametaense

---

<sup>33</sup> Poesia disponível no capítulo intitulado —Poesias e Pensamentos e pertencente ao livro *Luzes da Inspiração*.

## ANEXO C

TAMER, Sérgio Victor. —Visagens e assombrações da infância II. In: *Crônicas e Memórias*. Sérgio Victor Tamer; Sérgio Martins Tamer (Orgs). São Luís: Gênese, 2012. p. 91.

Na minha infância, vivi, também, o tempo em que muito se falava de visagem e assombrações. A deficiente iluminação pública a querosene e dos candeeiros, que se apagavam com o vento em nossa casa, forneciam a penumbra necessária para o esconderijo das almas penadas do outro mundo. E a imaginação infantil, sempre temerosa do escuro da noite, logo pensava que era de visagem qualquer ruído no quarto de dormir.

O esplendor de a luz solar no dia seguinte era um alívio para segurança que nos transmitia de que os maus espíritos já se haviam recolhido.

Corria nesse tempo em Cametá o boato de que uma mulher de cabelo comprido vagava alta hora da noite pelas ruas desertas e desaparecia, tomando o rumo do cemitério. Essa versão, contada com firmeza por quem já tinha visto, aumentava a credulidade das pessoas temerosas e muito mais ainda do nosso medo infantil.

Tanto disso se falou, que um corajoso de nome Agapito, conhecido como caçador de pombas do mato, tomou a si a decisão de desvendar o intrigante mistério da assombração. Armou-se então de sua espingarda de perdigueiro e numa bela noite de luar, a preferida da aparição, pôsse de tocaia junto a um poste de luz apagada, à espera da mulher da meia-noite que lá costumava passar.

Lá pelas tantas, na curva de uma rua a lua clareava, viu ele um vulto que se aproximava, tomando a forma de gente. Não teve dúvida, é ela. Era. A visagem, porém, notando que alguém a espiava, apressou os passos, a cabeça brilhando à luz do luar, seguindo direto no caminho do cemitério. O caçador, de espingarda em punho, não se aterrorizou e seguiu atrás. Sentindo que o perseguidor não desistia e encontrando o portão do cemitério fechado, virou-se a visagem rápido e, frente à frente com o matador de pombas, exclamou: Seu Agapito, você já é corajoso!

## ANEXO D

MOCBEL, Moia Alberto —Homem estrelal. In: *Luzes da Inspiração: Contos, Crônicas, Poesias e Pensamentos*. 5ª ed. Cametá: Gráfica da Prelazia. 2009. p. 94-5.

Até hoje não sei explicar. Se o relato partisse de qualquer desconhecido, certamente eu levaria à conta da mentirinha e do desejo de criar. Entretanto o interlocutor foi um dos mais respeitáveis homens que conheci, o velho Jaime Moraes, meu sogro e amigo, conhecido artista, feitor de violões e excelente conceito nos meios sociais de Cametá.

O velho Jaime gostava de rememorar fatos ocorridos a quando de sua juventude, principalmente casos sobrenaturais.

Um de seus relatos deixou-me perplexo, pois o fato ocorreu com ele mesmo, portanto, para mim, digno de crença.

O cenário, como não poderia deixar de ser, foi uma das desertas artérias de nossa cidade. Seria menos de 11:00 h da noite. A rua deserta; a escuridão completa, mesclada apenas pela tênue claridade das lâmpadas no alto dos postes de ferro, distribuídos em largos espaços, entre um e outro. Vinha ele em companhia da esposa, Dona Magui. Caminhavam lentamente rumo à sua casa, localizada na, hoje, Jeremias Rodrigues, vindos da 13 de Maio, pela travessa do mestre Vicente Sicudera. Conversavam Baixinho. Avistaram na esquina Cipriano Santos uma pessoa. Tudo bem continuaram a caminhada tranquilamente, porém ao aproximarem-se da pessoa perceberam que não a conheciam. Era um homem alto, enfatiotado, o que não era de estranhar, pois era comum os homens andarem de paletó e gravata. O personagem olhava para o céu, ereto, como se procurasse alguma coisa. Bem próximo, o velho Jaime deu-lhe boa noite e não obteve resposta. —naquele instantel, disse o velho Jaime, —senti um frio percorrer meu corpo, mas ainda tive coragem e perguntei a ele se precisava de alguma coisa. —Ele fitou-me. Seu olhar causava medo. Não dissera sequer uma palavra, deu-nos as costas e de repente, um clarão e o homem desintegrou-se, transformando-se em estrelinhas; milhares de estrelinhas.

Em seguida não vimos mais nada. O homem desapareceu. Ficamos por alguns segundos, petrificados, sem fazer qualquer comentário e reiniciamos a caminhada sem olhar para trás. Já em casa rememoramos o acontecido. Nossos comentários coincidiam. O mais engraçado é que não sentíamos medo. Rezamos e dormimos tranquilamente.